

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE

ROSE OLIVEIRA CUNHA

**TRANSFERÊNCIA: A CAUSA DA SUBVERSÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

RIO DE JANEIRO, Dezembro de 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**TRANSFERÊNCIA: A CAUSA DA SUBVERSÃO DO DISCURSO
CIENTÍFICO**

ROSE OLIVEIRA CUNHA

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do
Título de Mestre em Psicanálise**

Orientador: LUCIANO ELIA

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 2007

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação à minha filha Beatriz Cunha dos Santos que me acompanhou em mais uma etapa, compreendendo o tempo que não pude dividir com ela e quanto significa para mim a Psicanálise.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Luciano da Fonseca Elia pela orientação e respeito as minhas elaborações neste trabalho.

A minha analista Lucia Perez pela condução de minha análise pessoal e por seu testemunho quanto à escolha do mestrado.

Aos meus pacientes que me suscitaram tantas questões sobre a transferência e viabilizam o descobrimento da Psicanálise a cada sessão.

Ao Corpo Freudiano, lugar de transmissão da Psicanálise voltado para o ensino e a pesquisa, em que pude participar como membro durante bastante tempo.

Aos meus pais pelo rigor na minha educação.

Ao meu melhor amigo Alexandre Bustani Louzada pelo incentivo e apoio em todas as horas.

A, minha filha postíça, Katharina Monteiro que sempre esteve disposta a me ajudar no que fosse preciso para execução prática desta dissertação.

Aos meus amigos Antonio Soares, Audicéa Sales, Bruna Xavier, Elayne Nery, Fernando Pontes, Isabel Silva, Ivone Nascimento, Jorge Ricardo, Joubert dos Santos, Júlia Moreira, Luciane Melo, Milton Junior por participarem diretamente ou indiretamente de mais essa empreitada na minha vida.

Resumo

Pretendemos nesta dissertação destacar a importância da transferência como causa de mudança do discurso científico para o discurso psicanalítico, analisando-a ao longo das elaborações freudianas e lacanianas. Quanto às últimas, principalmente, no que concerne a tese de Lacan sobre a correlação do sujeito da ciência e da psicanálise. Nossa hipótese é a de que o pivô desse corte foi o encontro com a transferência.

Partimos do princípio que para mostrarmos a relação entre psicanálise e ciência, primeiro é necessário que saibamos a história da ciência e os princípios sob os quais se constitui seu discurso. Através da história da ciência reuniremos os elementos necessários para mostrar que a psicanálise é tributária do discurso científico e como esse teve seus efeitos na clínica freudiana.

A seguir trataremos mais especificamente da relação entre a psicanálise e o discurso científico, apontando as diferenças discursivas e, com isso, a subversão a partir de sua filiação a ciência. Abordaremos a relação de Freud com a medicina, seus tratamentos iniciais das histéricas e a constituição da psicanálise a partir da questão da fantasia em contraponto ao saber científico.

E por fim discorreremos mais extensamente sobre a transferência na obra de Freud e de Lacan com objetivo de pontuar as mudanças discursivas operadas, a partir dela, no discurso científico. De maneira a correlacioná-la a passagem do discurso científico para o psicanalítico, mostrando-a como pivô dessa passagem.

Resumé

Nous avons l'intention dans cette dissertation de détacher l'importance du comment de le changement du discours scientifique pour le discours psychanalytique, en analysant pendant des temps les élaborations de Freud et Lacan. Quant aux dernières, principalement, dans le que ce concerne à la thèse de Lacan sur la corrélation du sujet de la science et de la psychanalyse. Notre hypothèse c'est que le pivot de ce coupe a été la rencontre avec la transfert.

On part du début que pour montrer la relation entre la psychanalyse et la science, avant il faut qu'on sache l'histoire de la science et l'origine sous lesquels se construit son discours. À travers de l'histoire de la science on réunira les éléments nécessaires pour montrer que la psychanalyse est tributaire du discours scientifique et comme celui là a eu ses effets dans la clinique de Freud

A Poursuivre on analysera plus spécifiquement la relation entre la psychanalyse et le discours scientifique, remarquer les différences et, avec ça, la subversion au départ de sa filiation à la science. On abordera la relation de Freud avec la médecine, ses traitements initiaux hystériques et la constitution de la psychanalyse à partir de la question de la fantaisie en contrepoint au savoir scientifique.

Et par fin on discutera plus extensivement sur la transfert dans l'œuvre de Freud et de Lacan avec l'objectif de relever les changements discursifs opérés, à partir d'elle, dans le discours scientifique. De façon à la corréler au passage du discours scientifique pour le psychanalytique, en lui montrant comme pivot de ce passage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1: DA ANTIGÜIDADE À PSICANÁLISE	04
1.1 - Idade Média	06
1.2 – Aristóteles	07
1.3 – Renascimento	10
1.4 – Copérnico	11
1.5 – Galileu	13
1.6 – Descartes	17
1.7 - De Descartes à psicanálise	19
CAPÍTULO 2: A PSICANÁLISE E A CIÊNCIA	24
2.1 – Freud e a medicina	30
2.2 – A hipnose	34
2.3 – A fala	35
2.4 – O abandono da hipnose	39
2.5 – A associação livre	40
2.6 – A psicanálise e a ciência	43
2.7 – A subversão	48
CAPÍTULO 3: A TRANSFERÊNCIA	51
3.1 – A transferência e seu manejo na clínica: a novidade freudiana	52
3.2 – A transferência em Lacan	59
3.2.1 - O desejo	60
3.2.2 – O discurso do mestre e o discurso da psicanálise	65
3.2.3 - Alienação e separação	75
3.2.4 - O toro	78
3.2.5 - O <i>Banquete</i> de Platão	81

3.2.6 - O sujeito suposto saber (SsS)	83
3.2.7 - Transferência e repetição	86
3.2.8 - A transferência e o desejo do analista	87
3.2.9 - O real, o simbólico e o imaginário na transferência	89
3.3 – A transferência como ponto de rompimento com o saber científico	91
CONCLUSÃO	94
BIBLIOGRAFIA	99

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado tem por objetivo destacar a importância da transferência como causa de mudança do discurso científico para o discurso psicanalítico.

Este tema já há muito me acompanha como objeto de estudo, suscitado pelas análises que conduzo e resultado de meus estudos no campo da psicanálise, visto que a transferência é condição “sine qua non” para que haja análise.

Sendo assim, como trabalho final da graduação em Psicologia pela FAHUPE, apresentei o trabalho intitulado: *A transferência*, no qual estudei a construção do conceito de transferência nos textos de Freud.

Este tema continuou me instigando em meus estudos freudianos e lacanianos. E como consequência acabei por produzir como monografia final do Curso de Especialização em Psicologia Clínica, apresentei o trabalho intitulado: *Transferência e constituição do sujeito*. Tal trabalho foi motivado pela indagação: *Como a transferência surge como fenômeno e no que ela se articula com a constituição do sujeito?*

No trabalho supracitado investiguei o conceito de transferência, na obra freudiana e sua retomada por Lacan, relacionando-a com a constituição do sujeito. Agora proponho um novo desdobramento na investigação teórico-conceitual da transferência como causa de subversão do discurso científico e passagem para o discurso psicanalítico.

Segundo Jacques Lacan, existe uma operação epistemológica feita por Freud em relação à ciência, no surgimento da psicanálise. O ponto principal seria o corte exercido entre o pensamento antigo e o pensamento moderno, a partir do qual se inaugura a ciência moderna e, conseqüentemente, o sujeito da ciência, momento após o qual a psicanálise pôde surgir. Trata-se de uma exclusão do sujeito pela ciência moderna e de uma re colocação dele pela psicanálise. Se a ciência tentou banir a causa, a psicanálise se propôs a escutá-la: o próprio sujeito na sua singularidade.

Nossa hipótese é a de que o pivô desse corte foi o encontro com a transferência. O campo psicanalítico é unânime em um ponto: não há psicanálise sem transferência. A transferência é, portanto, ponto crucial para que haja análise. Na proposição de 9 de outubro de 1967, Lacan fundamenta um estatuto para a formação dos analistas, num discurso

pronunciado na EFP: “No começo da psicanálise, está a transferência. Está lá graças ao que chamaremos na orla destas palavras: o psicanalisante.”¹.

O campo psicanalítico se reconstitui a cada vez sob transferência, de forma que o campo psicanalítico e o campo transferencial se estruturam analogamente, como também se estrutura o sujeito. O campo transferencial, ao se estabelecer, refaz a cada vez a estruturação do sujeito, elemento excluído pela ciência.

Assim, resolvi estudar mais a transferência para demonstrar como esse fenômeno tirou Freud definitivamente do discurso científico e o levou a produzir um novo saber, no qual a transferência é peculiarmente manejada.

O primeiro capítulo é dedicado ao discurso científico em si. Partimos do princípio que para mostrarmos a relação entre psicanálise e ciência, primeiro é necessário que saibamos a história da ciência e os princípios sob os quais se constitui seu discurso. Através da história da ciência seremos capazes de reunir os elementos necessários para mostrar que a psicanálise é tributária do discurso científico e como este teve seus efeitos na clínica freudiana. Para tanto, delinearei os aspectos relevantes da construção do discurso científico, seguirei os passos de Lacan, utilizando a abordagem de Koyré, que possui um interesse particular pela transição do pensamento, utilizando-se de critérios de cortes epistemológicos para constatar a instauração da ciência por Galileu e Descartes.

Começaremos na Idade Média, mostrando a relação entre ciência e religião, característica dessa época, e como as idéias de Aristóteles foram importadas e adaptadas a esse novo contexto.

Seguiremos, então para o Renascimento, o movimento que atingiu a Filosofia, as Artes e, naquilo que nos interessa, as ciências. O Renascimento foi responsável por diversas transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas, caracterizando-se como um corte em relação à estrutura medieval porque pregava um repúdio à concepção filosófico-teológica medieval, marcada por uma visão teocêntrica e uma valorização de uma série de valores e ideais relacionados à celebração do ser humano, colocando a dignidade e as necessidades do ser humano em primeiro plano e utilizando um senso crítico mais elevado.

Em seguida, mostraremos como Copérnico permitiu a emancipação da cosmologia da teologia e como Galileu introduz uma ruptura entre a tradição aristotélica de percepção do mundo pelos sentidos e o mundo real sem qualidades, entendido por leis matemáticas.

¹ LACAN, *Proposição de 9 de outubro de 1967*, p. 32

Galileu não confiava na ciência desprovida da matemática, como era a física de Aristóteles, porque os sentidos induzem ao erro. Galileu, portanto, promove a matematização da ciência, inaugurando a ciência moderna onde a natureza e o ser possuem explicações matemáticas.

E, finalmente, mostraremos com Descartes tenta diferenciar o que é verdade daquilo que não é, portanto, falso, o que implica no abandono de antigas crenças e tradições, ou seja, banir as qualidades, consideradas como subjetivas por ele. A dúvida possibilita testar a idéia para verificar se ela é confusa ou não. A dúvida é utilizada por Descartes como ação, uma operação investigativa. A dúvida é a mola propulsora do método cartesiano, aquele que foi a base da ciência moderna.

Dedicaremos o segundo capítulo a tratar mais especificamente da relação entre a psicanálise e o discurso científico, apontando as diferenças discursivas e, com isso, a subversão a partir de sua filiação a ciência. Assim, abordaremos a relação de Freud com a medicina, seus tratamentos iniciais das histéricas e a constituição da psicanálise a partir da questão da fantasia em contraponto ao saber científico. Bem como seu percurso de médico, sua utilização da hipnose, sua utilização da sugestão e finalmente a da associação livre, marcando o início da psicanálise.

No terceiro capítulo discorreremos mais extensamente sobre a transferência na obra de Freud e de Lacan com objetivo de pontuar as mudanças discursivas operadas, a partir dela, no discurso científico. De maneira a correlacioná-la a passagem do discurso científico para o psicanalítico, mostrando-a como pivô dessa passagem. Destacaremos alguns pontos a cerca da transferência no decorrer da obra freudiana e concluiremos com as observações feitas por Lacan acerca desse percurso.

CAPÍTULO 1

DA ANTIGÜIDADE À PSICANÁLISE: A HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Começemos por abordar a relação entre o discurso psicanalítico e o discurso científico, iniciando nossa abordagem pelo discurso científico. Não pretendemos neste capítulo esgotar a discussão sobre o discurso científico, apenas percorrer os desenvolvimentos essenciais de sua história que nos ajudem a elucidar o passo epistemológico dado por Freud na construção da Psicanálise.

Percorrendo a história da ciência talvez sejamos capazes de reunir os elementos necessários para demonstrar que a psicanálise é tributária do discurso científico e como este discurso teve influência na clínica freudiana. Em verdade, é necessário reconhecer a filiação da psicanálise em relação à ciência e perceber que a questão do discurso científico lhe é peculiarmente importante, a começar porque foi da tradição científica que ela surgiu.

Entretanto nada disso significa, que a psicanálise seja necessariamente uma ciência: não entraremos nesta discussão momentaneamente. Interessa-nos ressaltar que a psicanálise não poderia ter surgido sem a Ciência Moderna.

Para tanto ao delinear os aspectos relevantes da construção do discurso científico, seguiremos os passos de Lacan, utilizando a abordagem de Koyré, que tem interesse particular pela transição do pensamento, utilizando-se do critério de cortes epistemológicos para constatar a instauração da ciência por Galileu e Descartes.

Para se empreender uma leitura epistemológica da operação freudiana, que resultou no surgimento da psicanálise, é preciso recorrer à passagem do pensamento antigo para o moderno, que tem lugar ao final da Idade Média, durante a qual as pretensões cientifzantes da Escolástica reeditaram o aristotelismo, e situar, nesta passagem. O aparecimento das condições de possibilidade do surgimento da psicanálise.

O ponto principal é o corte exercido entre o pensamento antigo e o pensamento moderno, a partir do qual se inaugura a ciência moderna que, segundo o que Jean-Claude Milner denomina de Doutrinal de Ciência de Jacques Lacan², implicou o sujeito da ciência, condição de possibilidade para o surgimento da Psicanálise. Trata-se, portanto, da instauração do sujeito e sua posterior exclusão pela própria ciência moderna e da introdução do sujeito no

² MILNER, Jean-Claude. *Obra Clara, A*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.57.

campo de uma experiência derivada da ciência – que o excluía – denominada Psicanálise. Se a ciência tentou banir a causa, a psicanálise se propôs a fazê-la falar (“isso fala”), e escutá-la: o próprio sujeito em sua singularidade.

Nesse percurso poderemos ver como a história da ciência está ancorada na cosmologia e, em última instância, como ela mesma é afetada pelas feridas narcísicas as quais o humano é submetido. Para o pensamento antigo, medieval, o homem era a criatura predileta de Deus, criado à sua imagem e semelhança. Toda visão do universo, então, estava de acordo com essa idéia baseada na crença católica. Se o homem era a o predileto de Deus na criação, ele só poderia habitar o centro do universo. Portanto, a Terra (sua morada) era o centro do universo e os astros rodavam em torno dela. Há ilusão criada pela observação, através da qual parece realmente que o universo roda em torno de nós. Tal fato se prestou bem ao pensamento medieval para criar, recriar e, ora ratificar essa idéia. Foi através da imagem que, por muito tempo, o homem sustentou o sentido que reafirmava o seu narcisismo.

Grande impacto foi produzido pela descoberta de que a Terra não era o centro do universo, atingindo o narcisismo humano, desalojando-o de uma morada privilegiada no centro do universo e fazendo com que todo o saber até então instituído fosse indagado. Se essa visão de mundo e essa ilusão tinham ido à bancarrota e conseqüentemente o próprio sujeito tinha sido concebido erroneamente através da observação e pelas qualidades que os sentidos lhe impunham.

A partir do advento da Ciência surge então outro sujeito, distinto do sujeito anterior. Mas vale ressaltar que o mesmo corte que possibilita o surgimento desse sujeito o expulsa dela. De forma simultânea a mesma operação que o cria o expulsa.

A Psicanálise produziu feridas narcísicas na humanidade, porque após o abandono do sujeito do mundo antigo e o surgimento de um outro sujeito produzido/excluído da Ciência, ela, a Psicanálise, reincluirá o sujeito expulso, um sujeito descentrado e carente de sentidos prévios e divinos.

A utilização de Koyré se deve ao fato dele ser um autor que tem como foco principal de sua análise exatamente a passagem que nos interessa: a passagem do pensamento antigo para a ciência moderna, a passagem do mundo medieval e sua visão de Cosmos Fechado para o pensamento que foi gênese para a Ciência Moderna, denominado metaforicamente por ele de Universo Infinito.

“... o desaparecimento dos conceitos válidos, filosóficos e cientificamente, da concepção do mundo como um todo finito, fechado e ordenado hierarquicamente, e a sua substituição por um universo indefinido... Isto, por

seu turno implica o abandono, pelo pensamento científico, de todas as considerações baseadas em conceitos de valor...”³

Koyré nos mostra muito bem como a ciência moderna foi preparada durante um longo caminho do pensamento. Ao dedicar-se a esse estudo, Koyré destaca a fertilidade e criatividade do período compreendido entre os séculos XVI e XVII, demonstrando que a renovação do pensamento filosófico, que posteriormente possibilitará o surgimento da Ciência Moderna, advém dessa fertilidade e mudança do pensamento.

“Admite-se de maneira geral que o século XVII sofre, e realizou, uma radicalíssima revolução espiritual de que a ciência moderna é ao mesmo tempo a raiz e o fruto.”⁴

A apreensão koyreriana não se atém exclusivamente à descrição dos principais pensadores identificados como os principais personagens: Aristóteles, Copérnico, e mais especificamente de Galileu e Descartes. Sendo assim, ele se dedica a investigação de outros pensadores, o que o possibilita a traçar uma forma de pensar e sua transição.

1.1 - Idade Média

Na Idade Média, a ciência se encontrava sob forte influência da Igreja Católica, que impunha sua doutrina como verdade indiscutível. Consequentemente, pouco conhecimento foi acumulado pela ciência. A palavra “escolástica” traduz bem a sua principal função: a de demonstrar a verdade da doutrina católica. A Igreja foi o maior obstáculo para o desenvolvimento científico, pois temia perder seu poder e sua autoridade. Assim, reprimia toda idéia que colocasse em cheque sua verdade e o livre desenvolvimento de quaisquer outros caminhos que levassem ao conhecimento científico. Podemos constatar tal posição no fato dos sábios medievais acreditarem que a Terra tinha a forma de um disco e rejeitarem completamente a crença, já nascente nessa época, de sua esfericidade.

O surgimento do Cristianismo e da crença em um Deus único é um elemento importante para a história da ciência, e é em função dele que a herança filosófica grega será retomada. Como denuncia Koyré, o aristotelismo medieval não foi totalmente fiel a Aristóteles, porque estava contaminado com os valores cristãos da época. A ciência moderna vai surgir a partir da eliminação dos entraves peculiares dessa época.

³ KOYRÉ, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, 1957, p14.

⁴ Idem, *Ibidem*, p13.

Um grande exemplo da cristianização de do pensamento aristotélico nos é dado por Santo Agostinho, quando iguala o Deus-Bem de Platão ao Deus do Cristianismo, Bem eterno e imutável. O conceito de “alma” será peça central na retomada medieval do platonismo, representando a perfeição em direção à qual a razão e o pensamento devem se voltar. Isso porque é na alma, relacionada às idéias de perfeição, de imutabilidade, que se encontra a verdade, um saber imutável e eterno e não nos objetos sensíveis do mundo.

1.2 – Aristóteles

As reflexões filosóficas de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) configuraram um modo de pensar ocidental que se estenderia por séculos e representaria a própria essência do saber, promovendo um momento de certeza e de explicações para o mundo, que abraçavam várias áreas do conhecimento humano, tais como: ética, política, física, astronomia, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento humano. Ele foi reconhecido como “O filósofo”, tanto por ter estudado uma gama muita extensa de assuntos, como por ter, em muitos sentidos, ultrapassado seu mestre, Platão. Aristóteles foi o único filósofo grego cuja obra sobreviveu completa, coisa que não aconteceu com Platão, cujo pensamento era mais difícil de assimilar.

O pensamento medieval era atravessado pela filosofia de Aristóteles, embora não tenha sido completamente dominado por ele, porque o pensamento aristotélico só se torna influente na chamada Baixa Idade Média, ou seja, a partir da segunda metade do século XIII.

De início, suas idéias entraram em conflito com a ortodoxia religiosa católica da época, mas com uma “cristianização” das idéias aristotélicas, feita por Tomás de Aquino (1225-1274), passa a ser o fundamento do ensino e é difundido no meio acadêmico. Tomás de Aquino escreveu a *Suma Teológica*, espinha dorsal do pensamento católico, onde “adapta” a doutrina aristotélica ao pensamento oficial da Igreja Católica. Assim, o pensamento aristotélico se propaga nas universidades, mas como muito bem coloca Koyré, se estabelece desde sempre como ciência e não como religião:

“O aristotelismo, disse eu há pouco, propaga-se nas universidades. Dirige-se a pessoas ávidas de *saber*. É *ciência*, antes de ser qualquer outra coisa, antes mesmo de ser filosofia, e é por seu valor de *saber científico*, e não por seu parentesco com uma atitude religiosa, que ele se impõe.”⁵

⁵ KOYRÉ, *Estudos de história do pensamento científico*, 1991, p. 35.

Aristóteles interessava-se pelas ciências naturais, ou seja, pelo mundo, apresentado como móvel e submetido à passagem do tempo, idéia que, supostamente, entraria em conflito com a idéia católica da existência imutável de Deus. Este conflito, porém, é somente aparente, pois para ele, quanto mais as coisas mudam, mais permanecem as mesmas. As coisas aparecem e desaparecem, mas o mundo permanece o mesmo. Assim sendo, as naturezas são imutáveis por conterem uma verdade que é imutável.

Para Aristóteles, todo movimento pressupõe um motor; e de motor em motor se chega à fonte de todo movimento, um motor imóvel e fim primeiro e último de todos os seres, porque não se pode prolongar indefinidamente uma série causal. É através desse pensamento que existência de Deus é provada por Aristóteles: a contingência dos seres não pode se prolongar indefinidamente, ou seja, em algum momento deve chegar a um ser não-contingente, imutável e necessário. O raciocínio causal é central no pensamento aristotélico, que leva do ato ao agente e a impossibilidade de uma série causal infinita, principal foco para a idéia da cristianização.

A consequência da série causal finita é a concepção de um Cosmo finito, que obedece a uma hierarquia perfeita, ordenada e harmônica, partindo do inferior ao superior. Assim, os seres seriam regidos, por graus de perfeição.

O mundo não reflete a perfeição divina, ele se solidifica num conjunto ordenado e hierarquizado de naturezas, estável e firme⁶. Os corpos são distribuídos numa ordem, segundo sua natureza específica: cada coisa tem seu lugar e cada lugar tem sua coisa. Pela concepção aristotélica, os objetos caíam para se localizarem corretamente de acordo com sua natureza: o éter, acima de tudo, logo abaixo, o fogo, depois a água e, por último, a terra.

Essa idéia de um lugar natural para cada coisa baseia-se numa concepção estática de ordem⁷. Onde, o estado de repouso é o estado natural de um corpo, o movimento do corpo necessita de uma causa, um motor que o mantenha se movendo. Um corpo fora de seu lugar é efeito de uma violência e todo movimento é expressão de uma desordem cósmica, de uma perturbação no universo como efeito da tentativa do ser, de recuperar a ordem perdida. Quando o corpo alcança seu lugar, o movimento cessa e a ordem é reinstalada. A ordem é, portanto, um estado durável que tende à perpetuação, a um equilíbrio. O estado de repouso de um corpo no seu lugar próprio e natural não precisa de explicação, porque a própria natureza extingue essa necessidade. Conclui-se, portanto, que o estado de repouso é o natural e esperável.

⁶ Idem, Ibidem, p. 35.

⁷ Idem, Ibidem, p. 158.

Vejamos então como fica para a lógica aristotélica a noção de espaço vazio. Para ele tal noção entra em conflito com a idéia da existência de um universo onde cada coisa tem seu lugar e cada lugar tem sua coisa. O vácuo contraria toda essa noção de ordem cósmica, porque haveria um lugar sem coisa. Isso levará Aristóteles a fazer uma disjunção entre física e geometria. Enquanto a primeira trataria das coisas reais, submetidas a essa ordem cósmica, a segunda trataria das razões em função de abstrações. Sendo assim, impossível aplicar um método e um raciocínio puramente geométrico à realidade física⁸.

Portanto, a matemática aristotélica, como uma ciência abstrata, não pode tratar dos seres reais da física, porque esta é sustentada a partir da percepção dos fenômenos. Não se preocupa com a precisão ou quantificação dos fenômenos, mas com as qualidades sensíveis, afirmando assim que nem sempre é necessário recorrer à matemática para demonstrar coisas sobre a natureza e sobre os fenômenos sensíveis. O não uso, por parte de Aristóteles, da matemática é proposital e justificável, uma vez que há um privilégio das qualidades sensíveis.

O ponto central da doutrina aristotélica, portanto, é a ligação entre o conhecimento humano e os sentidos:

“Para o aristotelismo, o domínio do sensível é o domínio próprio do conhecimento humano. Não havendo sensação, não há ciência. Certamente, o homem não se limita a sentir; ele elabora a sensação. Recorda, imagina e, já por esses meios, liberta-se da necessidade da presença da coisa percebida.”⁹

Ou seja, para ele, é a capacidade de pensar de modo abstrato que distingue os homens dos animais e possibilita a construção do conhecimento do mundo, sendo assim, do pensamento científico.

Apesar de possuir uma orientação dirigida não para a alma, como Platão, mas para o mundo, Aristóteles defende as noções de perfeição, de imutabilidade - guias do pensamento medieval. A diferença entre Aristóteles e Platão, nesse ponto, é apenas a localização da perfeição, enquanto Platão a coloca no mundo das idéias, acessível através da alma, Aristóteles a coloca no mundo e na natureza, acessível através dos sentidos. São Tomás de Aquino, ao cristianizar o pensamento aristotélico, coloca o mundo e a natureza como lugares da perfeição, e, portanto como derivados e criados por Deus.

⁸ Idem, Ibidem, p. 161.

⁹ Idem, ibidem, p. 37.

A visão aristotélica do homem o coloca como um animal racional e mortal, sendo a idéia de uma alma separável do corpo estranha à sua doutrina. O cerne da doutrina aristotélica é a natureza e a natureza humana implica corpo e alma como inseparáveis.

A partir da observação das características do pensamento medieval, Koyré destaca uma forma de entendimento do mundo impregnada pela filosofia aristotélica essencialmente focada no saber enciclopédico. Aristóteles, segundo Koyré, trazia ao homem medieval explicações acerca do mundo e das coisas dando-lhe uma certeza dentro do universo ameaçador da culpa instaurada pela Igreja.

O mundo revelado pela lógica aristotélica revela a forma de pensamento do homem de seu tempo, que começa pela percepção das coisas materiais, pela percepção sensível. Sendo assim,

Essa breve exposição do pensamento aristotélico teve como objetivo principal identificar a visão de Mundo Fechado apontado por Koyré. Vale ressaltar, que esta apreensão não é única e que não tem caráter continuísta, é sim uma identificação da mudança de paradigma na produção do conhecimento do homem.

Em resumo, o pensamento aristotélico é marcado pela noção de um universo ordenado e hierarquizado e pela não utilização da matemática no seu estudo.

1.3 – Renascimento

O Renascimento, também conhecido como renascença foi um movimento cultural e um período da história da Europa, que marcou o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Normalmente considera-se que tenha começado no século XIV, na Itália no século XVI no norte da Europa.

Esse movimento atingiu a Filosofia, as Artes e, naquilo que nos interessa as Ciências. Sendo ele responsável por diversas transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas, caracterizando-se por um corte, uma mudança, em relação à estrutura medieval.

O Renascimento está essencialmente associado ao humanismo, ao interesse pelos textos clássicos, em latim e grego, anteriores ao domínio do Cristianismo na Europa. Concomitantemente e conseqüentemente a isso, encontra-se uma desqualificação da Idade Média, que Berbard Cottret associa a expressões como “barbarismo”, “ignorância”, “escuridão” e “sombrio”.

François Rabelais, em seu romance *Pantagruel* (1532), coloca muito bem o espírito renascentista:

“Todas as disciplinas são agora ressuscitadas, as línguas estabelecidas: Grego, sem o conhecimento do qual é uma vergonha alguém chamar-se erudito, Hebraico, Caldeu, Latim (...) O mundo inteiro está cheio de acadêmicos, pedagogos altamente cultivados, bibliotecas muito ricas, de tal modo que me parece que nem nos tempos de Platão, de Cícero ou Papinianus, o estudo era tão confortável como o que se vê a nossa volta. (...) Eu vejo que os ladrões de rua, os carrascos, os empregados do estábulo hoje em dia são mais eruditos do que os doutores e pregadores do meu tempo.”

O repúdio à concepção filosófico-teológica medieval, marcada por uma visão teocêntrica - concepção segundo a qual Deus é o centro do universo, e não há outra razão para as coisas além do desejo divino – deu lugar ao humanismo – uma série de valores e ideais relacionados à celebração do ser humano –, colocando a dignidade e as necessidades do ser humano em primeiro plano e utilizando um senso crítico mais elevado. Tal senso crítico foi que permitiu a observação mais atenta dos fenômenos naturais e a desvinculação de sua análise da interpretação por parte da Igreja Católica.

Embora no Renascimento tenha havido grande florescimento artístico, seu período inicial é visto como uma fase de estagnação nas ciências. A física e a astronomia se desenvolveram pouco, o que se deve em grande parte ao grande interesse pelas idéias clássicas do universo de Ptolomeu e Aristóteles.

Tudo isso mudaria, porém, com a chegada do Renascimento ao norte da Europa e com as produções de Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Francis Bacon e René Descartes, grandes nomes da chamada Revolução Científica. Ponto de partida para a separação da Ciência e da Filosofia, e com a passagem para uma priorização de um conhecimento mais estruturado e prático. Conta-se nessa revolução a difusão da matemática proporcionando assim desenvolvimento científico mais rigoroso e crítico, modificando, conseqüentemente, a forma de se fazer ciência.

Desta feita é necessário ressaltar que todos os grandes desenvolvimentos posteriores não seriam possíveis se não fosse a Revolução Científica com a sua reestruturação.

1.4 – Copérnico

Até o século XVI predominaram as idéias de Ptolomeu de que a Terra era um centro imóvel, em torno do qual giravam o Sol, as estrelas e os planetas. Nicolau Copérnico (1473-1543) é aquele que irá promover uma mudança significativa na ordem cósmica tradicional,

rompendo com a antiga ordem, conseqüentemente na colocação do homem no mundo de maneira diferente ao retirar a Terra do centro do universo e colocá-la, junto com outros planetas, ao redor do Sol (Heliocentrismo).

Sua teoria - o Heliocentrismo - é considerada uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos, e é o ponto de partida da astronomia moderna. Criticando a idéia de Ptolomeu de que os astros estavam em movimento desigual, Copérnico defendeu que tudo no universo se movia a uma velocidade invariável. Tal afirmação poderia ser verificada com a colocação do Sol fosse no centro do universo e a Terra, como mais um planeta, percorresse uma órbita em torno dele, tal como os outros planetas.

Através de vários cálculos, ele demonstrou a existência de três movimentos da Terra: a rotação em torno de si mesma (com duração de 24 horas), a rotação em torno do Sol ou translação (de duração de 365 dias) e um terceiro movimento de declinação que explicava a orientação constante do eixo da Terra – movimento que, mais tarde, seria abandonado pela ciência.

A teoria heliocêntrica foi publicada em seu livro, *De revolutionibus orbium coelestium*¹⁰, e marcou o começo de uma mudança de um universo geocêntrico, com a Terra em seu centro. Copérnico acreditava que a Terra era apenas mais um planeta que orbitava em torno do Sol o ano todo e, em torno do seu eixo, todo dia. Foi assim que ele explicou a origem dos equinócios e a causa das estações.

Se a teoria copernicana permitiu a emancipação da cosmologia em relação à teologia, com a destruição de parte da hierarquia cósmica, algo de religioso ainda permaneceu no pensamento de Copérnico, pois ele hierarquiza o estado de repouso como mais nobre e próximo do divino do que o movimento; e aponta como mais lógico que um corpo menor se mova e um maior não.

Sendo assim, segundo esse pensamento, a Terra se move porque é menor que o céu, lugar do divino, que permanece em repouso. Além disso, sua cosmologia ainda possui pólos de perfeição: o sol e as estrelas fixas e o próprio universo como esférico, sendo a esfera a forma mais perfeita de todas e a mais apropriada para conter todas as coisas.

Verifica-se ainda uma ordenação, mesmo que não aristotélica, e o mundo ainda é finito, embora imensurável. Os limites do universo são irreconhecíveis, visto que a Terra é apenas um pequeno ponto, mas ele não é infinito. Não ser mensurável não significa ser infinito.

¹⁰ Na revolução de esferas celestes.

A questão é que a humanidade, com isso, sofre seu primeiro golpe narcísico: o homem caiu de seu trono, do centro do universo, do lugar mais adequado a um ser feito à imagem e semelhança de Deus. Agora ele estava num planeta equiparado aos outros, que também girava em torno do sol. Tal perspectiva promoveu profundas mudanças na visão do homem sobre si e sobre seu lugar na criação.

A teoria de Copérnico era um desmentido à doutrina da Igreja e, por isso, esta proibiu seu livro e hostilizou todos os trabalhos que queriam demonstrar o movimento da Terra, tanto o sobre si mesmo como em torno do sol.

Copérnico foi sem dúvida a expressão máxima do movimento renascentista, pois derrubou idéias pré-concebidas, chegando até a uma nova formulação da natureza. Não se colocava mais a autoridade acima da observação e se testavam novas hipóteses contra as experiências já adquiridas.

1.5 – Galileu

Segundo Koyré, e também outros historiadores não menos importantes, um dos pontos essenciais para a mudança da mentalidade do Mundo Ocidental é a produção de saber por parte de Galileu Galilei (1564-1642), um dos expoentes da mentalidade moderna e o precursor da ciência moderna.

Se, para Aristóteles, o mundo é finito e fechado pela impossibilidade de uma série infinita, Galileu Galilei (1564-1642) promove uma grande mudança nesse pensamento ocidental, a ponto de Koyré associá-lo à revolução científica:

“O nome de Galileu está indissoluvelmente ligado à revolução científica do século XVI, uma das mais profundas, senão a mais profunda revolução do pensamento humano desde a descoberta do Cosmo pelo pensamento grego, evolução que implica uma radical “mutação” intelectual, da qual a física moderna é, ao mesmo tempo, o fruto e a expressão.”¹¹

Para Koyré, a intervenção de Galileu é tão extrema que ele chega a firmar que é com Galileu que surge a ciência moderna, com a observação e a experimentação, substituindo o senso comum vigente na corrente aristotélica por uma forma de pensar o mundo muito peculiar¹². Galileu se interessa pelas qualidades do mundo sensível, mas não pela variedade

¹¹ KOYRÉ, *Estudos de história do pensamento científico*, 1991, p. 152.

¹² Idem, *ibidem*, p. 155.

dos fenômenos. Pretende reduzir o real ao geométrico, ultrapassando a realidade sensível através da construção de leis matemáticas que forneçam uma inteligibilidade aos fenômenos.

Ele identifica o espaço físico com o espaço geométrico euclidiano, geometrizando o universo e formulando um novo conceito de movimento que serão base da dinâmica clássica: o movimento retilíneo uniforme. O que ele faz é aplicar as leis da geometria à física mecânica.

Galileu se tornou um grande crítico da física de Aristóteles ao ver o movimento como um estado estável e permanente e descarta a necessidade da atuação de uma força que provoque o movimento no corpo. Ele escreveu um tratado chamado “Movimento”, no qual provou que os corpos, sendo leves ou pesados, levavam precisamente o mesmo tempo de queda para chegar ao chão. Rolando bolas em planos inclinados, ele tratou também do movimento de corpos ao longo de superfícies e se aproximou muito do que seria a Primeira Lei do Movimento de Newton.

Assim, se Galileu queria colocar tudo de forma matemática, isso o levou a abandonar o mundo qualitativo. Trata-se de uma “dessaubstancialização” do objeto¹³, através da qual a qualidade e o conhecimento através da percepção sensorial são banidos. Koyré diz que a revolução de Galileu pode ser:

“... resumida no fato da descoberta da linguagem da natureza, da descoberta de que as matemáticas são a gramática da ciência física. Foi essa descoberta da estrutura racional da natureza que formou a base *a priori* da ciência experimental moderna e tornou a sua constituição possível.”¹⁴

Galileu introduz uma ruptura entre a tradição aristotélica de percepção do mundo pelos sentidos e o mundo real sem qualidades, entendido por leis matemáticas. Não confiava na ciência desprovida da matemática, como era a física de Aristóteles, porque os sentidos induzem ao erro. Portanto, ele promove a matematização da ciência, inaugurando a ciência moderna onde a natureza e os seres admitem explicações matemáticas. Sua abordagem matemática foi tão eficaz, que se tornou a marca da nova física dos séculos XVII e XVIII, razão pela qual é chamado de “pai da física matemática.”

Galileu busca banir a ordem qualitativa e ficar só com a quantitativa, suprimindo assim, a percepção dos sentidos como fonte de conhecimento. O conhecimento intelectual é o único e exclusivo modo de se apreender a essência do real. A natureza não pode ser estudada a não ser pela matemática. Galileu rompe com a tradição, com a Igreja e com o senso comum.

¹³ MILNER, *A obra clara*, 1995, p. 33.

¹⁴ KOYRÉ. *Estudos de história do pensamento científico*, 1991, p. 54.

Ele só acreditava naquilo que testemunhava com os próprios olhos, através da sua recém inventada luneta, ele fez observações astronômicas que promoveram um corte crucial com a Cosmologia antiga. Enquanto os pensadores anteriores a ele apenas contemplavam a natureza, Galileu queria dominá-la.

Há uma substituição da “experiência” aristotélica pela “experimentação” de Galileu, como coloca muito bem Koyré:

“Não foi a “experiência”, mas a “experimentação”, que desempenhou – mais tarde, somente – um papel positivo considerável. A experimentação pressupõe e implica uma linguagem na qual se formulam as perguntas, como um dicionário nos permite ler e interpretar as respostas. Como sabemos, para Galileu, era através de curvas, círculos e triângulos, em linguagem matemática ou, mais precisamente, em linguagem geométrica – não na linguagem do senso comum ou através de símbolos -, que nos devemos dirigir à natureza e dela receber respostas. A escolha da linguagem e da decisão de empregá-la não podiam, evidentemente, ser determinadas pela experiência que o próprio uso dessa linguagem devia tornar possível. Era preciso que essa escolha e essa decisão tivessem origem em outras fontes.”¹⁵

A revolução promovida por Galileu tem como principal característica a destruição da antiga idéia medieval de Cosmo e a matematização do espaço através da geometria. Os limites do cosmo aristotélico são destruídos, dando lugar a um Universo aberto de dimensões indefinidas e infinitas. Embora Galileu não se posicione definitivamente em relação ao debate sobre a finitude ou infinitude do Universo, ele acaba inclinado para a infinitude, embora tenha dificuldade de chegar a uma conclusão definitiva. Há uma insistência dele em dizer que provavelmente o Universo não possui centro e, se o possuir, ele não pode ser localizado.

Se antes, havia a distinção entre o Céu como o lugar de Deus e a Terra como lugar do homem, esses dois lugares passam a ser regidos pelas mesmas leis matemáticas. Segundo Koyré, essa passagem no pensamento humano é a revolução mais profunda já atravessada desde os gregos¹⁶. Ele não só criticou as idéias equivocadas medievais, mas substituiu um mundo por outro diferente.

O pensamento científico se caracteriza, segundo Koyré, pelo domínio da natureza diferentemente do pensamento antigo que era de contemplação dessa mesma natureza¹⁷. A partir desse pensamento, surgem a Física moderna e a matematização da ciência através da

¹⁵ Idem, ibidem, p. 154.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 152.

¹⁷ Idem, ibidem, p. 152.

geometria. Galileu credita à matemática o aporte da ciência. Portanto, a ciência moderna tem sua gênese no pensamento de Galileu.

Galileu Galilei é o personagem central que representa essa mudança. Entretanto, Koyré aponta alguns personagens que antecedem Galileu e que são valiosos para identificação da mudança de paradigma que levou a elaboração do pensamento científico moderno. Dentre esses encontramos Nicolau Copérnico, também de grande relevância devido a sua astronomia, pois deslocou a Terra do centro do mundo. Assim a ordem cósmica é abalada e desestruturada.

Nicolau de Cusa já havia colocado em dúvida a concepção aristotélica do Cosmos, porém Copérnico foi mais incisivo, apontado por Freud como responsável por uma das feridas narcísicas do homem.

Porém, devemos ser cautelosos porque o passo copernicano ainda não partiria para uma apreensão imensurável e infinita do universo, segundo o pensamento de Koyré. A mudança de paradigma ainda estaria a meio passo da passagem do Mundo Fechado ao Universo infinito.

“Assim temos que admitir que o mesmo que fora do mundo não existisse nada senão o espaço e matéria uniforme, ainda assim o mundo de Copérnico continuaria a ser um mundo finito, contido por uma esfera material ou orbe, a esfera das estrelas fixas ...”¹⁸

É admitida por Koyré a evidência de que há finitude na apreensão copernicana do mundo. Além de apontar uma apreensão psicológica gradativa e necessária para a passagem do mundo fechado para o universo infinito. Seria ela: finito, imensurável e por último infinito. O passo do imensurável ficou por conta de Galileu na sua ampliação de perspectiva cósmica¹⁹. Sendo ele o personagem indissociável da revolução científica que estava por advir e que por fim tem na física moderna sua expressão.²⁰

Koyré credita a Giordano Bruno o mérito do passo subsequente, ou seja, em direção a um universo descentralizado e infinito. Pensador ousado pra sua época e que acabou queimado vivo em Roma pela Inquisição.

Entretanto, existe outra revolução identificada a partir da mudança dos paradigmas do conhecimento, feita por Descartes, e que reconhece na matemática o instrumento gerador da confiabilidade necessária para o estabelecimento da ciência.

¹⁸ Idem, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, 1957, p. 41.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 41.

²⁰ Idem, *Estudos de História do Pensamento Científico*, 1991, p. 152.

1.6 – Descartes

René Descartes (1596-1650), jamais rejeitou a importância das línguas, da Teologia, da Filosofia, do Direito, da Medicina, entre outros conhecimentos. Entretanto, nenhuma dessas cadeiras era capaz de impedir o erro. Assim sendo Descartes propôs constituir uma nova ciência capaz de produzir um saber verdadeiro que fosse à prova de dúvidas.

Como conta Koyré, a Europa do século XVII havia sido muito abalada, pelo Renascimento, em todas as suas certezas, fossem elas políticas, religiosas, científicas. A crença na ciência medieval, autorizada por Aristóteles e na fé católica não se sustentava mais²¹. Nada no mundo parecia ser seguro e tudo era incerto, restando somente a incerteza e o erro num mundo onde tudo era possível. E, segundo Koyré, se tudo era possível, então nada era verdadeiro²². A dúvida em relação à verdade surge como consequência do Renascimento e se expressava sob a forma de ceticismo. Essa crise oriunda da dúvida e revelada pelo ceticismo culminaria com o rompimento da ciência com a religião e com a descoberta da capacidade do homem de decidir por si. O mundo deixará de ser sagrado para tornar-se um objeto de utilização para e pelo próprio homem, embora a crença em Deus tenha permanecido.

A resposta de Descartes a essa situação foi a afirmação da certeza da razão. De forma semelhante a Galileu, Descartes vai se refugiar na matemática como a cadeira mais confiável e menos suscetível ao erro, fugindo em parte do espírito de sua época. Nas próprias palavras dele: “tinha sempre um extremo desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, pra ver claro nas minhas ações e caminhar com segurança nesta vida”²³.

Assim sendo, Descartes irá se desfazer de todas suas idéias anteriores, destrói todas suas crenças, todas suas opiniões e as submete à razão. Livrar-se de tudo isso é abandonar as qualidades, de ordem subjetiva, assim como fez Galileu.

Para Descartes, duvidamos de alguma idéia se ela é confusa e obscura. Para sabermos se ela é falsa, devemos testá-la através da dúvida, esse é o método cartesiano. Toda idéia que não se sustentar na dúvida, será de uma idéia falsa, ou, pelo menos, inferior, contaminada de qualidades.

A dúvida, porém, para Descartes, não deve ser um estado, mas uma ação, o fundamento de um método, a passagem da dúvida-estado para a dúvida-ação, que faz uma

²¹ Idem, *Considerações sobre Descartes*, 1963. p. 28.

²² DESCARTES apud Koyré, *Considerações sobre Descartes*, 1963. p. 19.

²³ DESCARTES apud Koyré, *Considerações sobre Descartes*, 1992. p. 30.

ruptura profunda, fazendo da angústia a mola propulsora de um método investigativo. Já que Descartes não podia se livrar da dúvida, ele faz dela a causa, tomando-a, radicalizando-a e transformando-a em um instrumento de corte, operando negativamente sobre os saberes estabelecidos. Dessa forma a certeza não se sustenta mais na tradição e na fé, mas na razão.

É duvidando, pelo processo da dúvida, que se pode chegar a idéias claras e simples. As idéias confusas e obscuras, fruto da tradição, dos sentidos, do senso comum e da qualidade, fazem nascer a dúvida e são destruídas por ela. Através da dúvida hiperbólica, ele duvida de todo saber constituído e destrói todo conhecimento aceito e tomado como verdadeiro através de uma autoridade externa. As idéias claras e confiáveis, para Descartes são aquelas matemáticas.

Com efeito, como é que Descartes efetuou a sua revolução científica, banindo do real as qualidades, as formas e as forças, as almas vegetativas, potências vitais, etc., da física medieval, e afirmou no mundo (físico) o reino universal do mecanismo? Exclui da ciência, recorde-se, tudo o que não era “idéia clara”, o que quer dizer, para ele, qualquer idéia “abstrata” do sensível, qualquer idéia com a sua marca. Só é claro, quer dizer, inteiramente acessível ao espírito, aquilo que a inteligência concebe sem nenhum concurso da imaginação e dos sentidos. O que praticamente, quer dizer: só é claro o que é matemático ou, pelo menos, matematizável²⁴.

Esse movimento de Descartes acabou produzindo uma nova ciência. Para Koyré, não foi Galileu, embora sua importância seja inquestionável, mas Descartes que formulou os princípios da nova ciência²⁵:

“A antiga física, que se baseia nos dados imediatos dos sentidos, a nossa percepção quotidiana do mundo colorido e sonoro, o mundo do senso comum no qual vivemos, que nunca o ultrapassa nos seus raciocínios abstrativos e que permanece em tudo necessariamente ligada às noções de qualidade e de força, está em vias de ser substituída por uma física das idéias claras, física matemática que bane do mundo real qualquer ‘forma’, qualquer força e qualquer qualidade e que apresenta uma imagem (ou uma idéia?) nova do Universo, de um universo estrita e unicamente mecânico, imagem muito mais estranha e muito menos crível que tudo o que os filósofos alguma vez puderam inventar. Muito mais estranha e menos verossímil. E, no entanto, certamente verdadeira.

Quanto ao cosmo, ao Cosmo Helênico, o Cosmo de Aristóteles e da Idade Média, esse Cosmo já abalado pela ciência moderna, por Copérnico, Galileu e Kepler, Descartes destrói-o inteiramente.”²⁶

²⁴ KOYRÉ, *Considerações sobre Descartes*, 1963. p. 55.

²⁵ Idem, *Do mundo fechado ao universo infinito*, 1957.

²⁶ Idem, *Considerações sobre Descartes*, 1963, p. 45.

Desde Copérnico, a Terra não era mais o centro do universo e, a rigor, não há mais centro, como colocou Galileu. O mundo não é mais aquele que os sentidos apreendem equivocadamente. É determinante recusar as informações que vêm da percepção sensível, do externo, pois daí advém o erro. Portanto, apenas a matemática pode capturar a verdade do real. A natureza não fala a linguagem dos sentidos, mas a linguagem matemática.

Como muito bem coloca Koyré, é nos escombros do velho Cosmo que nasce a ciência cartesiana²⁷. Para Descartes, o homem que passa por uma *ascese catártica da dúvida* se descobre finito e imperfeito, um ser que pensa e que pode chegar a uma idéia clara de si.

É a partir da “dúvida” que Descartes coloca as idéias pré-estabelecidas sob o crivo do questionamento. A dúvida, que destitui todo saber produzido, imposta por Descartes, é que possibilitará um corte epistemológico e a criação de um campo científico no início do século XVII.

Para Descartes deve-se tentar diferenciar o que é verdade daquilo que não é, portanto, que é falso, o que implicaria no abandono de antigas crenças e tradições, ou seja, banir as qualidades, consideradas como subjetivas por ele. A dúvida possibilita testar a idéia para verificar se ela é confusa ou não. A dúvida é a motivação do método cartesiano.

O corte resultante do método da dúvida cartesiana é o surgimento da ciência moderna, que abandona a antiga lógica e física aristotélica.

Koyré valoriza a idéia do corte epistemológico, mas estabelece essa passagem supracitada como um corte maior, na verdade *o corte*. Lacan, por sua vez, retoma a lógica de Koyré e parte do corte, em uma referência explícita à fenda que o analista reconhece cotidianamente em sua práxis²⁸.

É neste corte que Lacan, a partir de Descartes, identifica o surgimento do sujeito, sob a perspectiva da desqualificação subjetiva.

A ciência moderna é fruto de uma mudança de paradigma cujo objetivo primordial é transformar a natureza, controlar seus fenômenos, prevê-los e conseqüentemente modificá-los. É a partir da questão da dúvida cartesiana que Lacan teoriza sobre o nascedouro do sujeito da ciência.

1.7 - De Descartes à psicanálise

Jacques Lacan em *A ciência e a verdade* (1965-6) postula que é impossível pensar no

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 47.

²⁸ LACAN, *A ciência e a verdade*, 1965-6, p. 869.

surgimento da psicanálise antes do advento da ciência moderna:

“Que é impensável, por exemplo, que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvesse tido um lugar antes do nascimento da ciência, no século a que se chamou século do talento, o XVII.”²⁹

Como muito bem coloca Koyré, houve um corte entre o pensamento antigo e o moderno e a consequência disso foi o surgimento da ciência moderna e do sujeito da ciência.

O paradigma da ciência moderna passa a ser a matematização, o objeto de estudo e herança de Galileu. Essa matematização se dá pelo abandono das qualidades do objeto, daquilo que pode ser observado através dos órgãos dos sentidos. Os cientistas não mais consideram aquilo que é sensível na observação e no estudo dos objetos, mas aquilo que pode ser quantificado. É o abandono do privilégio aristotélico na avaliação dos fenômenos, promovido por Galileu e por Descartes.

Se os órgãos do sentido eram partidários do senso comum que contaminavam a ciência, a matemática será o meio de escapar dos erros e garantir a fidedignidade dos resultados e a clareza das idéias. O conhecimento derivado do senso comum não é um conhecimento científico. O ideal de Descartes é um pensamento sem qualidades.

Essa passagem, esse corte epistemológico só pode se constituir a partir do momento que Descartes duvidou. A dúvida é a gênese do corte epistemológico identificado por Koyré.

É a partir da dúvida que a psicanálise se relaciona com a Ciência Moderna, afirmando uma certeza onde a Ciência titubeia, uma vez que excluiu o sujeito do cerne de seu conhecimento. Freud seguindo os passos de Descartes, fazendo da dúvida o fundamento de uma certeza segue sua empreitada, pela via do sujeito, reincluindo-o.

A afirmação de uma certeza a partir da dúvida é que marca a passagem epistemológica do pensamento antigo para o pensamento moderno. A dúvida também marcará o surgimento da Psicanálise a partir da inclusão do sujeito criado pela Ciência e expurgado por ela mesma. Tanto uma passagem como a outra derivam da dúvida-ação e não da dúvida-estado, pois possibilitam o surgimento de uma certeza a partir da dúvida cartesiana.

Freud empreende seu caminho em busca de uma certeza onde a dúvida impera, pois as explicações anatomo-fisiológicas para os sintomas histéricos são insuficientes. Assim, como ele também perseguirá, com sua lógica cientificista, a certeza a partir da dúvida que ele mesmo imporá sobre a teoria da sedução, a partir das dúvidas colocadas pelas históricas sobre

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 871.

a construção de suas cenas de sedução.

Freud, no século XIX, fez um corte com a ciência moderna, representada pela medicina, quando criou a psicanálise. Logo nos primórdios dos estudos sobre a histeria, ele começou a defender idéias que contrariavam e se distanciavam das crenças médicas. Podemos dizer que, na medida em que os sintomas histéricos desafiavam as explicações anatomo-fisiológicas, eles interrogavam o saber médico e impulsionavam Freud a duvidar. Freud constatou que o corpo das histéricas não era o mesmo que o corpo apreendido pela medicina e esse mesmo corpo operava a revelia e as fazia padecer.

Os médicos, porém, não sabiam o que fazer com esse corpo histérico que se apresentava, a revelia do saber já instituído. Assim sendo, muitas vezes eles eram estereotipados de “pitis”³⁰ ou de “fingimentos”. Ora, os sintomas não podiam ser explicados pela ciência médica, então era justo que não existissem, portanto, que desaparecessem.

As histéricas, então, não eram ouvidas do lugar de onde deveriam ser, porque, aparentemente, elas realmente não tinham nada a dizer. Os médicos detinham um saber inequívoco, os histéricos apenas o contestavam tal saber, tentavam assim equivococar algo que era a princípio inequívoco. Uma atitude similar a dos cientistas da Antigüidade em relação à ciência. Cientistas modernos agindo como cientistas antigos, temendo sofrer outro golpe narcísico que lhes arrebatasse o sentido do mundo e lhes fizessem duvidar do constituído. E foi exatamente isso que acomete Freud e possibilita o surgimento da psicanálise.

Talvez o que mais tenha diferenciado Freud de seus colegas médicos tenha sido a escuta. O que Freud identificou nos sintomas histéricos não foi uma ameaça, mas sim uma interrogação que não pôde ser encarada independentemente de coragem. Apesar de ser neurologista, portanto portador do saber inequívoco, Freud teve uma atitude diferente da de seus colegas, atitude que constitui um verdadeiro corte, emudecendo o seu saber e se pondo a escutar as histéricas. Movimento que possibilitou ele a se deparar com um saber não localizado em si mesmo, mas sim um saber localizado em seus pacientes, em cada paciente: o saber inconsciente.

Nos sintomas histéricos não se tratava, portanto, de um corpo da medicina, mas de um corpo regido por um Outro saber, o saber do inconsciente.

A capacidade de Freud de duvidar do saber constituído não foi tão tardia em sua vida. Já em seus primeiros estudos, influenciado pelas idéias de Charcot, ele percebeu que a histeria

³⁰ Do grego *peithó* (persuasão)+ *iatós* (curável) + *ismo*. Designação dada à histeria por J. Babinski, médico francês (1857-1932), e que constitui uma afecção mental produzida por sugestão, sendo o paciente de ser curado, também, por sugestão (Dicionário Aurélio, 2ª ed, 1986, Ed Nova Fronteira)

contrariava a “lógica anatômica” trazida pela medicina. Ou seja, desde muito cedo, ele duvidava:

“Eu, pelo contrário, afirmo que a lesão nas paralisias histéricas deve ser completamente independente da anatomia do sistema nervoso, pois, nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta. (...) A histeria ignora distribuição dos nervos, e é por isso que não simula paralisias periférico-medulares ou paralisias em projeção. (...) Ela toma os órgãos pelo sentido comum, popular, dos nomes que eles têm: a perna é a perna até sua inserção no quadril, o braço é o membro superior tal como aparece visível sob a roupa. (...) Um histérico que não consegue falar não tem motivo para esquecer que compreende a fala, e vez que a afasia motora e a surdez para a palavra não estão correlacionadas entre si na concepção popular, e assim por diante.”³¹

Freud percebe logo que o sintoma histérico conversivo colocava em jogo o saber médico constituído e apontava para um saber além dele. O saber inconsciente apresentado pelo sintoma histérico fura o saber científico da medicina.

Nota-se, entretanto que o saber revelado nos sintomas histéricos, o saber inconsciente, se relaciona com o saber leigo, o saber inconsciente, sob o qual a Psicanálise trabalha, leigo por estrutura e não com o científico pregado pela medicina. Tal lógica é irônica à medida que o caminho da ciência moderna foi exatamente constituir um saber preciso que fosse o mais isento de erros quanto possível. Freud é instigado e tomado pelo questionamento de como tratar cientificamente o saber leigo, estrutural, do inconsciente. Como fazer ciência e ser rigoroso nessa circunstância?

Como vimos anteriormente o método cartesiano tem valor de instrumento (dúvida-ação) no intuito de alcançar a certeza da razão. O que interessa a Lacan em sua tese, quanto à correlação entre o sujeito cartesiano e o sujeito da Psicanálise, é que a dúvida acarreta uma destituição subjetiva, levando-nos ao que Freud identifica como inconsciente, um saber leigo, estruturado, com leis próprias de funcionamento.

No seminário 11, no capítulo III, intitulado “do sujeito de certeza”, Lacan afirma que é a partir da evanescência que Freud é homólogo a Descartes, pois assim como aquilo que é incerto e manifesto no sonho significa a certeza de um outro funcionamento. Assim como Descartes no qual a dúvida é o caminho para a certeza.

“De maneira exatamente analógica, Freud, onde duvida – pois enfim são seus sonhos, e é ele que, de começo, duvida – está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se

³¹ FREUD. *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*, 1893, p.240.

revela como ausente.”³²

Freud não deixa de ser cartesiano porque é a partir da dúvida que ele afirma a certeza.
“(…) Eu insisto é em que há um ponto em que se aproximam, convergem, os dois encaminhamentos, de Descartes e de Freud.”³³

Devemos ressaltar que a própria análise do sonho é um campo fecundo para constatar como Freud se relacionava com a dúvida em sua prática clínica. Quando o sujeito relata seu sonho e afirma não ter certeza, mas sim dúvidas sobre o que sonhara – a diferença entre o sonho vivido e o sonho relatado –, Freud o convoca a relatá-lo assim mesmo, é no campo da dúvida que ele se insere e busca a produção de algum saber – leigo. Como Lacan muito bem diz: a dúvida, para a psicanálise, é apoio da certeza³⁴.

É a partir desse ponto que poderemos discutir no próximo capítulo, a questão do sujeito da ciência e o corte epistemológico que a psicanálise produziu em relação a ele.

³² LACAN, Seminário 11, 1964, p. 39.

³³ Idem, ibidem, p. 38

³⁴ Idem, ibidem, p.38.

CAPÍTULO 2

A PSICANÁLISE E A CIÊNCIA

Pretendemos neste capítulo abordar a relação entre a Ciência e a Psicanálise. Para tanto, começamos a trilhar o caminho de desenvolvimento e construção da Psicanálise.

Foi em 1896 que Freud empregou pela primeira vez a palavra psico-análise, em seu artigo intitulado *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*; quando abordava o problema etiológico da histeria e da neurose obsessiva. Ele atribuiu os resultados de suas pesquisas ao novo método:

“Devo meus resultados a um novo método de psicanálise, o *procedimento* exploratório de Josef Breuer; é um pouco intrincado, mas insubstituível, tal a fertilidade... Por meio desse *procedimento*, os sintomas histéricos são investigados até sua origem, sempre encontrada em algum evento da vida sexual do sujeito...”³⁵.

Pode-se observar que a esta definição denuncia de forma explícita, porém ainda simplista, a relação entre prática (procedimento exploratório) e teoria (saber sobre a origem dos sintomas).

Desde 1895, em *Estudos da Histeria*, existem algumas referências explícitas sobre o método, que pode ser detectado a partir da análise investigativa de seus casos.

Em 1903 Freud, convencido por Loewenfeld a contribuir para um “manual padrão”³⁶ sobre a neurose obsessiva, descreve sua técnica de forma mais atualizada. Nesse texto, o método é singular e advindo do procedimento catártico, que sofreu alterações do método inicial, incluídas por Freud, com substituição da hipnose pelas associações feitas pelos pacientes, de seus pensamentos involuntários. Ele instiga seus pacientes a dizerem tudo o que lhes ocorrer à cabeça.

Contudo, no relato da história de cada paciente surgem lacunas. O aparecimento de tais lacunas leva a Psicanálise a se constituir como um saber, que versará sempre sobre aquilo que não pode ser dito. O não dito da Psicanálise receberá ao longo da história teórico-clínica várias versões. A princípio verificamos que essa lacuna se refere a algo simbolizável e, posteriormente, àquilo que é não-simbolizável donde resultarão significantes tais como:

³⁵ FREUD, *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, 1896, p. 144. grifo meu

³⁶ Idem, *O método psicanalítico de Freud*, 1903, p. 232.

umbigo do sonho, fenda, furo, falta, falta-a-ser, objeto *a*, real, etc. A psicanálise é o único saber que estabelece dentro de si mesmo, enquanto saber, tal falta.

As amnésias reveladas no discurso dos pacientes são, na verdade, o resultado do processo de recalçamento. Segundo a hipótese levantada por Breuer e Freud tal mecanismo seria motivado pelo desprazer. As elaborações de Freud nesse momento diziam respeito ao privilégio das representações no funcionamento psíquico. Tais representações podem ser classificadas como prazerosas ou desprazerosas. Quando desprazerosa, o psiquismo geraria uma operação defensiva, dentre as possíveis, o recalque. Essa operação consiste em “desalojar” e “manter desalojado” no, inconsciente, a representação responsável pelo desprazer.³⁷

A lembrança de tais acontecimentos seria impedida por esse mecanismo denominado de resistência identificado pela manifestação clínica da oposição a restauração das lacunas. Porém, através de uma distorção que obedece a uma gramática de condensação (metáfora) e de deslocamento (metonímia), esse conteúdo conseguiria reaparecer no consciente, do qual fora desalojado. E quanto maior a resistência, maior a distorção dos derivados advindos do recalçamento inicial.

O procedimento terapêutico, portanto, tinha por objetivo principal avançar em direção ao recalçado, “das distorções até o distorcido”.³⁸ Com base nessas evidências do funcionamento do psiquismo, Freud desenvolve a técnica da interpretação, que visa extrair a essência das associações “inintencionais”. Tais associações derivam das distorções que foram necessárias para reinclusão daquilo que se pretendia esquecer. Portanto, não tão “inintencionais” assim.

Tal técnica, neste ponto do desenvolvimento da Psicanálise, ainda não se encontra tão definida, mas, em suma, pode-se considerar que o texto *Interpretação dos sonhos* (1900) é seu precursor. Portanto, a interpretação está intrinsecamente ligada às leis de funcionamento do aparelho psíquico, tão bem descritas em 1900.

O propósito do método psicanalítico, a partir da descrição anterior, é, portanto, neste momento, tornar conscientes todos os recalçados. Entretanto, como apontado no texto em questão, saúde e doença não se diferenciam senão pelo fator quantitativo. Sendo assim, a direção do tratamento psicanalítico é o “restabelecimento prático do enfermo, a restauração de sua capacidade de rendimento e de gozo”³⁹.

³⁷ HANNS, *Dicionário comentado do alemão de Freud*, 1996, p. 355.

³⁸ FREUD, *O método psicanalítico de Freud*, 1903, p. 235.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 237.

Em 1911, em resposta ao convite do Secretário da Seção de Neurologia e Psiquiatria, Freud confecciona um artigo para ser lido no Congresso Médico Australasiano. Freud então descreve a Psicanálise sob um aspecto pertinente à minha questão inicial, que diz respeito à constatação de que o discurso psicanalítico advém do discurso científico a partir da clínica e acrescido do estabelecimento da transferência. A saber: combinação entre pesquisa e tratamento. Vejamos nesse artigo o que Freud esclarece:

“A psicanálise constitui uma combinação notável, pois abrange não apenas um método de pesquisa das neuroses, mas também um método de tratamento baseado na etiologia assim descoberta. Posso começar dizendo que a psicanálise não é fruto de especulação, mas sim o resultado da experiência; e, por essa razão, como todo novo produto da ciência, acha-se incompleto”.⁴⁰

A articulação, feita por Freud, entre investigação e tratamento já demonstra o caráter indissociável entre teoria e clínica, a mesma indissociação que foi constatada por ele entre o normal e o patológico. O método psicanalítico, desde os primórdios, tinha por objetivo a investigação e o tratamento de quaisquer fenômenos psíquicos. Na verdade, foi o que tornou possível constatar: “o estreito relacionamento entre os produtos psíquicos patológicos e estruturas normais”.⁴¹

A ligação entre investigação e tratamento e sua utilização sem distinção entre o patológico e o normal também pode explicar, ainda que subsidiária ou secundariamente – já que o principal é a inovação de uma experiência subversiva, as pretensões freudianas de tornar a psicanálise uma ciência, pois estaria se estabelecendo um conhecimento que teria sua construção e aplicabilidade universal tanto ao normal quanto ao patológico. Sendo a universalidade uma pretensão científica isso conferiria a Psicanálise sua vocação à ciência.

Em 1922, em um verbete de enciclopédia, ele dará uma outra definição, que ressalta alguns aspectos relevantes⁴² quanto à articulação entre investigação e tratamento. Segundo ele, a Psicanálise é um procedimento de investigação, um método de tratamento e um conhecimento, que vai se adquirindo e gradualmente se acumulará em forma de conhecimento científico.

O criador da Psicanálise tinha intenções claras quanto ao seu intuito de estabelecer a Psicanálise no campo científico, como podemos verificar nas afirmações feitas anteriormente. Porém, ele mesmo sempre relativizou a circunscrição do conhecimento que se adquire no

⁴⁰ FREUD, *Sobre a Psicanálise*, 1911, p. 265.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 268.

⁴² Idem, *Dois verbetes de enciclopédia*, 1992, p. 285.

campo psicanalítico, seja na aplicabilidade em casos normais ou patológicos, seja na determinação da origem dos sintomas nos fatos, portanto, na orientação do tratamento.

Essa hesitação, se assim podemos dizer, se impõe pela articulação indissociável entre investigação e tratamento, teoria e clínica e dela advém a dúvida quanto à localização do saber psicanalítico: Ciência ou não? Freud foi um cientista, mas aquilo que ele encontrou não se submetia ao crivo da ciência. A psicanálise sempre basculou entre uma coisa e outra. Entre o saber científico e o saber “leigo” que cada sujeito produz sobre a origem de seus sintomas.

A Psicanálise encontra-se nesse ponto de coincidência entre a investigação, o saber produzido, e sua aplicabilidade na clínica⁴³. A Psicanálise apesar de ter características científicas não se submete integralmente aos pressupostos básicos de constituição de um conhecimento denominado científico.

Freud não rompe com o cientificismo de sua época, ao contrário, ele segue os ideais desse cientificismo. Para demonstrar isso Lacan faz alusão ao rompimento de Freud e Jung, uma vez que este último dota o sujeito de profundezas, de arquétipos, de qualidades. Diferente do primeiro que se atém à pontualidade e evanescência do aparecimento do sujeito, verificável através das formações do inconsciente. Desqualificação, se assim podemos dizer, do sujeito, imposta pelo cogito à ciência.

Em *A ciência e a verdade* (1965-6), Lacan ao falar dos ideais de cientificismo freudiano, aponta o distanciamento e ruptura entre Freud e Jung:

“Prova disso, é o seu rompimento com seu adepto mais prestigioso, ou seja, Jung, desde o momento em que deslizou para algo cuja função não pode ser definida de outro modo senão como tentando estabelecer um sujeito dotado de profundezas, este último termo no plural, o que significa um sujeito composto por uma relação com o saber, relação dita arquetípica, que não foi reduzida àquela que lhe permite a ciência moderna, à exclusão de qualquer outra, e que não é nada além da relação que definimos no ano passado como pontual e evanescente: essa relação com o saber que, de seu momento historicamente natural, preserva o nome do *cogito*.”⁴⁴

O rompimento de Freud com Jung nos revela a persistência dele no trilho da ciência sem deixar seus propósitos científicos, apesar do distanciamento de Freud das ciências “ditas” humanas.

Além desse aspecto, devemos ressaltar que a articulação indissociável entre teoria e prática anula qualquer correlação direta de causa e efeito, porque não podemos associar

⁴³ Idem, *Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise*, 1912, p. 152

⁴⁴ LACAN, *A ciência e a verdade*, 1965-6, p. 872

univocamente uma causa específica a um determinado sintoma, como uma regra geral para todos os sujeitos.

A teoria não é elaborada fora da clínica e não é aplicada a ela *a posteriori*. A teoria, como saber, é construída na clínica e a clínica é em si a construção de um saber, ou melhor, a reconstrução do saber inconsciente sobre os trilhos únicos de cada sujeito/analista.

Verifica-se assim, como denominado por Freud, uma sobredeterminação, que é o fato de que uma formação do inconsciente não possui apenas uma causa. Há uma pluralidade de fatores determinantes, de diversas causas, de elementos inconscientes múltiplos. Deve-se sublinhar que não é um conjunto de diversas significações distintas que resultam na sobredeterminação, na verdade são diversas cadeias significativas que se entrecruzam resultando em um ponto.

Portanto, um mesmo sintoma pode ter causas diversas em sujeitos diferentes, assim como a mesma causa em diferentes sujeitos pode provocar sintomas distintos.

Até este ponto pôde-se verificar que Freud empreendeu sua formulação teórica a partir da clínica, perseguindo com afínco o caráter científico de sua descoberta, porém, ele se depara com um saber que se constitui a partir de um furo, revelado a partir das falhas – lacunas de memória, lapsos, esquecimentos, lembranças encobridoras, etc.

Quanto à constituição do saber psicanalítico, arrisco algumas inferências sob a ótica acima levantada quanto à inclusão do real para a delimitação do campo psicanalítico e, conseqüentemente, da constituição de um discurso que tem seu nascedouro no discurso científico. O conceito de pulsão é elaborado devido a esse distanciamento inevitável entre o saber médico e o saber que então ia se constituindo – a psicanálise. O saber médico está intimamente ligado ao somático e o conceito de pulsão, limítrofe entre o somático e o psíquico, é mais um dos testemunhos do distanciamento de Freud desse saber, mas vinculado a ele também.

Freud inicia sua empreitada aplicando os preceitos científicos e só por essa razão ele pôde encontrar a psicanálise. Em *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas* (1891) Freud toma o saber comum, leigo, como referência para o saber inconsciente⁴⁵. O saber inconsciente em jogo nos sintomas histéricos é a prova disso. Ele não obedece a nenhuma referência anatômica ou científica, mas a um sentido produzido por uma articulação significativa singular de cada paciente, dizendo sim respeito ao senso comum e não ao científico, é sentido criado.

⁴⁵ FREUD, *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*, 1891, p. 225.

“Tentarei mostrar que pode haver modificação funcional sem lesão orgânica concomitante – ou, ao menos, sem lesão nitidamente perceptível até a mais minuciosa análise. Em outras palavras, darei um exemplo adequado de modificação de uma função primitiva; e, com essa finalidade, somente peço permissão para passar à área da psicologia – que dificilmente se pode evitar, em se tratando de histeria. (...) Começarei mostrando alguns exemplos extraídos da vida social.”⁴⁶

A histeria era e é totalmente ignorante e indiferente quanto à noção anatômica e, mesmo assim, como todo tipo clínico, produz um saber inconsciente em relação aos seus sintomas, e eles mesmos são produções de saber. Os sintomas histéricos desafiaram as explicações fisiológicas e colocaram em cheque as formulações médicas para Freud. Ele verificou que a formação sintomática não tem sua origem na anatomia e sim no psiquismo. O sintoma, portanto, diz respeito a um sentido que não é o anatômico.

Freud seguia a trilha científica segundo os critérios vigentes, levando-os até o esgotamento de suas possibilidades explicativas, em um rigor que se pode a justo título qualificar de absolutamente científico. No ponto de esgotamento dos preceitos vigentes na ciência de sua época, no ponto em que estes se revelam inoperantes, é em nome da mesma Ciência que os criou (e não contra ela) que Freud é levado a romper com eles. Quando Freud utilizava a hipnose em suas investigações e propunha tal método para a cura, ele estava literalmente comprometido cientificamente. A partir do fracasso do método, uma vez que o sintoma volta, a palavra surge. E é através da palavra dita, falada, que se pode investigar a causa do sintoma.

Tendo como seu guia a causa do sintoma, Freud não tardou a encontrar uma causa maior e verdadeira, sob transferência. O que surge vai além do inconsciente, dos traumas. Ele é levado pela transferência a encontrar o real na estrutura, assim ele encontra um elemento que não é em nada humanístico. Reside aqui a articulação da transferência como o pivô de desvio de Freud dos trilhos científicos e construção da Psicanálise.

A Psicanálise deve essencialmente seu percurso à Medicina, já que Freud tinha como bússola os princípios científicos dessa. Por que, então, ele não filiou a Psicanálise nem às Ciências Biomédicas e nem às Ciências Humanas, uma vez que as últimas estavam em franco estabelecimento no final do século XIX.

Por que Freud se distancia da Medicina e, mesmo assim, não segue o Humanismo?

As ciências humanas colocam o ser humano como algo que, anteriormente, era de uso exclusivo da filosofia. E para lidar com esse objeto tinham como referência às ciências

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 241-2.

exatas, em especial a matemática, que já tinha estabelecido em si mesmo o caráter científico. Entretanto, mesmo que as ciências humanas tivessem pré-requisitos para o estabelecimento de uma cientificidade, nos moldes das ciências que as precederam, devemos salientar que o homem em questão não é o objeto de investigação de Freud.

A histeria desafia o saber médico da época, visto que não era possível localizar uma lesão anatômica que justificasse os sintomas. Quanto ao distanciamento da Medicina, ele diz respeito ao distanciamento por parte de Freud dos postulados médicos do final do século XIX, que tinham como idéia central a delimitação do corpo à anatomia, uma vez que esse saber não conseguia responder as indagações da investigação freudiana.

Entretanto, isso só é possível uma vez que ele toma os princípios das ciências biomédicas de sua época de forma rigorosa. Assim, como Descartes, ele toma o método da dúvida ao pé da letra. Freud se depara com um elemento nada humanístico. Um elemento que constitui e faz parte da estruturação do sujeito. Homem e sujeito são coisas totalmente distintas, o primeiro é uma categoria essencialista, unificada e dotada de valores imanentes à sua consciência, enquanto que o segundo é um efeito da linguagem, uma função operatória e inconsciente. O homem se refere ao indivíduo, com qualificações, atributos e essência e o sujeito a uma função operacional, que surge da divisão, sem atributos qualitativos.

2.1 – Freud e a medicina

A Psicanálise nasceu do seio da ciência e não como fruto da intenção de criar um sistema filosófico, mas num próprio comprometimento científico. Segundo Elia,

“[Freud] sabia perfeitamente bem, ainda que o exprimindo por outras vias significantes, que o *real* implicado na experiência da análise exigia ser tratado pelo *simbólico* da teoria. Ora, *tratar o real pelo simbólico é a démarche* científica por excelência. Freud visava evitar, assim, qualquer redução da psicanálise à filosofia, o que equivaleria à sua *imaginbarização*, quer pela via da *compreensão*, como propõe a fenomenologia na clássica oposição jasperiana entre *erklären* (explicar) e *verstehen* (compreender) ao optar pela segunda forma metodológica, quer pela via de um obscurantista e metafísico psicologismo das profundezas anímicas.”⁴⁷

Em verdade, como muito bem diz Elia, Freud aspirava que a psicanálise se aproximasse cada vez mais do seu ideal de ciência, representado pela Física. Esse ideal,

⁴⁷ ELIA, L. – *Uma Ciência sem coração*, 1999, p. 41.

como vimos no capítulo anterior, surge na Idade Moderna com Descartes, quando revelava uma expectativa de se dominar o mundo pela razão e pelo pensamento.

“[O objetivo cartesiano] retoma a seu encargo a exigência da pedagogia humanista, implicando a substituição da persuasão pela convicção. Ser persuadido é aceitar a verdade de um conhecimento em virtude de uma autoridade externa [...]. Ser convencido é ser capaz de produzir, por meio de sua própria razão, e somente por ela, as provas da verdade. Isto acaba por levar a nova ciência a obedecer à exigência da demonstração racional.”⁴⁸

Na Idade Média, o saber encontrava-se na mão da autoridade externa ao campo científico, que era Igreja. Porém, com a Idade Moderna, houve um grande período de inquietação e de questionamentos, no qual o homem começou a se indagar sobre as verdades existentes e pré-determinadas, o que o levou a uma verdadeira revolução de pensamento e conseqüentemente científica.

É neste contexto que o cogito cartesiano – *penso, logo sou* - é inaugurado, demonstrando uma prevalência do pensamento em relação ao ser, de tal forma que o segundo é deduzido do primeiro.

Como vimos no primeiro capítulo, é através da dúvida que Descartes constrói seu pensamento, ela se encontra no seio do cogito cartesiano

No texto *A Ciência e a verdade* (1965-6), Lacan demonstra que o sujeito de sua práxis, sobre o qual a psicanálise opera, é o sujeito da ciência, sujeito advindo do cogito cartesiano. Verifica-se aqui que Descartes ao aplicar seu método inauguração, o pensamento moderno e científico e também o sujeito propriamente dito. Um sujeito destituído de qualquer subjetividade, diferente do eu da psicologia. Um desalojamento de todo saber. Vale ressaltar que a história do *Discurso do Método* é em si mesmo resultado de uma crise subjetiva por parte de Descartes em relação aos valores e saberes de sua época. A Psicanálise ao operar sobre esse mesmo sujeito se depara com sua divisão constitutiva, verificável em sua *práxis*, abordada por Lacan para introduzir sua tese de correlação do sujeito da Ciência e da Psicanálise.

“O status de sujeito na psicanálise, acaso diremos que no ano passado o fundamentamos? Chegamos a estabelecer uma estrutura, que dá conta do estado d fenda, de Spaltung em que o psicanalista o situa em sua práxis. Essa fenda, ele a reconhece de maneira como que cotidiana. Admite-a na base, já que o simples reconhecimento do inconsciente basta para motivá-la e

⁴⁸ BAAZ & ZALOSZYC, Descartes y los fundamentos del psicoanálisis, 1994, p. 6.

que, além disso, ela o submerge, por assim dizer, em sua constante manifestação.”⁴⁹

Na realidade Descartes introduz a noção de sujeito onde não existia nada que o abordasse assim, o que havia era uma saber preexistente e pré-concebido, qualificando o homem através dos sentidos. O sujeito cartesiano rompe com a ordem estabelecida, em busca de um novo saber, saber este baseado na razão e que pudesse responder em nome da certeza. A dúvida, como foi dito anteriormente, é o elemento central que permite o corte no saber e que produz o sujeito da ciência.

Mas seria a psicanálise uma ciência? A tese de Jacques Lacan de que a psicanálise subverte o saber científico a coloca numa posição peculiar.

Essa subversão que a Psicanálise produz na Ciência se dá em função da introdução de um elemento que a própria Ciência inventou e que depois excluiu: o sujeito. Como muito bem metaforiza Elia, “a ciência constitui-se como um corpo discursivo cujo *coração* (o sujeito) é extraído, expelido para fora deste corpo”.

A tese de Lacan é justamente a de que o sujeito de que trata a Psicanálise é esse mesmo sujeito que a Ciência excluiu no seu próprio ato de fundação, o que faz com ela seja inteiramente derivada da Ciência. Cada Ciência trata de um referente particular que lhe é específico, definido como elemento invariável⁵⁰, enquanto o referente da Psicanálise é o sujeito excluído.

Lacan ao abordar a verdade, como causa, do que é verificável na experiência psicanalítica - *spaltung*, como mola propulsora da produção do saber. Para tanto disserta sobre a magia e a religião, ao final de suas articulações retoma a ciência:

“Quanto ao que ocorre com a ciência, não é de hoje que posso dizer o que me parece ser a estrutura de suas relações com a verdade como causa, já que nosso progresso neste ano deve contribuir para isso. Abordá-la-ei através da estranha observação de que a prodigiosa fecundidade de nossa ciência deve ser interrogada em sua relação com o seguinte aspecto, no qual a ciência se sustentaria: que, da verdade como causa ela não quer-saber-nada. Reconhece-se aí a formulação que dou da *Verwerfung* ou forclusão – que viria juntar-se aqui, numa série fechada, à *Verdrängung*, recalque, e à *Verneinung*, denegação, cuja função vocês reconheceram de passagem na magia e na religião.”⁵¹

⁴⁹ LACAN, *A ciência e a verdade*, 1965-6, p. 869

⁵⁰ ELIA, L. – *Uma Ciência sem coração*, 1999, p. 45.

⁵¹ LACAN, *A ciência e a verdade*, 1965-6, p. 889.

Ao reintroduzir aquilo que a Ciência exclui, porém, a Psicanálise perde o seu lugar na Ciência e funda não somente uma novidade discursiva, uma outra ciência, mas um verdadeiro rompimento discursivo, pois o discurso da Psicanálise é não é o mesmo da Ciência. Na verdade, a Psicanálise capta na Ciência o elemento excluído por ela mesmo e o coloca como seu referente absoluto, fundando, assim, um novo campo de saber.

Pode-se verificar o rompimento da psicanálise com o discurso científico através do seu nascimento na medicina e subsequente afastamento dela. A medicina da época tinha como diretriz um saber previamente constituído e a partir dele avaliava os sintomas dos pacientes segundo os critérios já estabelecidos. A consequência direta de tal postura revela a não-posição do sujeito no discurso médico. Freud, subvertendo essa lógica, ouve aquilo que estava inaudito, primeiramente no discurso histérico, e inicia um privilégio do sujeito em seu discurso resolvendo levar em conta as teorias formuladas por seus pacientes quanto aos seus próprios sintomas. O discurso médico, partidário do discurso científico, foi a posição inicial de Freud, com a qual foi obrigado a romper, em função daquilo com que se deparou na clínica: o inconsciente. Esse rompimento na verdade é uma torção, uma subversão. Não significa a morte de um tipo de conhecimento para o surgimento de outro.

Freud iniciou como médico neurologista, mas acabou por romper com o discurso científico. Esse rompimento, porém, não foi súbito, mas efeito de um longo percurso na clínica, que envolveu grandes elaborações e reelaborações de seu pensamento teórico e de seu método de atuação, sempre a partir da clínica.

Talvez um dos principais pontos de ruptura com o discurso da medicina tenha sido em relação à idéia de organismo anatômico, em contraponto com o corpo erógeno, revelado pelos sintomas histéricos. Se a medicina pretendia descrever doenças e seus sintomas sob o saber médico e tratá-las no campo do anatômico, os sintomas histéricos surgem como um verdadeiro desafio a este saber pré-concebido.

Ao analisar as diferenças entre as paralisias orgânicas e as histéricas, Freud percebeu que o saber em jogo nas últimas diferia do saber em jogo das primeiras. Nas paralisias orgânicas, o saber em jogo é o próprio científico, da fisiologia, enquanto que o saber em jogo nas paralisias histéricas era um saber do senso comum, que, mais tarde, será nomeado de inconsciente.

Foi não desviando dos trilhos cientificistas que ao encontra-se com as questões da histeria Freud pode subverter esse mesmo saber, através de seu percurso metodológico clínico: hipnose, passando pela sugestão e chegando a associação livre. Todos advindos da possibilidade do estabelecimento do fenômeno da transferência na *práxis*.

2.2 – A hipnose

Nos textos iniciais pré-psicanalíticos de Freud, como *Histeria* e o prefácio à tradução alemã de *De la suggestion et des applications à la thérapeutique*, de Hyppolite Bernheim, ambos de 1888, já podemos encontrar o destacamento da importância da relação que o médico estabelece com o paciente para o sucesso do tratamento. Neste último podemos ver como Freud se aproveita das idéias de Bernheim sobre a influência psíquica que o médico estabelece com o paciente, no processo hipnótico, para estimular uma reação interna nele.

Para Bernheim, o fenômeno da hipnose possuía uma base psíquica, através da qual o hipnotizador conseguiria hipnotizar e influenciar o hipnotizado através do poder da sugestão. Bernheim estava vinculado à escola de Nancy e os seguidores dessa acreditavam que a hipnose estava relacionada com o poder de influência de um indivíduo sobre o outro, independente de um substrato orgânico para ser efetuada.

Embora não possamos dizer que Freud concordasse com a totalidade das idéias de Bernheim, a influência delas sobre ele é inegável.

Em *De la suggestion et des applications à la thérapeutique* (1888), Freud questiona ambas as idéias de Bernheim e de Charcot acerca da hipnose – se ela exhibe fenômenos psíquicos ou fisiológicos – e hipotetiza que é a influência do hipnotizador, com seu poder de sugestão, que produz sobre o hipnotizado os efeitos da hipnose, porém, não sem que haja uma predisposição no hipnotizado em ser influenciado:

“Eu gostaria de apresentar o ponto de vista de que o elemento que distingue uma sugestão de outros tipos de influência psíquica, como dar uma ordem ou fornecer uma informação ou orientação, é que, no caso da sugestão, é despertada no cérebro de outra um idéia que não é examinada quanto à sua origem, mas que é aceita como originada espontaneamente no cérebro dessa pessoa”⁵²

Em 1889, na resenha do livro *O hipnotismo*, de August Forel, Freud acrescenta a idéia de que o hipnotizado se predispõe a ser influenciado quando institui no hipnotizador uma posição de poder e de autoridade⁵³.

Ainda neste texto, Freud estabelece que a hipnose só seria possível através de três fatores. O primeiro e mais importante deles, seria a capacidade do hipnotizador de influenciar *psicologicamente* o hipnotizado. Vemos, aqui, muito das idéias de Bernheim. O segundo fator seria a constituição fisiológica – herança das idéias de Charcot de que a hipnose exibiria

⁵² FREUD, *Prefácio a De La suggestion et des applications à La thérapeutique*, 1888-89, p. 132.

⁵³ Idem, *Resenha de hipnotismo*, 1889, p. 146-7.

fenômenos fisiológicos -, e o terceiro a disposição do hipnotizado em ser sugestionado, que ele chama de auto-sugestão⁵⁴.

Vemos nessa explicação um somatório entre as idéias de Bernheim e as de Charcot, afirmando as duas, sem negar nenhuma delas, na qual uma terceira posição, a de Freud pôde surgir.

A propósito da História da Histeria, Etienne Trillat, descreve a luta entre Salpêtrière (Charcot) e Nancy (Bernheim) e afirma:

“As duas interpretações da hipnose, longe de se oporem, juntam-se. “A hipnose diz respeito ao mesmo tempo a fenômenos psíquicos e fisiológicos e a própria hipnose pode ser obtida de uma maneira ou de outra”. (FREUD, Resenha de hipnotismo, 1889, p. 131). Na época, a questão se revestia de uma importância teórica considerável. Duas teses se opunham: para uns (a escola da Salpêtrière) a prova de que a hipnose, e por conseguinte a histeria, são de natureza fisiológica, é que elas são produzidas por um estímulo físico (luz forte, sim de gongo, etc). Para outros (a escola de Nancy), é a sugestão da idéia de dormir, ou a auto-sugestão, que provoca a hipnose. Dessa forma a hipnose é de natureza psicológica, a histeria também.”⁵⁵

Assim, para Freud, a posição de autoridade do hipnotizador é indispensável para que a hipnose se efetue e o hipnotizador possa levar o hipnotizado a um estado alterado de consciência. Mas, para além dessa posição de autoridade, é necessário também outro fator. Essa autoridade implica em uma relação de confiança, através da qual o hipnotizado se entrega ao hipnotizador. Daí a importância da relação entre o médico hipnotizador e o paciente hipnotizado. Se o paciente não confiar no médico, este não será capaz de efetuar a hipnose.

2.3 – A fala

Em 1890, no texto *Tratamento psíquico*, além de argumentar sobre a importância da pessoa do médico para o tratamento das perturbações físicas e psíquicas, Freud passa a falar da importância das palavras:

“O leigo por certo achará difícil compreender que as perturbações patológicas do corpo e da alma possa ser eliminadas através de ‘meras’ palavras. Achará que lhe estão pedindo para acreditar em bruxarias. E não estará tão errado assim: as palavras de nossa fala cotidiana não passam de magia mais

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 149.

⁵⁵ TRILLAT, *História da Histeria*, 1991, p. 228.

atenuada. Mas será preciso tomarmos um caminho indireto para tornar compreensível o modo como a ciência é empregada para restituir às palavras pelo menos parte de seu antigo poder mágico”⁵⁶.

Se os médicos do século XIX tinham repúdio à dimensão subjetiva e temiam conceder a ele certa autonomia, abandonando, assim, o terreno da cientificidade, Freud tenta restituir a ele sua importância, tirando-o somente do terreno da filosofia e tentando inseri-lo na ciência⁵⁷.

Afetado pela experiência clínica com a histeria, Freud não deixava de apontar os efeitos da dimensão subjetiva sobre os órgãos e tecidos, mostrando uma relação clara entre o estado emocional e o físico.

Segundo ele, quando determinado sentimento é extremamente intenso ou muito frequente, ele passaria a ter efeito direto sobre o organismo, influenciando-o tanto beneficentemente quanto maleficamente:

“Os estados afetivos persistentes de natureza penosa, ou, como se costuma dizer, ‘depressiva’, tais como desgosto, a preocupação e a tristeza, abatem a nutrição do corpo como um todo, causam o embranquecimento dos cabelos, fazem a gordura desaparecer e provocam alterações patológicas nas paredes dos vasos sanguíneos. Inversamente, sob a influência de excitações mais alegres, da ‘felicidade’, vê-se o corpo inteiro desabrochar e a pessoa recuperar muitos sinais de juventude. Evidentemente, os grandes afetos têm muito a ver com a capacidade de resistência às doenças infecciosas; um bom exemplo disso é a observação médica de que a propensão a contrair tifo e disenteria é muito mais significativa nos membros de um exército derrotado do que na situação de vitória”⁵⁸.

Freud continua explicando a influência da dimensão subjetiva no físico, citando exemplos de milagres em espaços religiosos, nos quais a fé tem um poder curativo.

Através desses exemplos Freud destaca a aproximação que poderia existir entre o saber médico e a religião, pois um curandeiro inspiraria confiança e admiração de seu paciente. Entretanto, devemos recorrer a Lacan para elucidar tal propensão a sugestibilidade do saber médico pela via religiosa. Aqui Lacan destaca que a religião incumbe a Deus de toda a causa, cortando o acesso à verdade.

“Digamos que o religioso entrega a Deus a incumbência da causa, mas nisso corta seu próprio acesso a verdade. Por isso ele é levado a atribuir a Deus a causa de seu desejo, o que é propriamente o objeto de sacrifício. Sua demanda é submetida ao desejo suposto a Deus que, por conseguinte, é preciso seduzir. O jogo do amor entra por aí.”⁵⁹

⁵⁶ FREUD, *Tratamento psíquico*, 1890, p. 267.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 268.

⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 271.

⁵⁹ LACAN, *A ciência e a verdade*, 1965-6, p. 887

Freud aponta a necessidade da existência de um *rapport*. Relacionado à pessoa do médico, causa do estabelecimento de confiança no médico por parte do paciente, tal como os curandeiros fazem. As palavras do curandeiro exercem magia sobre seus pacientes. Dois aspectos a serem pontuados aqui: a personalidade do médico e as palavras por ele proferidas na hipnose. Então vejamos Freud:

“Quando entendemos por tratamento psíquico o esforço de provocar no doente os estados e condições anímicos mais propícios para cura, vemos que esse tipo de tratamento médico é, historicamente, o mais antigo ... A própria personalidade do médico adquiria prestígio por derivar diretamente do poder divino, já que, em seus primórdios, a arte curativa estava nas mãos dos sacerdotes.”⁶⁰

“Agora começamos também a compreender a ‘magia’ das palavras. É que as palavras são o mediador mais importante da influência que um homem pretende exercer sobre o outro; as palavras são um bom meio de provocar modificações anímicas naquele a quem são dirigidas, e por isso já não soa enigmático afirmar que a magia das palavras pode eliminar os sintomas patológicos, sobretudo aqueles que se baseiam justamente nos estados psíquicos”⁶¹.

Na primeira referência podemos verificar que algo do médico (analista) tem que desperta essa possibilidade essa ligação imprescindível para a hipnose. E uma vez que a hipnose tem caráter de sugestibilidade ela é em si embrião para o que se constituirá como elaboração conceitual sobre a transferência. Quanto a segunda referência podemos aqui identificar a predominância do significante no estabelecimento da transferência. Vejamos algumas pontuações feitas por Lacan em *Ciência e Verdade* ao discorrer sobre a magia como forma de constituição de um tipo de saber, distinto da religião e da psicanálise.

“Sobre a magia, parto da visão que não deixa nada vago a respeito da minha obediência científica, mas que se contenta com uma definição estruturalista. Ela supõe o significante respondendo como tal ao significante. O significante na natureza é invocado pelo significante do encantamento. É metaforicamente mobilizado.”

Lacan afirma que essa redução negligencia o sujeito, há uma coincidência entre o sujeito da ação, por exemplo, o xamã e o sujeito corpóreo. Essa coincidência entre significantes impede o aparecimento do sujeito da ciência, nesse caso o saber aparece velado ao sujeito da ciência.

⁶⁰ FREUD, *Tratamento psíquico*, 1890, p. 275.

⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 276.

Devemos nos ater as idéias centrais aqui colocadas no que tange a hipnose, a figura do médico e as palavras suscitavam no paciente a possibilidade de hipnose. Essas características permanecem na relação que se estabelece entre médico e paciente após o abandono da técnica de hipnose por Freud.

Freud abandonaria a hipnose por considerá-la enfadonha e admitindo sua incapacidade em hipnotizar seus pacientes. Assim ele decide abandonar o método desvinculando-o do tratamento catártico e afirmando a seus pacientes que eles sabiam sobre seus sintomas, a luz de uma experiência de Berheim, assim privilegiando o que o paciente tinha a dizer.

“Tornou-se logo enfadonho o hipnotismo, como recurso incerto e algo místico; e quando verifiquei que apesar de todos os esforços não conseguia hipnotizar senão parte de meus doentes, decidi abandoná-lo, tornando o procedimento catártico independente dele.(...) Tratava-se de fazer o doente contar aquilo que ninguém, nem ele mesmo, sabia. Como esperar consegui-lo? O auxílio veio da recordação de uma experiência de Berheim, ...”⁶²

O tratamento através da fala, porém, não se resumia somente à sugestão pelas palavras do médico, mas também ao manejo das próprias palavras do paciente. Se de início o tratamento da hipnose e da sugestão baseavam-se na tentativa de eliminar a doença sem possibilidade de elaboração, Freud e Breuer abriram um novo espaço terapêutico.

Em 1895, em *Estudos sobre histeria*, Freud e Joseph Breuer apresentam suas idéias de que a histeria seria originária de um trauma não extravasado, estrangulado em regiões não conscientes do psiquismo. Isso aconteceria porque o paciente teria sido incapaz de reagir adequadamente a um fato que teria gerado grande excitação, impossibilitando, assim, que o afeto produzido fosse descarregado.

Neste texto, Freud e Breuer ainda apresentam uma técnica de tratamento, chamada de método catártico, que consistia em fazer com que o paciente expressasse o afeto estrangulado através da fala, dando, então, vazão a ele. Nas palavras de Freud e Breuer,

“Quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança. Uma ofensa revivida, mesmo que apenas com palavras, é recordada de modo bem diferente de outra que teve que ser aceita. A linguagem também reconhece essa distinção, em suas conseqüências mentais e físicas; de maneira bem característica, ela descreve uma ofensa sofrida em silêncio como ‘uma mortificação’. A reação da pessoa insultada em relação ao trauma só exerce um efeito inteiramente “catártico” se for uma reação adequada – como, por exemplo, a vingança. Mas a linguagem serve de substituto para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser “ab-reagido” quase com a mesma eficácia. Em outros casos, o próprio falar é reflexo adequado; quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação

⁶² Idem, *Cinco lições de psicanálise*, 1909, p. 24.

de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão. Quando não há uma reação desse tipo, seja em ações ou palavras, ou, nos caos mais benignos, por meio de lágrimas, qualquer lembrança do fato preserva sua tonalidade afetiva do início.”⁶³

Ou seja, com o método catártico, Freud e Breuer pretendiam promover uma descarga emocional de modo a libertar o afeto ligado à recordação de um evento traumático. Isso se faria através da própria recordação da lembrança, o que permitia que o paciente ressignificasse sua vivência. Vemos aqui a aposta de Freud no potencial de cura através da fala. Para Freud, o ato de falar era capaz de expurgar a causa do sofrimento através de uma catarse. Anna O., paciente de Breuer, cujo tratamento fora descrito em *Estudos sobre histeria* (1895), apelidou tratamento de *chimmey-sweeping* (limpeza de chaminé) e *talking cure* (cura pela fala).

2.4 – O abandono da hipnose

Breuer utilizava a hipnose como forma de induzir as pacientes histéricas a rememorarem o trauma e a falarem dele para provocar a catarse. Freud, por certo tempo, também utilizou a hipnose, mas foi obrigado a abandonar a técnica, devido às limitações próprias da técnica e às suas mesmo como hipnotizador.

A propósito do caso Emmy Von N., descrito em *Estudos sobre histeria* (1895), Freud afirma que “embora não [possa] negar que no estado de sonambulismo ela [Emmy Von N.] era altamente sugestionável, estava longe de exibir uma ausência patológica de resistência”⁶⁴.

Além disso, Freud confessa não sentir-se à vontade com a hipnose, não ser um bom hipnotizador e denuncia que nem todos os pacientes são hipnotizáveis⁶⁵.

Os casos de Lucy R. e Elisabeth Von R., também descritos em *Estudos sobre histeria*, são o marco do abandono da técnica da hipnose e do começo da utilização da sugestão por Freud, através da técnica de pressão sobre a fronte, que aprendera em Nancy, com Bernheim. Freud passa, então, a apenas pedir que o paciente se deite, feche os olhos e se concentre. Pressionando a mão sobre a testa e ordenando que o paciente se lembre este, então, recobra suas lembranças, mesmo fora da hipnose.

⁶³ Idem, *Estudos sobre histeria*, 1895, p. 45-6.

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 120.

⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 129.

Isso funcionaria porque Freud acreditava que o paciente sabia a causa de seu sofrimento, embora esse saber não estivesse conscientemente acessível. Em suas palavras: “Resolvi partir do pressuposto de que meus pacientes sabiam tudo o que tinha qualquer significado patogênico e que se tratava apenas de uma questão de obrigá-los a comunicá-lo”⁶⁶.

Esta técnica, apesar de preferida por Freud, também, segundo ele, não estava livre de obstáculos. Ela tende a falhar se não há nenhuma lembrança a ser encontrada ou se existe uma resistência forte demais, que só pode ser superada posteriormente no tratamento⁶⁷. É então que Freud apresenta um terceiro obstáculo, que muito interessa ao nosso tema, segundo ele, o pior a ser enfrentado. A técnica da sugestão tenderá a falhar se a relação entre o paciente e o médico for perturbada⁶⁸. Mais uma vez, podemos notar que Freud chama atenção para a questão transferencial do tratamento. Não é à toa, portanto, que a psicanálise se constituirá como um tratamento efetuado sob transferência.

O que fica marcado é que tanto na hipnose como na sugestão é necessário que o médico crie uma relação de confiança com o paciente, e a psicanálise porta essa característica de sua origem. A relação entre médico e paciente começa a ganhar destaque no discurso de Freud em relação ao sucesso e ao fracasso de um tratamento.

2.5 – A associação livre

Foi o abandono da hipnose e a utilização da sugestão como técnica que abriram espaço para o nascimento da psicanálise. Se antes Freud induzia seus pacientes a falar, fosse através da hipnose ou da sugestão, a aposta no saber do paciente sobre sua doença adquiriu tal importância que Freud chegou a teorizar que a fala do paciente estaria inevitavelmente marcada por sua história. Em outras palavras, Freud percebe que ele não precisaria obrigar o paciente a falar. A verdade é que o paciente ao falar, inevitavelmente, estaria falando de sua doença.

Identificamos aí a passagem da necessidade de obrigar o paciente a falar de sua doença para a impossibilidade de impedir que o paciente fale dela, porque, se ele falar, inevitavelmente estará falando dela. Embora a técnica da associação livre, como será chamada, pareça tratar de uma liberdade na escolha do que falar, essa liberdade é ilusória. Os

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 130.

⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 290.

⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 291.

conteúdos traumáticos, sejam de forma direta ou através de substitutos, sempre estarão determinando a fala do paciente.

A percepção dessa insistência dos conteúdos inconscientes teve sua origem na experiência clínica de Freud. O nascimento da psicanálise, é, portanto, atribuído a duas mulheres. A primeira, Anna O., tratada por Joseph Breuer, a quem se atribui a invenção da terapia pela fala (talking cure), e a segunda, Emmy Von N., tratada por Freud, que possibilitou uma clínica pautada na escuta. Mas podemos destacar um evento da vida de Freud, relacionado a uma terceira mulher, que é um verdadeiro marco.

Em 1893, Freud estava de férias nos Alpes Orientais e, lá, foi procurado para tratar de uma jovem de dezoito anos, chamada Katharina, que sofria de falta de ar, cefaléia, vertigens e outros sintomas que ele considerou como próprios de um caso de histeria.

Acreditando que a hipnose e a técnica da pressão na testa não eram adequadas para aquela situação, Freud preferiu recorrer a uma “simples conversa”⁶⁹. Ainda marcado pelo discurso médico, Freud expôs-lhe suas hipóteses sobre a doença de Katharina, mas abriu um espaço para que ela própria falasse da sua doença.

Este caso representa o nascimento da psicanálise porque, nele, Freud faz uso apenas da associação livre, mesmo que ainda não nomeada, configurando uma verdadeira ruptura com a tradição médica. Essa suposição por parte de Freud de que o paciente detinha um saber sobre sua doença é um grande ponto de ruptura com o discurso médico, que coloca o saber sobre a doença ao lado do profissional. A hipnose e a sugestão, apesar de apresentarem novidades em relação ao discurso médico no que se refere à escuta do saber do paciente, tendo, portanto, uma relação de continuidade com a psicanálise, ainda tinham o objetivo de convencer o paciente de que o médico possuía o saber sobre seu sofrimento e, em função disso, devia obediência ao médico.

Na associação livre, o saber, antes localizado no lado médico, passa a se localizar definitivamente no discurso do paciente. Segundo Martins,

“A natureza do diálogo que Freud manteve com Katharina, de fato, abrange toda a gama de novidade clínica que podemos observar não apenas do ponto de vista do uso de uma matriz clínica como forma de compreensão do psiquismo, como também traz o elemento novo: o diálogo como tendo o valor de técnica, mesmo que não explicitado como tal. E nesse sentido, estamos elevando o diálogo de Freud e Katharina a uma condição paradigmática do tratamento dos sintomas histéricos, em *modus operandi*, já nesse início da clínica freudiana, se pensássemos a literatura psicanalítica como um todo (...) Freud pareceu confiar naquela conversa, no sentido de produzir lembranças em Katharina. Então, o objetivo da psicoterapia parecia,

⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 144.

de forma geral, estar assegurado (...) Freud parecia crer na existência de um processo associativo, que se desenvolvia no decorrer do relato da Jovem Katharina, enquanto esta descrevia o que lhe teria acontecido, portanto, enquanto a jovem relatava um fato, outros novos surgiam (...) o diálogo estava funcionando para Freud como técnica.”⁷⁰

Assim como na hipnose e na sugestão, porém, a relação de confiança entre o médico e o paciente era necessária para o sucesso do tratamento. Já em *Estudos sobre histeria* (1895), Freud percebe que as resistências do paciente em contar sua história se relacionavam com uma associação do médico com as lembranças de fatos ou pessoas do paciente, coisa que ele chamou de *falsa ligação*⁷¹.

A esse fenômeno de repetição que comparece como uma recordação ou como uma atuação das cenas e pessoas do passado do paciente, atualizadas na presente com o médico, Freud deu o nome de *transferência*:

“A transferência para o médico se dá por meio de uma falsa ligação (...). Numa de minhas pacientes, a origem de um sintoma histérico específico estava num desejo, que ela tivera muitos anos antes (...) que o homem com quem conversava na ocasião ousasse tomar iniciativa de lhe dar um beijo (...). O desejo assim presente foi então, graças à compulsão a associar que era determinante na consciência da paciente, ligado a minha pessoa (...) provocou-se o mesmo afeto que forçara a paciente, muito tempo antes, a repudiar esse desejo proibido. Desde que descobri isso, tenho podido, todas as vezes que sou pessoalmente envolvido de modo semelhante, presumir que uma transferência e uma falsa ligação tornaram a ocorrer. Curiosamente, a paciente volta a ser enganada todas as vezes que isso se repete.”⁷²

Na medida em que Freud abandonou o modo médico de tratar a histeria – hipnose e sugestão -, e se deparou com o fenômeno da transferência, é que pôde surgir a psicanálise. Segundo Clavreul,

“A hipnose e a sugestão estavam em continuidade direta com o discurso médico no sentido de que o médico, aí, mantinha o comando sobre as idéias justas que o doente devia ter – no lugar de suas próprias – para que desaparecesse a neurose (...) A clínica psicanalítica começa (...) nas manifestações transferenciais, que é o lugar onde se detém a clínica médica”⁷³.

2.6 – A psicanálise e a ciência

⁷⁰ MARTINS, *A clínica da histeria e o caso Katharina de S. FREUD*, 1999, pp. 145-7.

⁷¹ FREUD, *Estudos sobre histeria*, 1895, pp. 94-7.

⁷² Idem, *ibidem*, pp. 291-2.

⁷³ CLAVREUL, *A ordem médica: poder e impotência do discurso médico* 1983, pp. 181-184.

Jean-Claude Milner, em *Obra Clara*, ao abordar a equação formulada por Lacan, em *A ciência e a verdade*: “o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise não pode ser senão o sujeito da ciência”, afirma que a equação dos sujeitos não diz respeito à teoria, mas sim à práxis, que se encontra no cerne da questão, uma vez que o termo operação se refere à ação. Note-se aqui, como essa apreensão coaduna com o pensamento freudiano, apontando para mais um ponto de distanciamento entre a psicanálise e a ciência.

Pode-se depreender a idéia central desta dissertação a partir dessa referência de Milner ao Lacan, pois a articulação entre ciência e psicanálise está pautada na filiação da psicanálise à ciência a partir da clínica e de seu aporte na transferência.

Lacan tem como tese a filiação da Psicanálise à Ciência. Tal tese é desenvolvida em um de seus escritos intitulado *A Ciência e Verdade* (1965). Ele inicia o escrito apontando que a práxis revela uma fenda. E destaca o aparecimento do sujeito, tomado nessa fenda que o constitui e sobre o qual a psicanálise opera. Sujeito esse correlato ao sujeito da ciência, uma vez que ele surge com o advento da ciência moderna.

A psicanálise, desde Freud até Lacan, aspira uma cientificidade, na medida em que é o sujeito que lhe interessa, porém, o primeiro descobre um saber que não se submete a análise sob o ponto de vista científico. Portanto, a psicanálise é e não é ciência. É a única ciência do sujeito, mas a transmissão do saber que é produzido não se dá nos moldes de um conhecimento científico, quanto à sua inteligibilidade. Ela é uma experiência do que não pode ser dito, que não se pode ser transmitido, mas que ainda mesmo assim é verificável em sua práxis.

A psicanálise não é uma ciência no sentido de poder ser esclarecida e comunicada. Ela não visa enquadrar sua experiência em certa ordem, coisa impossível, uma vez que ao incluir o sujeito tem que suportar sua divisão estrutural. Por isso denominamos no campo psicanalítico a transmissão da psicanálise e na o seu ensinamento.

A psicanálise deriva do campo científico, mas sai dele, porém não através de um rompimento oposicionista. Assim, não é de fato uma ruptura, mas também não é uma identificação com a ciência. Na verdade faz uma subversão em relação à ciência, porque surge a partir dela, mas inclui em seu corpo um sujeito que foi descoberto pela ciência, mas expurgado por ela mesma. É uma subversão sem um rompimento ou oposição dicotômica.

No texto intitulado *Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960), Lacan afirma que a psicanálise subverte a própria questão do sujeito da ciência, uma vez que a práxis é que possibilita o surgimento desse. Verifica-se aqui uma

“ausência total de status científico”⁷⁴. Não se trata de considerar o sujeito como unidade, assim como o fez a Psicologia, mas constatar o seu surgimento na descontinuidade do discurso, entre um significante e outro.

Freud, com sua atitude intelectual metódica, desenvolve uma prática de saber rigorosa. O questionamento radical freudiano causou certo impacto no campo do conhecimento científico. Tal impacto deve-se, essencialmente, ao intuito freudiano de constituir um conhecimento sob o crivo da ciência moderna. Entretanto, a Psicanálise não é uma ciência, conforme aponta Lacan.

A teoria psicanalítica se constituiu a partir das elaborações freudianas derivadas da prática clínica. O campo de pesquisa da psicanálise é o inconsciente, cuja abordagem ou investigação só é possível na experiência psicanalítica, portanto na clínica. Toma-se cada caso como um caso. Talvez aqui se encontre o primeiro nó da articulação teoria e clínica, que não são estanques, a teoria se produzindo a partir da clínica, uma vez que esse saber, que é produzido na experiência analítica, é produzido pelo analisando. Assim, a teoria psicanalítica é um campo de saber constituído na clínica, só a partir dela.

Entretanto, a Psicanálise inclui algo de incognoscível, que é denominado como real, na experiência. A Psicanálise opera sobre o real. Esse real está tanto do lado do agente como do “paciente” e também dele deriva um fragmento de real. A experiência psicanalítica possibilita o surgimento de algo que está entre um significante e outro, isso só é possível a partir do que Lacan denominará como real, que já comparecia na obra freudiana, porém, de forma não conceituada.

Na obra freudiana podemos encontrar o real, posteriormente transformado em conceito por Lacan, em pelo menos três passagens:

1. No Projeto para uma Psicologia Científica quando Freud discorre sobre o complexo do semelhante, subdividindo-o em dois componentes: um que pode ser compreendido e outro que escapa a compreensão, permanecendo unido como uma *coisa*.⁷⁵ Essa coisa será utilizada por Lacan como *Das Ding* o objeto perdido, da ordem do real;

2. *A interpretação dos sonhos* (1900) faz referência ao umbigo do sonho, em um trecho que, na interpretação, tem que ser deixado na obscuridade, pois representa um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa deserendar e mergulha no desconhecido.⁷⁶ O umbigo do sonho é resgatado por Lacan e associado ao real.

⁷⁴ LACAN, *Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*, 1960, p. 808.

⁷⁵ FREUD, *Projeto para uma Psicologia Científica*, 1887-1902, p 448.

⁷⁶ Idem, *A interpretação dos Sonhos*, 1900, p 482.

3. No texto *O estranho* (1919) Freud aponta para o duplo sentido da palavra *heimlich* que além de significar algo que foi afastado do conhecimento – o inconsciente, também significa algo obscuro e inacessível ao conhecimento.⁷⁷

O real se impõe na medida em que algo escapa à compreensão integral através do simbólico. Na verdade, é o simbólico que implica a expulsão de algo do campo da representação, na medida em que o simbólico, em Psicanálise, é um campo furado – e será, na lógica borromeana da fase final do ensino de Lacan, o registro do próprio furo.

O saber produzido na e a partir da experiência psicanalítica aponta para um real que articula de forma indissociável saber e clínica. A transferência possibilita o surgimento do sujeito e a verificação de um saber inconsciente por parte do analisando. Isso coloca em questão sua estruturação a partir daquilo que fica inassimilável tanto no saber inconsciente quanto no saber que deriva dessa experiência clínica, que foi denominada por Freud de Psicanálise.

As Ciências Humanas não tratam do sujeito, que é revelado na práxis psicanalítica, e que empiricamente demonstra sua divisão. A esse sujeito não cabe nenhuma referência humanista. Quanto a isso Lacan afirma: “Não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas sujeito.”⁷⁸

Lacan retoma a questão da Psicanálise e sua articulação com a Ciência de maneira inovadora, demonstrando que o sujeito sobre o qual a Psicanálise opera é o sujeito da Ciência⁷⁹, ou seja, há um momento histórico inaugurado por Descartes que viabiliza a descoberta freudiana do inconsciente. O gesto científico produz um sujeito indubitavelmente. Esse momento inaugural da Ciência moderna é correlato ao surgimento do sujeito moderno através do cogito. As duas coisas surgem concomitantemente o sujeito moderno e a Ciência Moderna. Dada tal tese como poderia Freud ter criado a Psicanálise senão persistindo em transformar a Psicanálise em Ciência?

Assim Lacan explicita “... a vocação de ciência da psicanálise”⁸⁰ colocando-a como derivada da ciência sem reducionismos.

A ciência está atrelada a uma formalização, surgindo na Psicanálise, sob a ótica lacaniana, como “vocação” quando se refere ao significante enquanto separado de qualquer significação. A psicanálise é filha direta da ciência Moderna pelo o que ela produziu “sem querer”, a saber: o sujeito.

⁷⁷ Idem, *O estranho*, 1919, p. 283.

⁷⁸ LACAN, *A ciência e a verdade*, 1965-6, p.873

⁷⁹ Idem, *ibidem*, p.873

⁸⁰ Idem, *ibidem*, p.870.

Lacan retoma a psicanálise como um saber em si, cuja verdade *non sense* lhe é própria, um instrumento de investigação e de conhecimento original. A psicanálise se define como uma prática e foi através dela que Freud descobriu o psiquismo em sua presença irreduzível. Uma prática específica, porque visa curar o corpo através das palavras.

Portanto, o discurso da ciência não é de modo algum operatório para expressar adequadamente sobre o que opera o campo psicanalítico: o sujeito.

Sobre que sujeito então opera a Psicanálise? O sujeito do inconsciente sem qualificações e sem atributos qualitativos, quantitativos e passíveis de mensuração. Sujeito que é efeito do funcionamento das leis significantes. O sujeito do inconsciente, descoberto por Freud, não é empírico, ele é, de modo correlato do sujeito cartesiano, despido de atributos e qualificações. É no dispositivo clínico que ele pode advir, percorrendo as formas pelas quais ele se constituiu, ou melhor, se estruturou e se estrutura.

Existem incidências da categoria de estrutura já presentes em Freud de maneira implícita, mas sua utilização se torna explícita em Lacan, o que em parte se deve a influência do estruturalismo, oriundo de outros campos de saber, em seu “retorno a Freud”.

Quando o sujeito surge para a Ciência ele aponta um real, que pode ser inferido a partir da “desqualificação” do sujeito, a partir da dúvida cartesiana. Esse sujeito traz a reboque o real. Na verdade, é o real que o traz a reboque, porque o sujeito advém diante de algo inassimilável. Como sustentar um saber – Psicanálise - que coloca o sujeito nesse lugar? Lacan retoma a gênese desse saber distinguindo-o da verdade, sendo o primeiro o inconsciente e a última o ponto de esgotamento do saber. A verdade diz respeito ao real.

Sob o eixo da constituição do sujeito moderno é que Lacan interroga o saber da Psicanálise e constrói o conceito de sujeito. O sujeito é operador lógico e não empírico. Assim, o sujeito não é referente, porque um referente diz respeito à realidade das coisas. O sujeito enquanto categoria não tem materialidade, não se inscreve dentro de uma realidade material.

Porém, o sujeito sobre o qual a psicanálise opera não é relativo a algo significável, sentido, qualificado e simbolizável. A realidade que diz respeito à psicanálise não é material, é sim, a psíquica.

A baliza da psicanálise é um sujeito imutável, uma categoria. Por isso um operador lógico. E a psicanálise tem como objeto o objeto *a*, aquilo que é extraído da estrutura, aquilo que possibilita a limitação do campo do saber psicanalítico, uma vez que constituiu esse campo em sua disjunção entre o saber a verdade. Lacan ao distinguir saber e verdade correlaciona o primeiro a linguagem, porém a linguagem possui um ponto de esgotamento do saber, assim a

verdade é o escapa do simbólico. A verdade é aquela que não pode ser dita completamente, ela se encontra do lado do analista (agente), na medida em que ele não detém a verdade total, se despidendo de uma possibilidade de esclarecimento, mas apontando para a verdade do saber enquanto tal referida ao desejo do paciente. Isso só é possível quando o analista se coloca no lugar de objeto para que algo da verdade dos sintomas possa aparecer. Tal lógica será abordada quando da abordagem do discurso psicanalítico.

Lembremos que foi necessário que Freud se colocasse nesse lugar diante dos sintomas apresentados pelas histéricas. O saber médico que se pretende totalizante, como os saberes científicos não tinha essa possibilidade na escuta dos sintomas histéricos, assim surge a Psicanálise um saber que inclui em sua constituição a verdade de seu esgotamento. A verdade dos saberes do campo científico é um real palpável, manifesto, do campo da realidade, enquanto que para a Psicanálise essa verdade se encontra do lado do real.

A disjunção entre saber e verdade acima citada, não implica uma exclusão mútua entre os dois, mas sim uma distinção que estabelece uma relação, que não tem de forma alguma sentido agregador. Na verdade, para usar um trocadilho, a verdade, ou melhor, aquilo que lhe escapa é que promove a produção da linguagem e, portanto do saber.

Vale aqui ressaltar que Lacan alerta: a Psicanálise não é uma ciência do objeto *a*, uma vez que a clínica não é uma clínica do real, mas se constrói a partir dele, assim como qualquer conhecimento se constrói a partir do que não pode ser assimilado. E objeto *a*, construto lacaniano, visa demonstrar a função operativa do real na estrutura.

Portanto, temos como guia de nossa prática e como fundamento básico – o conceito de sujeito, que diz respeito à teoria e, como objeto do campo psicanalítico, o objeto *a*, que comparece sob forma de *Spaltung* – fenda na práxis cotidiana da psicanálise, que só é verificável sob transferência.

O mote que orienta a presente investigação é o de percorrer a mesma trilha do questionamento lacaniano: “O que é uma ciência que inclui a psicanálise?”⁸¹, que demonstra uma inversão lógica feita por Lacan a partir da aspiração inicial de Freud e dele próprio em fazer da Psicanálise uma ciência, como podemos observar em: “Se a psicanálise pode tornar-se ciência – *pois ainda não o é*-, e se não deve degenerar em sua técnica – o que talvez já seja um fato-, devemos resgatar o sentido de sua experiência.”⁸²

Segundo essa inversão, a Psicanálise não aspira a esta cientificidade, apesar de sua filiação à ela, pois inclui o sujeito em sua experiência se afastando do ideal da ciência, que por

⁸¹ 1965, resumo do anuário da EPHE, citado na contracapa da edição de 1973 do livro XI.

⁸² LACAN, *Função e campo da fala e da linguagem*, 1953, p.268.

sua vez o foracuiu. Assim, para a psicanálise, a ciência não funciona como ponto ideal. Entretanto, a ciência poderia comportar a psicanálise? Milner afirma que:

“A psicanálise encontrará em si mesma os fundamentos de seus princípios e métodos. Melhor, ela se verá suficientemente segura para poder questionar a ciência”.⁸³

2.7 – A subversão

Como vimos o encaminhamento de Freud, como denuncia Lacan, é cartesiano, na medida em que ambos partem da dúvida para chegar a uma certeza⁸⁴.

“O encaminhamento de Freud é cartesiano – no sentido que parte do fundamento do sujeito da certeza. Trata-se daquilo de que se pode estar certo.”⁸⁵

Ao escutar um sonho Freud intervém de maneira a motivar seu paciente a duvidar do conteúdo trazido. A insígnia é “Não estou certo, tenho dúvidas”⁸⁶ Nota-se que as dúvidas advêm principalmente do distanciamento entre o que sonhado e o relato do sonho. O que apóia a certeza é a dúvida, uma vez que essa é signo de algo deve ser preservado. A função dada por Freud à dúvida revela duplo sentido, uma ambigüidade, pois o que quer se mostrar também quer ser preservado.

Embora ambos tenham uma semelhança, na medida em que ambos estão sujeitos a uma experiência subjetiva. Há um ponto de aproximação entre os percursos de Freud e Descartes.

“Descartes nos diz – *Estou seguro, porque duvido, de que penso, e* – diria eu, para me manter numa fórmula não mais prudente que a sua, mas que nos evita debater o *eu penso* – *Por pensar, eu sou.*”

“De maneira exatamente analógica, Freud, onde duvida – pois enfim são seus sonhos, e é ele que, de começo, duvida – está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente”⁸⁷

⁸³ MILNER, *A obra Clara*, 1996, p. 31.

⁸⁴ LACAN, *Seminário 11*, 1964, p. 38.

⁸⁵ Idem, *ibidem*, p. 38.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 38.

⁸⁷ Idem, *ibidem*, p. 39.

Entretanto Freud se depara com outra questão e é neste mesmo ponto em que se pode observar uma dissimetria e uma subversão. O inconsciente é revelado aqui em sua ausência, assim sendo o pensamento inconsciente está lá sozinho desconectado do eu sou cartesiano, o que surge é o sujeito em sua evanescência.

“É aqui que se revela a dissimetria entre Freud e Descartes. Ela não está de modo algum no encaminhamento inicial da certeza fundada do sujeito. Ela se prende a que, nesse campo do inconsciente, o sujeito está em casa. E é porque Freud lhe afirma a certeza que se faz progresso pelo qual ele muda o mundo para nós.”⁸⁸

De um lado, Descartes pretendia chegar à certeza através do cogito e da razão, sendo esta o ponto de certeza necessário para que se possa construir o "edifício da ciência" em bases sólidas, incontestáveis e demonstráveis. Segundo Lacan, ele busca no “eu penso no que ele bascula para o eu sou, é um real”⁸⁹. Em última instância, ele procura o real de um sujeito verdadeiro, de uma consciência, de uma razão objetiva. Para tanto, porém,

“... é preciso que Descartes se assegure [...] de um Outro que não seja enganador e que [...] possa garantir, só por sua existência as bases da verdade [...] que há em sua própria razão objetiva os fundamentos necessários para que o real mesmo de que ele vem se assegurar possa encontrar a dimensão da verdade.”⁹⁰

Descartes precisa que a verdade seja garantida por um Outro, que também possa lhe dizer que o cogito é real. De outro lado está Freud. Como diz Lacan, Freud

“está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, que se revela como ausente (...) [pois] o inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, algo de não-nascido”⁹¹.

Freud se ocupa da verdade da fantasia, dos sonhos, da ficção, e o que isso implica é da maior seriedade. Freud, através da dúvida, chega à única certeza possível para a psicanálise, a de que há pensamentos inconscientes.

Enquanto o sujeito da ciência é marcado pelo crivo da consciência e do eu, de forma similar o sujeito da psicanálise é marcado pelo crivo do inconsciente. Entretanto ao encontrar o inconsciente verificamos um esvaziamento do *eu sou* cartesiano derivado do *eu penso*, que por sua vez advém da dúvida. Na Psicanálise o que encontramos na práxis é o sujeito a

⁸⁸ Idem, ibidem, p. 39

⁸⁹ Idem, ibidem, p. 39.

⁹⁰ Idem, ibidem, p. 39.

⁹¹ Idem, ibidem, p. 28.

reboque do real, sua manifestação diante de algo que não pode ser assimilado e verificável nas formações do inconsciente que só pôde ser encontrado nos trilhos rigorosos do cientificismo.

CAPÍTULO 3

A TRANSFERÊNCIA

Como vimos, no capítulo anterior, a transferência foi o pivô da mudança discursiva que possibilitou o surgimento da psicanálise. Neste capítulo abordaremos mais extensamente as mudanças em que a transferência operou, sob as óticas freudiana e lacaniana.

Freud em suas elaborações sobre a transferência afirma que não podemos discutir as dificuldades em controlar os fenômenos da transferência, mas que tais fenômenos nos permitem verificar a manifestação dos impulsos eróticos esquecidos pelo paciente. Não há como lutar contra aquilo que está ausente (esquecido), porque é preciso se lembrar que ninguém pode ser morto, assim ele conclui o *A dinâmica da transferência* (1912) dizendo: “Pois quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*.”⁹²

Em *Observações sobre o amor transferencial* Freud destaca que as únicas dificuldades realmente sérias que serão enfrentadas pelo principiante residem no manejo da transferência.

“Quando chega a ocasião, contudo, logo aprende a encarar as dificuldades como insignificantes e, ao invés, fica convencido de que as únicas dificuldades realmente sérias que tem de enfrentar residem no manejo da transferência.”⁹³

Em *Variantes do tratamento-padrão*, Lacan constata a existência de um consenso entre os psicanalistas de que a transferência é um ponto fundamental da psicanálise⁹⁴, e, no *Seminário 11*, ele a considera um dos conceitos fundamentais. Não é pequena, portanto, a importância da transferência.

No mesmo escrito, Lacan estabelece que a psicanálise não constitui de um tratamento psicoterápico. Visa na verdade tratar, diz Lacan, com rigor ético a prática analítica, esta abordagem nos revela um divisor de águas entre a psicanálise e a psicoterapia, uma distinção fundamental.

“Trata-se, sim, de um rigor de alguma forma ético, fora do qual qualquer tratamento, mesmo recheado de conhecimento psicanalíticos, não pode ser senão psicoterapia.”⁹⁵

⁹² FREUD, *A dinâmica da transferência*, 1912, p.143.

⁹³ Idem, *Observações sobre o amor transferencial*, 1914, p. 208.

⁹⁴ LACAN, *Variantes do tratamento-padrão*, 1953, p.328

⁹⁵ Idem, *ibidem*, p.326

Para tal afirmação, Lacan começa se interrogando sobre o título do artigo em questão e elucida sobre o termo “variantes”, na medida em que, ele não deve ser interpretado como uma tentativa de adaptação da psicanálise a critérios empíricos e nem a sua referência a variedade de casos clínicos. Portanto, há uma formalização teórica que não deve ser confundida com um formalismo prático, mas sim a uma prática pautada no real que a constitui.

Lacan ratifica em seu percurso aquilo que Freud já havia encontrado, experimentado e teorizado. Voltemos a Freud e seus “encontros”, as variantes, no que diz respeito à transferência e conseqüentemente a prática analítica.

Freud se deparou com o fenômeno da transferência, em sua prática, inúmeras vezes, mesmo, no início, não esperando por ela. Sua teorização sobre a transferência primeiro é encontrada nos textos reunidos sob o título *Artigos sobre técnica*, antes, porém, encontramos algumas alusões em *Estudos sobre a Histeria* (1895), em *A interpretação dos Sonhos* (1900) e no caso Dora (1905).

Destacaremos alguns pontos do percurso freudiano acerca da transferência, no intuito de contextualizar a mudança discursiva que possibilitou Freud a afastar-se do discurso médico e a criar o discurso psicanalítico.

3.1 – A transferência e seu manejo na clínica: a novidade freudiana

O termo transferência não é exclusivamente utilizado pela psicanálise. O específico manejo e utilização dela, porém, como veremos é típico da psicanálise. Em verdade, a psicanálise é o único saber que faz utilização clínica desta noção.

Em *Estudos sobre a Histeria* (1895), cinco anos antes de *A interpretação dos Sonhos* (1900), surgem os primeiros passos sobre a transferência. Quando cita a importância do papel do médico, Freud mostra que o paciente transfere para este representações, assim ele estabelece a transferência como uma “uma falsa ligação”⁹⁶.

Na virada do século XX, em *A interpretação dos sonhos*, com a descoberta do inconsciente, surge a transferência na elaboração onírica⁹⁷. Os restos diurnos são utilizados, quando da impossibilidade de uma representação inconsciente penetrar no pré-consciente,

⁹⁶ FREUD, *Estudos sobre Histeria*, 1895, pp. 291-2.

⁹⁷ Idem, *A interpretação dos Sonhos*, 1900, p. 513.

estabelecendo um vínculo com uma representação já existente, transferindo sua intensidade e fazendo-se encobrir por ela. Assim, a transferência é antes de tudo, transferência de representações. A força da representação encontra-se presente, porém o sujeito através deste artifício não diz o que quer ou diz outra coisa, apontando para o inconsciente.

No caso clínico de Dora⁹⁸ a transferência retorna como reedições, reproduções das moções e fantasias. Na análise do primeiro sonho de Dora Freud constata um deslocamento de uma situação passada semelhante para uma situação presente com *substituição*⁹⁹. dos personagens, vivido um vínculo atual.

A transferência surpreende Freud, que a interpreta inicialmente como transtorno, mas acaba colocando-a em lugar de importância na clínica psicanalítica, até avaliá-la como indispensável e inevitável. O tratamento não cria a transferência, apenas a revela. Como diz Freud sobre a transferência:

“(...) é utilizada para produzir todos os empecilhos que tornam o material inacessível”¹⁰⁰. E ainda nos diz: “A transferência, destinada a constituir o maior obstáculo à psicanálise, converte-se em sua mais poderosa aliada quando se consegue detectá-la”¹⁰¹.

O rigor e o método aplicados na prática clínica por parte de Freud fez com que ele se deparasse com a transferência, fazendo-o constituir outro discurso. Sendo assim, a transferência não é criada, mas sua revelação obrigou Freud à criação de um novo discurso. Não é exatamente a descoberta da transferência que provoca o rompimento com o discurso científico, mas o manejo dela, que implica na colocação do saber do lado do paciente. Veremos isso mais adiante.

Em 1912, no texto *A dinâmica da transferência*, a transferência é retomada de forma mais específica, sendo ocasionada durante o tratamento, estabelecendo uma ligação entre a condição da vida erótica por parte dos neuróticos, de seu enamoramento a objetos¹⁰². Há um deslocamento da catexia libidinal à figura do médico. As imagos infantis são investidas de libido.

Neste texto, vemos que, para Freud, a transferência surge como resistência, pois quanto maior a proximidade do núcleo patogênico, que poderia, supostamente, ser revelado através da associação livre, maior a possibilidade de surgir resistência e é justamente neste

⁹⁸ Idem, *Fragmento de um caso de histeria*, 1905, p.5.

⁹⁹ Idem, *ibidem*, p. 85.

¹⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 111.

¹⁰¹ Idem, *ibidem*, pp. 111-2.

¹⁰² Idem, *Dinâmica da Transferência*, 1912, p. 133.

ponto que surge a transferência. Deste modo, a transferência satisfaz à resistência, deformando o material patogênico que insiste em se revelar. A transferência nesse sentido é efeito da resistência.

Ainda neste texto, encontra-se uma diferenciação entre transferência positiva e negativa, porém tanto uma como outra são expressões de impulsos eróticos recalçados, revelando uma ambivalência que ratifica o sentido da transferência a serviço da resistência. Essa surge quando da interrupção da regra fundamental da psicanálise - associação livre. Em suma, a transferência presta serviço à resistência, tornando-se, assim, essencial na prática analítica esperar que a transferência torne-se resistência¹⁰³. Surge aqui novamente o caráter essencial da transferência na prática analítica.

Continuemos com nosso percurso na abordagem da transferência na obra de Freud.

Podemos ressaltar outro aspecto interessante levantado no texto *Recordar, repetir, e elaborar* (1914), onde Freud aborda a transferência como o fragmento de uma repetição inconsciente, transferência do inconsciente no presente, e a relação da compulsão à repetição com a transferência / resistência, substituindo a possibilidade de recordar. Assim, quanto maior a resistência, maior a possibilidade de repetição e, por conseguinte, de atuação¹⁰⁴. Conseqüentemente, a transferência positiva facilitaria o recordar e a negativa revelaria a resistência e, conseqüentemente, a atuação.

Aqui o essencial, para Freud, seria o manejo da transferência como via de apresentação do núcleo patogênico, abrindo a possibilidade de transformar ,o repetir, o atuar, pelo recordar, mas o que é transmitido, por Freud, efetivamente é que o essencial não será recordado, e sim repetido como um acontecimento atual. A pretensão freudiana é de que este ato dê lugar a uma recordação. Entretanto, ele pouco a pouco entende que o que efetivamente acontece é outra coisa, conclui ao final do texto constatando que a elaboração é a única de reduzir a repetição, substituindo assim a neurose por uma neurose de transferência. Assim sendo, a resistência deve ser elaborada, possibilitando que os recalques sejam revelados.

É exatamente neste ponto que podemos encontrar a ruptura com o discurso médico. Se o médico utiliza seu saber para tratar da doença do paciente, o psicanalista utiliza o saber do paciente, atualizado pela transferência, para tratar da neurose, o que constitui uma subversão no discurso médico.

Tal saber do paciente é um saber inconsciente que, como vimos anteriormente, está referenciado ao saber leigo. O saber inconsciente em jogo nos sintomas histéricos é a prova

¹⁰³ Idem, *Sobre o início do tratamento*, 1913, p. 182.

¹⁰⁴ Idem, *Recordar, repetir e elaborar*, 1914, p. 197.

disso. Ele não obedece a nenhuma referência anatômica ou científica, mas a um sentido produzido por uma articulação significante singular de cada paciente. Diz respeito ao saber que o leigo tem, e não ao saber científico.

Tudo isso fez com que Freud percebesse a impossibilidade de uma correlação unívoca entre causa e efeito, tanto que abandonou sua *teoria da sedução*, substituindo-a pelas noções de *fantasia inconsciente*, *realidade psíquica* e *sexualidade infantil*. Ou seja, é somente na ordem do subjetivo que é possível trabalhar o saber em jogo nas formações do inconsciente.

Vejam os que Freud diz sobre o manejo desse saber denunciado pela transferência.

A transferência serve à resistência, que se utiliza do amor para desviá-lo do tratamento. Se o analista aceitar o amor transferencial, o objetivo da resistência do paciente será alcançado, haverá êxito na repetição-atuação em vez de rememoração. A análise visa desvendar a escolha objetal infantil e as fantasias tecidas em torno dela.

O analista não cria o amor transferencial. Ele o encontra e o evoca ao instituir o tratamento. O amor é da ordem da transferência. Amor já apontado nas dificuldades de Breuer quanto à transferência de Anna O. e reafirmando que a principal dificuldade reside em seu manejo, “(...) o enamoramento é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantamentos de sua própria pessoa”¹⁰⁵.

Negando-se a satisfazer a demanda de amor do paciente (abstinência), o analista não incentiva a transferência, a aceita e suporta, aqui é que reside o desejo do analista, como dirá Lacan em suas elaborações.

Voltemos ao trilho da transferência na obra freudiana.

A transferência é retomada nas *Conferências Introdutórias – Conferência XXVII* (1917)¹⁰⁶ - onde o objetivo da análise é definido como um revelar da verdade a si mesmo, transformando o inconsciente em consciente e o conflito patogênico em conflito normal. Porém, faz-se uma ressalva quanto à existência de recalques que não poderiam ser desfeitos. Nesta conferência, Freud se interroga quanto a um impasse: Como seria possível buscar o recalque que revelaria a verdade do sujeito removendo a resistência que deriva deste mesmo recalque? Este impasse reafirma a impossibilidade de desfazer todos os recalques. Impossibilidade apontada posteriormente também no texto *Análise terminável ou interminável*.

¹⁰⁵ Idem, *Observações sobre o amor transferencial*, 1915, p.210.

¹⁰⁶ Idem, *Conferência XXVII*, 1917, p. 503.

Esta indagação é respondida quando Freud aponta para a transferência como capacitadora da regra fundamental da análise, que quando cessada revela a resistência. Ou seja, é pela transferência que se tem acesso ao saber inconsciente, ao saber oriundo da subversão do discurso científico colocado em jogo na psicanálise. A associação livre engendra a transferência, que a faz cessar pela convocação que faz à resistência que por sua vez é a manifestação clínica do recalque, recalque esse ligado à verdade do sujeito e a seu saber inconsciente. Uma trilha, um rastro a seguir quando se aceita e suporta a transferência.

Na primeira metade da *Conferência XXVIII* (1917)¹⁰⁷ Freud retoma o aspecto de sugestionabilidade da transferência como não diretivo. Para tanto, utiliza-se da diferenciação entre hipnose e a análise para esclarecer tal sugestionabilidade. A primeira caracteriza-se como encobridora e dissimuladora com efeito cosmético, que fortaleceria o recalque. A outra exporia e eliminaria como uma cirurgia, onde a sugestão se daria para modificar o resultado dos conflitos e desfazer as resistências. A intervenção analítica é a ação sob transferência, possibilitando novas edições do conflito.

“Em lugar da doença transferencial artificialmente formada; em lugar dos diversos objetos irrealis da libido, aparece um único objeto e mais uma vez, um objeto imaginário, na pessoa do médico.”¹⁰⁸

Assim, a libido pode ser retirada do sintoma e colocada na transferência, estabelecendo uma luta pelo novo objeto, podendo a libido ser liberada deste. A transferência é que permitiria a atração da libido para a figura do médico.

Posteriormente, com a descoberta freudiana de um *Além do princípio de prazer* (1920), fez-se necessário, mais uma vez, interrogar a transferência e a resistência. Aqui fica marcada a evolução entre 1911 e 1920. O paciente tem que repetir o recalco como uma experiência atual. Assim, o recalco não oferece resistência à cura, uma vez que é através dele que se tem acesso ao inconsciente. Freud retoma estes dois pontos (transferência e resistência), a luz do além do princípio do prazer (pulsão de morte) sem abandonar a direção até então tomada por ele: a resistência de transferência é que deve ser encontrada.

Tal retomada se concretizará nos dois textos dos anos 30: *Análise terminável e interminável* e *Construções em psicanálise*.

Em *Análise terminável e interminável* (1937) duas questões fundamentais são formuladas: Uma análise termina? Se termina, Quando? Freud responde: até que o paciente

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 523.

¹⁰⁸ Idem, *Conferência XXVIII*, 1917, p. 530.

não esteja mais sofrendo de seus sintomas, e que o analista julgue que foi tornado consciente o material recalçado, vencidas as resistências, e extinta repetição patológica.

A análise talvez pudesse assegurar o seu controle em teoria, na prática não. Pois o conflito pulsional só pode ser ativo na transferência, porém existe um limite, uma vez que nem todos os conflitos podem ser trazidos através dela e analista não os pode evocar.

Outra questão importante abordada, por Freud, sobre a impossibilidade de término da análise evidencia-se através dos mecanismos de defesa do ego, que são inconscientes e que podem aparecer como resistências. Nesta perspectiva mostra-se a impossibilidade qualitativa.

Ainda pelo viés de interrogação sobre o término ou não da análise, sob a luz do que se situa para além do princípio do prazer, chega-se finalmente à questão da resistência revelada como uma força psíquica apegada à doença e ao sofrimento, observável através da culpa e autopunição; fenômenos que indicam o poder da pulsão de morte.

Outro ponto importante, que diz respeito à resistência abordada no artigo em questão, é que a resistência existe tanto para homens quanto mulheres, pois revelam atitudes comuns frente ao complexo de castração. Na mulher, a inveja do pênis e no homem, a luta contra uma atitude passiva.

Portanto, não interessa de que maneira a resistência aparece, como *transferência*, como *pulsão de morte*, ou como uma *atitude frente à castração*, o que importa é que a resistência não possibilita uma mudança totalizadora.

Jacques-Alain Miller, buscando uma reflexão sobre o conceito de transferência na obra freudiana, sintetiza sua aparição de três formas: *repetição*, *resistência*, e *sugestão*. Fenômenos produzidos na experiência analítica¹⁰⁹.

Miller destaca que a transferência como forma de repetição, é evocada por Freud desde o começo do texto *A dinâmica da transferência* (1912), quando a relação entre a transferência e repetição se estabelece na reprodução do “passado” na situação analítica. Posteriormente, em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), Freud especifica a repetição não subordinando-a à rememoração, uma vez que algo da repetição só pode comparecer em ato, por isso o estabelecimento da neurose de transferência. E finalmente em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud considerará a compulsão à repetição em primeiro plano, não isolando a repetição da rememoração.

¹⁰⁹ MILLER, *Percurso de Lacan: uma introdução*, 1994, p. 58.

Como forma de resistência a transferência surge na obra freudiana, como obstáculo assinalando a proximidade ao conflito inconsciente e viabilizando a transferência positiva e a negativa.

A transferência, como assinala Lacan tanto no *Seminário 5*, 8, bem como no 11, destaca-se de um fundo de sugestão, mas não se confunde com ela. No *Seminário 5, Formações do inconsciente* ao abordar a dialética do desejo e da demanda Lacan dedica uma de suas aulas a transferência e sugestão. Ele indaga a platéia sobre a importância do lugar da demanda uma vez que o analista não deve atendê-la. Entretanto, o fato de ser instituído pelo analisando não seria em si atender a demanda? A idéia que se tem geralmente é que a transferência está ali graças a sugestão.

“A idéia que se costuma ter é que a transferência é aquilo graças ao qual a sugestão funciona. O próprio Freud escreveu que, se convém deixar que se estabeleça a transferência, é por ser legítimo utilizar o poder de quê? – sugestão, que a transferência confere. [...] O que quer dizer isso senão enunciar da maneira mais clara que nos servimos da sugestão? Para dar nome às coisas, é pelo fato de o paciente chegar a gostar de nós que nossas interpretações são deglutidas. Estamos no plano da sugestão. Ora, é claro que Freud não pretende limitar-se a isso.”¹¹⁰

Portanto, Lacan ratifica aquilo aludido por Freud no tocante ao não privilégio demasiado a sugestão.

“[...] Trata-se, pois, de que a transferência é diferente do uso de um poder. A transferência já é, em si mesma, um campo aberto, a possibilidade de uma outra articulação significativa, diferente da que encerra o sujeito na demanda.”¹¹¹

Verifica-se um limite irreduzível que se apresenta na transferência, aqui podemos retomar o eixo da presente dissertação, no tocante ao encontro de Freud com a transferência e os desdobramentos inevitáveis que se deram, a partir dela e por ela, e o impeliram a subverter o discurso científico inaugurando.

“Não poderá, então, ocorrer que não seja da posição que lhe é dada pela transferência que o analista analise, interprete e intervenha sobre a própria transferência. Em suma, resta uma margem irreduzível de sugestão, um elemento sempre suspeito, que não está ligado ao que se passa lá fora – não se pode sabê-lo – mas sim ao que a própria teoria é capaz de produzir.”¹¹²

¹¹⁰ LACAN, *Seminário 5*, 1957-58, p. 440.

¹¹¹ Idem, *ibidem*, p. 440.

¹¹² Idem, *Seminário 8*, 1960-61, p. 175.

Devemos então considerar a transferência produto da situação analítica mesmo que ela suscite algum tipo de poder. Portanto a transferência é um conceito determinado pela sua função na práxis psicanalítica e não no poder que possa ser atribuído a figura do analista.

“Mesmo se devemos considerar a transferência como um produto da situação analítica, podemos dizer que esta situação não poderia criar o fenômeno todo, e que, para reproduzi-lo, é preciso que haja, fora dela, possibilidades já presentes...”¹¹³

Os fenômenos da transferência descritos, por Miller, possibilitam o entendimento das elaborações lacaniana sobre o conceito de transferência.

A transferência não pode ser negada como fenômeno imprescindível para que uma análise ocorra, apontando a direção e o manejo do analista, pois através dela é que os processos inconscientes se atualizam na relação analítica e possibilitando o surgimento do conflito psíquico e sua “resolução”, sempre referidas a um sujeito – aquele excluído pela ciência.

O encontro com os fenômenos advindos da transferência, conforme os assinalamentos millerianos nos possibilita fornece alguns indícios para a afirmação de que a transferência foi o pivô no desvio de Freud do discurso científico para elaboração de um discurso psicanalítico. Ao identificar tais fenômenos que insistiam na práxis psicanalítica, Freud, obedecendo ao rigor cientificista, se viu impulsionado a elaborar uma teoria que incluísse o sujeito, pois tanto a repetição, a resistência ou a sugestão são fenômenos baseados no histórico particular de cada sujeito, a sua interpretação, ao saber produzido por ele. Portanto, a elaboração de uma “nova” teoria implicaria inevitavelmente na inclusão do sujeito no processo.

3.2 – A transferência em Lacan

Lacan aborda o conceito de transferência de forma mais sistemática como marco de sua obra, após dez anos de seu ensinamento, no seminário *A transferência* (1960-61), só assim podendo enriquecer o conceito da transferência com outro conceito: o objeto do fantasma, que já havia sido trabalhado no seminário *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54),

¹¹³ LACAN, *Seminário 11*, 1964, p. 120.

onde trata da constituição do sujeito e estabelece uma relação do sujeito com o objeto de seu fantasma distinguindo-o do eu.

Para tanto, fez-se necessário uma preparação lenta no percurso lacaniano, que tem sua gênese na primazia do discurso na experiência analítica e sua relação com o desejo. E durante esse caminho foi possível a introdução da distinção entre simbólico, imaginário e real que por sua vez possibilitaram a retomada do conceito de transferência e de tantos outros.

Lacan dedica-se ao tema da transferência, pela primeira vez, de modo mais abrangente e explícito em sua seu escrito *Intervenção sob a transferência* (1951), no qual define a experiência analítica como dialética, privilegiando o discurso como constituinte do sujeito devido ao endereçamento de tal discurso ao analista.

Com o desenvolvimento da distinção dos três registros a partir de 1953-54 no seminário *Escritos Técnicos de Freud*, Lacan enfatiza a dimensão simbólica da transferência.

É a partir do seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* (1954-55) que o Outro ganha supremacia levando-se em conta que quando o sujeito fala, fala a um outro e entre o eu e o Outro é que se passa a transferência. O discurso do sujeito tem um endereçamento: o Outro. Sendo assim, na análise, trata-se de que o sujeito possa desvendar a que Outro ele se dirige através da transferência.

Posteriormente, no seminário *As formulações do inconsciente* (1957-58), Lacan diferencia a transferência da sugestão, distinguindo o desejo da demanda e situando-o entre uma demanda e outra.

No ano subsequente, no seminário *O desejo e sua interpretação* (1958), Lacan formula a questão da transferência em relação com o desejo, que surge a partir da incógnita apresentada pelo Outro.

Farei uma breve exposição ao que se refere ao desejo, e sua relação com o Outro, ou seja, a constituição do sujeito fundamentada no Outro, apontando aí a transferência. Note-se que a transferência é esmiuçada por Lacan, no sentido, de deslocá-la de uma apreensão fenomenológica e passá-la a uma dimensão estrutural.

3.2.1 - O desejo

Para investigar o desejo e os desdobramentos decorrentes deste conceito na obra lacaniana, no que diz respeito à transferência, devemos tomar como referência a concepção freudiana das primeiras experiências de satisfação.

Para Freud, as primeiras experiências de satisfação agem no aparelho psíquico. Há primeiramente um estado de tensão, que ocasiona um desprazer. Cria-se uma situação de “necessidade” que exige ser satisfeita, esse processo ocorre em um registro orgânico essencialmente, assim é oferecido à criança um objeto que satisfaça a necessidade, tal oferecimento provém do outro sem que ela o busque.

“O organismo humano é, a princípio incapaz de promover a ação específica¹¹⁴. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para o estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais.”¹¹⁵

A satisfação nesta primeira experiência é feita sem mediação psíquica. Pois, a “necessidade” visa um objeto específico e satisfaz-se com ele. Porém, tal experiência deixa um traço mnésico que constitui a representação. Após este traço, a pulsão não será apenas a pura necessidade.

Outra implicação deste efeito é que a criança tenderá a satisfazer-se de uma maneira alucinatória, já que há uma confusão entre a representação do objeto e o objeto da realidade. Para Freud o desejo nasce de um reinvestimento psíquico do traço mnésico de satisfação ligado à identificação de uma excitação pulsional.

“(…) uma “vivência de satisfação” que põe fim o estímulo interno. Um componente essencial dessa vivência é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação de satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção.”¹¹⁶

Chama-se desejo o movimento que a partir de uma pulsão tentará encontrar o caminho mais curto em direção à sua realização, mediado pelo traço mnêmico. Portanto, a

¹¹⁴ Ação específica: “(...) o conjunto do processo necessário à resolução da tensão interna criada pela necessidade: intervenção externa adequada e conjuntos de reações pré-formadas do organismo que permitem a realização do ato.” (LAPLANGE E PONTALIS, *Vocabulário da Psicanálise*, 1992, p. 4).

¹¹⁵ FREUD, *Projeto para uma psicologia científica*, 1895, p. 431.

¹¹⁶ Idem, *A interpretação dos sonhos*, 1900, p. 516.

satisfação do desejo diz respeito à realidade psíquica. Freud denomina o desejo, como sendo “... tipo de corrente interna do aparelho, partindo do desprazer apontando para o prazer”¹¹⁷.

Note-se que apesar de Freud, no *Projeto*, conceber “neuromicamente” seu aparelho, ele pode ser lido metaforicamente pela forma que ele o concebe. Apesar de tê-lo produzido ele nunca o publicou, e sua publicação foi póstuma em 1950, fato que comprova seu receio de que a comunidade científica de sua época o toma-se, literalmente, de maneira neurológica.

Em *A interpretação dos sonhos*, o desejo não tem referencial anatômico. Ele e as idéias investidas são privilegiados e os lugares são metafóricos e psíquicos. Aqui notamos o caminho que Freud já tinha enunciado metaforicamente no *Projeto*. Rumo ao distanciamento da materialidade anatômica do aparelho psíquico e uma variabilidade do objeto de satisfação.

Lacan retoma o desejo da obra freudiana, visto que este não tem objeto da realidade. Notemos isso numa referência ao texto freudiano de 1915, *Pulsão e suas vicissitudes*, onde a pulsão não encontra um objeto de satisfação na realidade. “O objeto da pulsão (...) é o que há de mais variável”¹¹⁸.

Portanto, o objeto da pulsão, na realidade não tem importância, é totalmente indiferente. Sendo assim, o objeto da necessidade não corresponde ao objeto da pulsão. Segundo Lacan, o objeto pode ser aquele da satisfação, entretanto a pulsão o contorna conforme um circuito.¹¹⁹

Com a introdução da variabilidade do objeto de desejo, constatamos uma diferenciação radical entre esse último e a necessidade. O desejo adquire outra dimensão, cuja origem encontra-se na relação com o Outro, para além da demanda. A necessidade tem objeto específico e a é abordada pela ciência no âmbito de uma relação de co-naturalidade, de coalescência entre sujeito e objeto, que seria, além de específico, também adequado e pré-determinado, incluído no programa da necessidade.

“Já a necessidade se articula ao objeto que a satisfaz de modo natural: há uma relação de co-naturalidade entre falta e objeto, no plano da necessidade. Isto significa que a própria necessidade contém, em seu bojo, a indicação do objeto que deverá supri-la (e suprimi-la): este lhe é intrínseco.”¹²⁰

Como a descoberta freudiana aponta para uma inexistência de objeto específico, apenas outra apreensão do sujeito poderia sustentar tal inexistência. Observa-se aqui um deslocamento do objeto para o sujeito.

¹¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 542

¹¹⁸ Idem, *Pulsão e suas vicissitudes*, 1915, p. 143.

¹¹⁹ LACAN, *O Seminário II*, 1964, p.169.

¹²⁰ ELIA, *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*, 1995, p 120.

Lacan retoma a noção freudiana de desejo, tendo sua gênese nas primeiras experiências de satisfação, problematizando-o a partir da “falta”, relacionando-o à necessidade e à demanda e aprofundando sua noção mostrando que o desejo surge numa relação com o Outro. A primeira satisfação é mítica, pois o objeto está perdido desde sempre.

“O acesso do sujeito ao desejo não é, contudo, um acesso direto, exigindo um percurso que tem seu ponto de partida na necessidade.[...]”¹²¹

Um recém nascido é invadido por um desconforto devido às necessidades vitais, necessidades essas que dependem integralmente de uma adulto para serem satisfeitas.

“Não resta a criança, nessa situação, outra alternativa senão a dê se alienar no que o adulto próximo lhe oferece como atenção, cuidado, provimento. E de que se trata, neste movimento do adulto próximo, senão de linguagem?”¹²²

Para tanto, Lacan distingue a noção de necessidade e da noção de demanda. Desta forma necessidade tem objeto específico, e a demanda incide sobre o objeto, mas não há uma relação essencial, pois articula-se ao amor. O desejo, entretanto, surge entre a necessidade e a demanda.

“Nos termos introduzidos por Lacan, a necessidade seria forçosamente transcodificada, pelo Outro da criança, em demanda. O Outro é, assim, a fonte, o engendrador e o pólo de endereçamento da demanda. Para além do atendimento da necessidade, a demanda visa fundamentalmente o Outro enquanto tal, enquanto capaz de amar, já que o amor nomeia, com justa eloquência, movimento pelo qual o Outro codifica (em linguagem), e atende (em ato) a necessidade da criança, transformando-a em demanda.”¹²³

A demanda opõe-se à necessidade. Ao humano é imposto demandar em relação ao Outro, pois, o que importa é a resposta do outro para além da satisfação que se tem com o objeto. A satisfação das necessidades passa pelo apelo ao Outro transformando está em demanda. Assim, as necessidades são necessariamente interpretadas pelo Outro.

Moustapha Safouan exemplifica a demanda como sucessões, não de etapas de desenvolvimento, mas daquele a quem se dirige¹²⁴. No 1º momento é a mãe a quem se dirige a demanda. Posteriormente, ela é que demandará (exemplo: exigências higiênicas). E, finalmente, o momento no qual o dizer se introduz e a criança é tomada pelo outro como desejante.

¹²¹ Idem, ibidem, p 147.

¹²² Idem, ibidem, p 147.

¹²³ Idem, ibidem, p 148.

¹²⁴ SAFOUAN, *Angústia-Sintoma-Inibição*, 1989, p.113.

Note-se que a necessidade passa ao registro da demanda devido à entrada na ordem da linguagem, pois se a necessidade possui objeto específico, é capturada pelas redes de linguagem ela passa ao plano do significante, perdendo qualquer significação definida, e exigindo que o Outro o transforme em demanda, e introduzindo o desejo como o que resta da ordem do significante em que se fixam as demandas, restando como pura significação enigmática, que só poderá ser interpretada.

Com Lacan, a dimensão do desejo reaparece ligada à falta que não pode ser preenchida por nenhum objeto da realidade. Assim, retomando o conceito freudiano de pulsão ele elucida o desejo e sua relação com o Outro: “A necessidade faz aparecer a dimensão da falta-a-ter, a demanda e o desejo fazem aparecer outro registro da falta-a-ser.”¹²⁵

A “falta-a-ser” refere-se ao objeto que o sujeito pode ser, objeto para complementar o Outro. Nesta perspectiva, encontra-se a demanda do sujeito ao Outro e a demanda do Outro para com o sujeito.

O sujeito se relaciona com seu desejo pela falta. Apesar de estar fundado na demanda, pois é a partir dessa que ele encontra a matéria significante vinda do Outro para se articular. No seminário de 1957-58, *As formações do inconsciente*, Lacan aborda de forma direta a função do significante no inconsciente.

Há uma dependência primordial com relação ao desejo do outro, e este é forjado pelas condições da demanda. Existe uma relação fundamental do desejo com a cadeia significante. O desejo, portanto, manifesta-se mascarado nas formações do inconsciente.

Assim, o que o Outro demanda ao sujeito está no que o Outro deseja. E o que o sujeito pode desejar está no que demanda ao Outro. Concluí Lacan que, o desejo reside na modificação da necessidade em demanda, neste resíduo indestrutível que existe entre a necessidade e a demanda, que no fundo é, por sua vez, demanda de amor. A demanda se caracteriza por referir-se ao Outro. É daí que advém a possibilidade do estabelecimento da transferência. O caráter de sugestionabilidade deriva da interferência do Outro e da mediação da palavra.

A questão do desejo e da demanda tem uma importância peculiar para o tema desta dissertação, no que se refere à ruptura do discurso psicanalítico com o discurso médico.

Se formos analisar o discurso médico, poderemos ver que na relação entre paciente e médico, existe uma *demanda* de cura do primeiro em relação ao segundo, na qual o primeiro imputa ao segundo um saber sobre seu sofrimento e pede a ele uma solução que advenha de

¹²⁵ QUINET, *As 4+1 condições da análise*, 1991, p.96.

seu saber profissional. Logo, o que está em jogo, na ordem do discurso médico, não é outra coisa senão a demanda.

Por outro lado o discurso psicanalítico não funciona dessa forma. Embora possamos dizer que o paciente se dirige ao analista na procura de uma cura para seu sofrimento, uma demanda, o analista responde de outro lugar. O analista não toma essa demanda para si, porque o foco de sua atuação está não na demanda e sim no desejo. E mais radical do que isso, no desejo do paciente. Como citado anteriormente a propósito da abordagem da transferência em Freud, que a transferência não está dirigida à pessoa do analista.

3.2.2 – O discurso do mestre e o discurso da psicanálise

Foram os filósofos os primeiros a questionar a verdade de maneira sistemática, afetados pela dúvida e pela inquietude do que seria a realidade. Ao se deparar com múltiplos dizeres sobre o assunto, eles acabam se perguntando sobre a própria essência do saber. Por esta via, eles constroem um discurso fundamentado no princípio da não-contradição e que funcionará como juiz de todos os outros discursos. Os filósofos dos séculos seguintes, de Platão a Hegel, empreenderam semelhante busca da verdade.

O discurso do mestre surge quando do recrutamento no âmbito universitário, de onde a maioria de nós advém, uma vez que a formação acadêmica é fundamental para nosso acesso ao saber. Diz Lacan, que a “*filosofia só fala disso*”¹²⁶. Todo o pensamento filosófico decorre de algo ambíguo que advém do discurso do Mestre, mas em si o discurso filosófico não é o discurso do mestre. Note-se que o campo do escravo é o saber, representado no discurso do mestre por S2, sendo assim o escravo se caracteriza por ser suporte do saber.

Nesse ponto reside a diferença entre a filosofia e a ciência, intrinsecamente ligadas, porém distintas. A filosofia se caracteriza pela sua “*escravidão*” ao senhor. Sendo assim, recorramos a Lacan:

O que designa a filosofia em toda a sua evolução? Isto – o roubo, o rapto, a subtração de seu saber à escravaria, pela operação do senhor.”¹²⁷

Assim Lacan distingue as duas faces do saber. A filosofia, durante a história, se faz presente pela “*extração*” do saber escravo com o objetivo de se transformar em saber do

¹²⁶ LACAN, *Seminário 17*, 1969-70, p. 18

¹²⁷ Idem, *ibidem*, p. 19

senhor. Entretanto, o que nos faz surgir nessa operação é a ciência. Ponto que Lacan denomina de pivô:

“Volto a isto porque é para meu discurso um ponto sensível, um ponto-pivô. Foi só no dia em que, num movimento de renúncia a esse saber, por assim dizer, mal-adquirido, alguém pela primeira vez extraiu da relação estrita entre S1 e S2, a função do sujeito como tal, eu nomeei Descartes – Descartes tal como creio poder articulá-lo, não sem a anuência de pelo menos parte importante dos que se ocuparam dele -, foi nesse dia que a ciência nasceu. Convém distinguir entre o tempo em que surge a virada dessa tentativa de outorga do saber do escravo para o senhor e o de seu recomeço...”¹²⁸

Devemos ter cuidado e atentar para ao fato de que o desejo de saber é distinto ao saber em si. O que conduz ao saber nos diz Lacan, é o discurso da histérica, não uma vontade de saber, mas sim uma pretensão de desbancar o senhor. Assim sendo, Freud com uma intenção científica na investigação dos sintomas histéricos, foi interrogado pelo discurso histérico, o que fez com que ele próprio fosse impelido ao construir outro discurso, denominado psicanálise.

“Se há algo que psicanálise deveria forçar-nos a sustentar tenazmente, é que o desejo de saber não tem qualquer relação com o saber – a menos, é claro, que nos contentemos com a mera palavra lúbrica da transgressão. Distinção radical, que tem suas conseqüências últimas do ponto de vista da pedagogia – o que conduz ao saber não é o desejo de saber. O que conduz ao saber é – se me permitirem justificar em um prazo mais ou menos longo – o discurso da histeria.”¹²⁹

De forma similar identificamos no discurso religioso a mesma ânsia. Santo Agostinho compartilhava desta busca filosófica, mas pregava que a busca da verdade dirige não a coisas ou palavras, mas à própria interioridade. Para ele, ou temos a verdade, ou não podemos adquiri-la jamais. Alcançar a verdade, para Santo Agostinho, depende de uma *iluminação interior* e se confunde com a figura de Deus. O caminho para a verdade é o caminho para Deus, que passa pela interioridade do sujeito.

A literatura, por outro lado, apresenta uma forma diferente de alcance da verdade, como, por exemplo, na obra de Proust. Em *À la recherche du temps perdu*, o buscador da verdade aparece como um amante ciumento que decifra os signos apresentados pela mulher amada, percebendo a dissimulação, o ocultamento e as mentiras, seja nas palavras, nos gestos ou mesmo no silêncio.

¹²⁸ Idem, ibidem, p. 20

¹²⁹ Idem, ibidem, p. 21

Para Proust, chegar à verdade não é fruto da aplicação de um método específico, como pregam os filósofos e os religiosos, mas é um mero efeito de *encontros* que se dão ao acaso. Se fosse de outra forma a verdade se transformaria apenas um construto lógico, abstrato, fruto mesmo de um método rigoroso. A verdade só pode ser encontrada quando somos afetados por uma necessidade que nada tem a ver com a da lógica filosófico-científica.

Para Proust, a verdade precisa de uma interpretação e resulta de um encontro involuntário.

“O que precisamos decifrar, deslindar à nossa custa, o que já antes de nós era claro, não nos pertence. Só vem de nós o que tiramos da obscuridade reinante em nosso íntimo, o que os outros não conhecem”¹³⁰.

Podemos constatar nesse trecho que a verdade de Proust não é resultado de um método de não-contradição, mas sim fruto da decifração de signos mundanos que encontramos involuntariamente e para os quais não temos preparação alguma. Garcia-Roza diz que

“(...) a aventura do involuntário empreendida por Proust em sua Recherche tem seu começo nesse atropelo dos signos mundanos, fazendo com que a verdade se traia, se denuncie em seu ocultamento, provocando o pensamento.”¹³¹

O encontro com a verdade da psicanálise possui pontos em comum com a visão proustiana. A verdade surge no erro, no desconhecimento. Em uma sessão de análise, a verdade irrompe no registro do erro, mas isso de modo algum pode ser designado como contradição.

Freud traz em seus textos uma verdade que não se mostra por um discurso formalizado e formatado, mas sim pelas falhas do discurso, pelos tropeços, quando esse discurso é tomado por Outro que lhe provoca lacunas e atos falhos. Os atos falhos, na verdade, não são falhos, eles são preciosos e precisos, porque, quando as palavras tropeçam, revelam uma verdade. Revelam o sujeito e seu assujeitamento. O analista identifica nos erros e equívocos a verdade do discurso do paciente.

Se a filosofia e também a ciência empreendem um trabalho no intuito de chegar à uma verdade pela não-contradição, a psicanálise, por sua vez, denuncia que o inconsciente funciona de um modo diferente. Porém isso não significa que o inconsciente seja inteligível,

¹³⁰ GARCIA-ROZA, *Palavra e verdade*, 1990, p. 19

¹³¹ Idem, *ibidem*, apud, p. 21.

mas sim que sua ininteligibilidade não pode ser encontrada na coerência do discurso manifesto.

Observamos também que a visão agostiniana da verdade, apesar de totalizante, possui pontos coincidentes com a psicanálise. Dizer que a verdade habita a interioridade do sujeito não significa afirmar que a palavra não advenha da verdade, essa sim se desloca a partir da dimensão da verdade, mas não podemos afirmar que ela em si seja verdadeira ou não.

O modo de lidar com a verdade como algo parcial tal como a psicanálise o faz é, de fato, uma nova via de tratar da mesma matéria – a verdade. Entretanto a psicanálise não obedece ao princípio da não-contradição, mas sim faz das contradições seu ponto de verdade. Aqui localizamos um ponto de torção do discurso científico, de forma radicalmente subversiva. Para a psicanálise é nos equívocos, nas ambigüidades e nos tropeços do discurso, no funcionamento do inconsciente que a verdade habita.

A condensação (*Verdichtung*), o deslocamento (*Verschiebung*), a denegação (*Verneinung*) e o recalçamento (*Verdängung*) são exatamente os mecanismos inconscientes que permitem aos analistas deciframos os signos dos pacientes.

A condensação é, para Lacan, a lei do mal-entendido e, claramente, vai contra a lei da não-contradição. Tal lei permite múltiplos sentidos simultâneos e a satisfação de tendências opostas, o que vai totalmente contra os princípios filosóficos de acesso à verdade. É devido a esse fato que podemos, ao mesmo tempo, amar e odiar alguém, possuir tendências masculinas e femininas.

Sendo assim, podemos dizer que o recalçamento é a falta da palavra, é a própria interrupção do discurso, o que não significa que o desejo seja eliminado ou desapareça, mesmo porque suas exigências continuam a insistir, ele apenas não pode ser reconhecido no plano das significações.

A denegação aparece no discurso como uma superposição simultânea de sentidos, de forma semelhante ao recalçamento, quando o que se apresenta é *o que se é no modo de não sê-lo*¹³². É através da negativa que o que se quer dizer é realmente dito.

É através da identificação de tais mecanismos, de funcionamento do inconsciente, que a psicanálise opera, utilizando-se de sua regra fundamental, a associação livre. Com esta, Freud mostra que verdade e erro não são excludentes, porque é exatamente na dimensão do equívoco que a verdade aparece.

¹³² Idem, ibidem, p. 116.

Segundo Garcia-Roza, enquanto produtor de um discurso teórico-conceitual, ele faz parte da tradição platônico-aristotélica, mas enquanto um produtor de uma prática clínica fundamentada na ambigüidade da palavra, ele faz parte de uma tradição sofística¹³³.

Na realidade o que Freud fez foi recuperar o valor da ambigüidade das palavras, sua propriedade de, simultaneamente, revelar e ocultar a verdade. Ressaltemos que tal atitude não o desviou de seu rigor científico e, conseqüentemente, de sua pesquisa. *Freud soube deixar, sob o nome de inconsciente, a verdade falar*¹³⁴.

Lacan ao distinguir saber e verdade nos elucidava que Freud ao designar o inconsciente como um modo de saber, não nega a íntima relação entre inconsciente e verdade¹³⁵. Identificar o inconsciente como um saber não invalida que, sob seu nome, a verdade fale.

A distinção entre saber e verdade pode ser mais bem apreendida quando levamos em consideração os elementos e os lugares na teoria lacaniana dos quatro discursos. Tal teoria encontra-se formalizada no *Seminário 17 - O avesso da psicanálise*, de 1969-70.

Para tanto, Lacan já vinha empreendendo sua jornada à luz da importância da linguagem e da cadeia de significantes, primeira novidade do seu ensino, em detrimento da escuta dos significados. A partir desse privilégio Lacan chegará a afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, onde a realidade do inconsciente é deduzida, por ele, como uma estrutura faltante que porta desejo como o movimento psíquico.

Desejo referenciado ao desejo do Outro que, como lugar dos significantes, porta uma falta que o torna também barrado. No trilho do privilégio do discurso do paciente, no caminho aberto por Freud, Lacan se vê impulsionado a elaborar a teoria dos discursos, na qual identifica que todo discurso é um laço social e um modo de aparelhar o gozo com a linguagem, na medida em que viver em sociedade e na cultura exige uma renúncia pulsional e uma perda de gozo.

Lacan formaliza essa idéia através da matemização do discurso em quatro: discurso do mestre, discurso da universidade, discurso da histérica e discurso do analista.

A teoria dos discursos de Lacan apresenta quatro lugares – o *agente* do discurso, que agencia o laço social; o *outro*, a quem o discurso se dirige; a *produção* o que resta da aparelhagem do gozo pelo discurso; e a *verdade*, que, ao mesmo tempo, sustenta e é escamoteada pelo laço social. Esses quatro lugares são freqüentados por quatro elementos – o

¹³³ Idem, *ibidem*, p. 117..

¹³⁴ LACAN, *A ciência e a verdade*, 1998.

¹³⁵ LACAN, apud ELIA, L. - *Uma ciência sem coração*, 1999, p. 47.

$S1$, o significante mestre; o $S2$, o saber; o $\$$, o sujeito; e a , o objeto mais-de-gozar – que trocam de lugares entre si, configurando os diferentes discursos.

Os lugares são de:

<u>o agente</u>	<u>o outro</u>
a verdade	a produção

Os termos são:

S_1 , o significante (sê-lo) mestre

S_2 , o saber

$\$$, o sujeito

a , o mais-gozar

O discurso do mestre, também chamado de “discurso do senhor”, corresponde à própria constituição do sujeito, por se tratar do discurso do inconsciente: “o sujeito é aquilo que o significante representa para outro significante”¹³⁶. Tal discurso é por um significante mestre apresentado ao outro como O Saber que satisfaria o desejo dele.

A dialética do senhor e do escravo de Hegel, é tomada por Lacan com objetivo de elucidar o discurso do mestre, colocando o senhor como $S1$ (significante mestre) e o escravo como $S2$ (significante do saber). O escravo estaria do lado do saber. O saber do lado do escravo é um saber que diz respeito ao gozo do mestre, e por isso o senhor só tem acesso ao gozo através do escravo, do qual ele o rouba – tanto quanto rouba o saber.

“O escravo sabe de muitas coisas, mas o que sabe muito mais ainda é o que o senhor quer, mesmo que este não o saiba, o que é o caso mais comum, pois sem isso ele não seria um senhor”.¹³⁷

Portanto, o senhor, como *agente*, precisa de um *outro* que sabe sobre o gozo, a , que o mestre tira do trabalho desse *outro*.

¹³⁶ LACAN, *Seminário 17*, 1969-70, p. 11

¹³⁷ Idem, *ibidem*, p.30

Discurso do Senhor

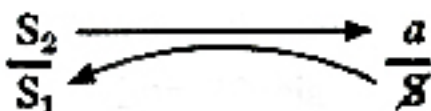


Por sua vez, o discurso universitário tem os elementos localizados em lugares diferentes, sendo um giro para trás, em relação ao discurso do mestre. Segundo Martinho, “nessa retroação, há uma ‘transmutação’ do saber, realizada pela filosofia, que constitui um saber a partir do saber do escravo e o transforma em saber do senhor”.¹³⁸

O saber do escravo (S_2) se transforma em saber teórico, criando uma tirania do saber que exige uma obediência total ao mandamento “saiba tudo”, em detrimento da verdade do sujeito. E o gozo (a) advém de tudo aquilo que é tratado pelo saber (S_2).

Se no discurso do mestre é o S_2 que ocupa o lugar do *outro*, no discurso universitário, quem o ocupa é o objeto a , o próprio aluno. O saber é utilizado de modo a colocar o aluno no lugar de objeto a , de objeto, escravizado a um saber teórico.

Discurso da Universidade



O discurso universitário demonstra que existe um conhecimento ao qual o aluno deve se submeter; um saber sobre o objeto, nesse caso o aluno.

Vejamos agora o discurso da histeria, que propõe insistentemente a dúvida sobre o saber do Outro, desafiando sua autoridade e a teoria estabelecida. Exatamente por isso é que Freud pôde sair do discurso científico. Porém, apesar de pautado na dúvida, esse discurso recalca a falta, que por sua vez provoca a fala no corpo. Assim sendo a histérica busca um mestre capaz de traduzir seus sintomas, que possua um saber sobre seu gozo. O Discurso da

¹³⁸ MARTINHO, *A debilidade do pai*, 2002, p.151

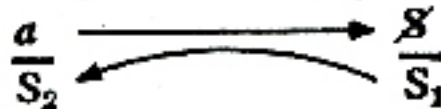
Histeria tem como agente um sujeito questionador, que visa colocar o outro a produzir um saber.

Discurso da Histérica



O discurso do analista é o único a colocar o sujeito no lugar do *outro*. Dirigindo-se a ele, não a partir de uma posição de saber, mas sim de causa de desejo. O sujeito é levado a dizer aquilo que sabe sem saber – o inconsciente. Sendo assim o saber aqui encontra-se articulado a verdade, enquanto causa.

Discurso do Analista



Por fim chegamos ao discurso analítico, que nos permite identificar duas conseqüências. A primeira é a demonstração de que esse discurso sem palavras, porém devemos atentar que Lacan quer dizer que está destituindo o campo da linguagem do lugar que ele ocupava até então, como campo que se opõe ao gozo, para introduzir o campo do gozo, cuja relação com as palavras e com a simbolização não é de oposição ou excludência e a segunda a indicação de que o gozo é de interesse da experiência analítica demonstrando as relações da linguagem com o corpo.

O analista ocupando a função de objeto (como semblante) agente do discurso, causa do desejo do analisante, pretende dirigir a sua análise no sentido de que ele produza seu significantes mestres. Verificamos que esse discurso é o único que dá lugar de sujeito ao outro e onde o psicanalista ocupa o lugar do semblante como objeto *a*.

Enquanto o discurso do mestre aproxima-se de uma fala na qual quem fala sabe sobre o que fala, provocando o recalçamento da falta - é o discurso da possibilidade do saber. O discurso do analista é provocador da revelação do recalçado, destituindo a estabilidade formulada a partir do significante mestre, provocando a queda do saber suposto. Tal queda propicia ao sujeito a produção de novos saberes e relativização dos que já possui, ou seja, duvide. Tal passagem revela a subversão. Podemos dizer que o discurso do mestre é correlato ao discurso científico.

Para passarmos do discurso do mestre, ora identificado com o discurso científico, para o discurso analítico devemos fazer duas retroações. Primeiramente para o discurso histórico, onde o sujeito é motivado pela dúvida cartesiana que o faz questionar o saber do Outro – o saber médico, para só então passar ao discurso analítico. Tais retroações só são possíveis devido ao estabelecimento da transferência e do sujeito suposto saber, pivô estrutural do deslocamento de um discurso para outro. Foi no trilho do discurso científico (mestre) que Freud encontra o discurso da histeria e pode verificar a existência de um saber inconsciente através de sua manutenção no lugar de objeto *a*, produzindo assim um discurso analítico.

No *Seminário 17*, O avesso da psicanálise, de 1969-70, Lacan estabelece, no que intitula *Eixos da Subversão Analítica*, que essa subversão analítica se refere à subversão do discurso do mestre para a passagem ao discurso analítico.

Assim posto, podemos afirmar que saber e verdade não podem ser a mesma coisa, embora encontrem-se ligados, relacionados. Tal relacionamento encontra-se demonstrado no discurso do psicanalista, porque nele encontramos o saber no lugar da verdade. É exatamente isso que qualifica a intervenção do analista.

Podemos assim dizer que a psicanálise traz uma nova relação com o saber, como decifrado do inconsciente, o que lhe confere, especialmente, um efeito de verdade. O tipo de saber cumulativo, que está disponível a todos, não tem mesmo tipo de efeito causador. A psicanálise percebe, entretanto, que a relação com o saber engaja a subjetividade e diz respeito à verdade.

Porém o termo “verdade” não pode ser confundido com “exatidão”, convicção ou crença do sujeito ou mesmo do analista. A verdade, sim, se encontra no lapso e no erro e mais do que isso, só pode ser dita por uma estrutura de ficção. O complexo de Édipo é exemplo disso. Sendo assim a verdade não pode ficar restrita a esta ficção e deve apontar para o impossível de ser dito sobre ela mesma e sob a partir da qual ela se funda.

“Não é essa ficção que constitui em si o fim do processo analítico, muito embora ela verifique sua eficácia. É uma certeza que se trata de obter, não uma crença; e essa certeza não é pertinente ao que diz a ficção, mas aquilo que ela demarca como impossível de ser dito”¹³⁹.

A verdade é o encontro com um real sempre faltoso que não pode ser simbolizado, que não pode ser posto em palavras e que comparece como um umbigo que resiste à significação.

O saber psicanalítico só pode funcionar como um saber furado, como um saber que possui um furo central, provocador da verdade e que faz dela mesma sempre um semidizer. O saber produzido no processo psicanalítico não pode dizer tudo, uma vez que o inconsciente é furado e atravessado por um núcleo de real.

À luz da ótica lacaniana a novidade encontra-se em afirmar que esta “falha” da verdade não é uma imperfeição que poderia ser compensada com o desenvolvimento científico, pela mera produção de conhecimento, mas sim a chave para a própria estrutura do saber.

É sobre essa perspectiva da verdade que a psicanálise se estabelece, a ciência não quer saber disso. Segundo Lacan, a ciência decorre exatamente daquilo que ela não quer saber, do sujeito, de suas dúvidas. Ele denomina este movimento de exclusão do sujeito do saber instituído pela ciência de forclusão. Do sujeito que ele mesma, a ciência, constitui.

Com Descartes, propõe Lacan, que o sujeito é fundado, mas a fundação da ciência, que remonta a Galileu, exige que ele permaneça fora do seu campo discursivo, foracluído. Segundo Elia¹⁴⁰, a ciência se constituiu como um corpo discursivo cujo coração - metáfora que ele faz de sujeito - ela mesma extraiu e expeliu para fora do seu corpo, mas cuja existência ela não pôde eliminar e nem fazer jamais ter existido. Foracluído, o sujeito ainda vive e, como tudo que é foracluído, retorna. A psicanálise acolhe o retorno desse sujeito a partir da escuta do saber produzido pelas históricas.

A tese de Elia é que o sujeito foracluído pela ciência retorna sob outra forma discursiva, as ciências humanas, que não chegam a (bem) dizê-lo eficientemente, porque o inflamam de qualidades empíricas e anímicas investidas e investigadas pela via da compreensão, que, originalmente ele não possuía. As ciências humanas são, na verdade, o que seu próprio nome diz: ciência do humano, mas com isso não chegam a ser ciência do sujeito. Ao conferir ao sujeito uma consistência através de atributos e qualidades que ele não admite, as ciências humanas acabam por não tratar do ponto realmente em questão. Segundo

¹³⁹ ANDRÉ, *O que quer uma mulher?*, 1987, p. 9.

¹⁴⁰ ELIA, *Uma ciência sem coração*, 1999.

Elia, esta qualificação implica numa imaginarização do sujeito que só serve de resistência para tratar o real do sujeito pelo simbólico.

A psicanálise, por outro lado, traz para o íntimo de seu campo o sujeito. *No lugar em que, do corpo da ciência, o coração fora extirpado, o sujeito fora ejetado, a psicanálise inscreve o real do sujeito*¹⁴¹. Por isso, a verdade lhe é algo extremamente importante, quiçá essencial. Recolocar o sujeito em cena implica ter que se haver com a problemática de sua verdade. Sua verdade reside na última palavra antes daquilo que é impossível de ser dito, antes daquilo que *não cessa de não se escrever*. A psicanálise se propõe a incluir este ponto impossível de real como constituinte do discurso do sujeito e de seu próprio discurso, o que é bem diferente de excluí-lo simplesmente porque não se pode dizê-lo. Note-se que ponto só pode ser revelado sob transferência. Tanto que uma das formas identificadas, por Freud como fenômeno da transferência, é a resistência.

3.2.3 - Alienação e separação

A estruturação do sujeito em relação ao Outro, segundo Lacan, está como lugar no qual se situa a cadeia significante, sua constituição ocorre sempre no campo do Outro. Sua gênese aí reside, e neste ponto reconhecemos a operação de duas funções. A primeira alienação e a segunda, separação. Ambas as operações de causação do sujeito.

O aparecimento do sujeito se deve a ação significante, sendo assim o sujeito é efeito significante e se constitui no campo do Outro e a partir dele.

A alienação constitui, segundo a teoria lacaniana, a ação do Outro sobre o vivente, porém, esta ação implica numa articulação com a ação significante, possibilitando o surgimento do sujeito falante, e ao mesmo tempo que lhe apresenta a morte sob a forma de desaparecimento. Desta feita, o sujeito pode advir, embora tenha um preço a pagar: o de seu próprio desaparecimento. Este desaparecimento, chamado de fading, diz respeito a captura do sujeito pelo significante:

“O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas, ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito”¹⁴²

¹⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 52.

¹⁴² Lacan, *Seminário 11*, 1964, p. 197.

O sujeito se petrificaria¹⁴³ no significante se justamente não fosse por ele – pelo segundo significante, S2, para o qual o sujeito é representado pelo primeiro, S1 – afanizado, justamente Não se trata de desaparecimento do desejo, como atribuído por Jones, mas de desaparecimento da condição de sujeito em função daquilo que o constitui como tal.

A operação de alienação, a primeira operação que funda o sujeito, possibilita a constituição de um vel, que significa “ou” em latim, portanto disjunção. Mas o vel alienante tem uma particularidade, ele é uma disjunção que traz como consequência uma reunião: “nem um nem outro”.

“A alienação consiste nesse vel que (...) condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que ele aparece de um lado como sentido, produzindo sentido, do outro ele aparece como afânise”¹⁴⁴.

O sujeito surge como sentido de um lado, e de outro lado como afânise, nonsense, e é essa a sua divisão. O vel da alienação promove a divisão do sujeito, dividindo-o pela ação do significante: sentido / afânise. O sujeito se faz sentido e não-sentido concomitantemente, ou seja, o sujeito aparece no desaparecimento do inconsciente, indicando uma falta. A separação é a segunda operação de causação do sujeito.

A partir da afirmação de Lacan : “ ... que um significante é o que representa um sujeito para outro significante”¹⁴⁵. Irrompe o sujeito, o seu lugar. O sujeito terá que se procurar, pôr-se no mundo.

Na separação o que importa é o enigma diante do desejo do Outro, instalando a falta no sujeito, este enigma o coloca em relação ao Outro, quando este Outro é interpelado pelos “por quês” ele é impossibilitado de responder tudo. E é importante ressaltar que o “por quê” na verdade pergunta pelo desejo do Outro.

O primeiro objeto que se coloca a responder os “por quês” é a primeira falta localizada no Outro. Assim, apesar da causação do sujeito situar-se no campo do Outro é possível separar-se:

“Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge a experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele *me diz isso, mas o que ele quer?*”¹⁴⁶.

¹⁴³ Termo resgatado por Lacan, de Ernest Jones, porém com uma distância significativa.

¹⁴⁴ Lacan, *Seminário 11*, 1964, p.199.

¹⁴⁵ Idem, ibidem, p.197.

¹⁴⁶ Idem, ibidem, p.203.

“Uma falta recobre a outra”¹⁴⁷, ou seja, a falta no discurso recobre a falta revelada pelo enigma do desejo do adulto.

Pela separação o sujeito encontra o ponto frágil da articulação significante essencialmente alienante; entretanto é entre dois significantes, no intervalo que “vige” o desejo.

Eis, o que aqui reside para a importância de nos reportarmos à constituição do sujeito para entendermos a transferência. Lacan ressalta que a operação da separação: “(...) é tão essencial de ser definida quanto a primeira, porque é aí que vamos ver despontar o *campo da transferência*”¹⁴⁸.

Roberto Harari¹⁴⁹ em seu estudo sobre o seminário “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” coloca de forma bastante pertinente quanto à separação:

“A separação trabalha com os dados providos pelo muro da linguagem, para fazer nele uma fenda. Romper algo nessa parede que se encontra diante do sujeito e produz o efeito afânico”¹⁵⁰.

Lacan refere-se a uma torção essencial para a saída da transferência. Tal torção se dá ao retorno ao ponto primeiro, que é o da falta do sujeito, de sua afânise.¹⁵¹

Existe uma correlação entre demanda e desejo. Tal correlação aponta para uma ligação direta entre demanda e a tentativa de satisfação do que o Outro supostamente deseja. Entretanto, é a partir dessa suposição que o desejo entra em ação, possibilitando a separação do Outro.

Assim como a alienação e a separação não são mutuamente excludentes, pelo contrário se entrelaçam de forma indissociável na constituição do sujeito, pois esse precisa passar pela alienação para poder se separar.

Podemos traçar um paralelo da correlação entre a psicanálise e a ciência. Foi necessário haver o discurso científico para o surgimento do discurso psicanalítico. Como foi demonstrado no capítulo dois desta dissertação. A psicanálise tem sua filiação na ciência, não podendo se contrapor ao discurso científico, na verdade ela subverte se deslocando e elaborando um outro discurso com a inclusão do sujeito em sua práxis revelado só através dos fenômenos que advêm da transferência. Logo, podemos afirmar que a transferência em si foi

¹⁴⁷ Idem, ibidem, p.203.

¹⁴⁸ Idem, ibidem, p.202.

¹⁴⁹ HARARI, *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*, 1990.

¹⁵⁰ Idem, ibidem, p. 271.

¹⁵¹ LACAN, *Seminário 11*, 1964, p. 207.

o mote pra o deslocamento de Freud do discurso puramente científico e a construção de “outro” saber, se podemos assim nos referir ao inconsciente.

3.2.4 - O toro

Jacques Lacan utiliza a topologia em suas construções e elaborações e uma das figuras topológicas utilizadas por ele é o toro.

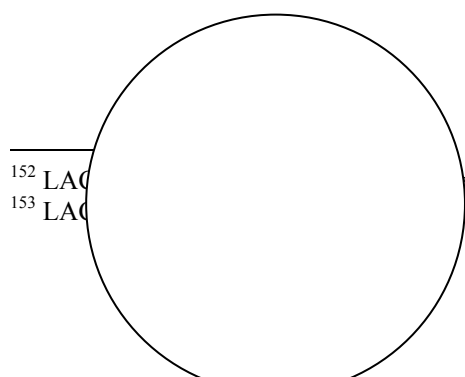
No texto *Função e campo da palavra e da linguagem*, do discurso de Roma de 1953, encontra-se referência à topologia do toro, quando da sua alusão ao sujeito do inconsciente. Assim:

“Dizer que esse sentido mortal revela na fala um centro exterior à linguagem, é mais do que uma metáfora e manifesta uma estrutura. Essa estrutura é diferente da espacialização da circunferência ou da esfera que se compraz a esquematizar os limites do vivente e de seu meio: ela responde antes a esse grupo relacional que a lógica designa topologicamente com um anel.”¹⁵²

O toro é uma estrutura fechada, em forma de um furo¹⁵³, e é proposto para dar conta da identificação, como alguma coisa exterior que se torna interior. Esta estrutura será aqui revista no sentido de analisar suas propriedades em referência a função do sujeito e a transferência.

O toro é uma representação eficiente para a relação em que o centro e o exterior pertencem a um só espaço. Uma superfície sem margem, que delimita um interior e um exterior com a particularidade de apresentar um centro “exterior”.

Lacan se utiliza desta figura para também estabelecer a relação que une o desejo à demanda. Na superfície do toro existe um trajeto que se descreve, que se funda numa volta. Porém, este trajeto descreve outra ao redor do furo. Portanto, a volta que se fecha transversalmente ao anel ilustra a demanda e a que descreve o trajeto ao longo do anel assinala o desejo.

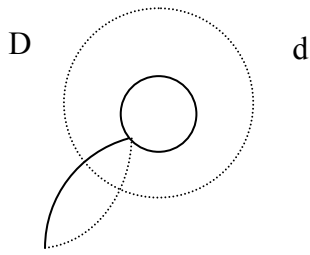


¹⁵² LAC

¹⁵³ LAC

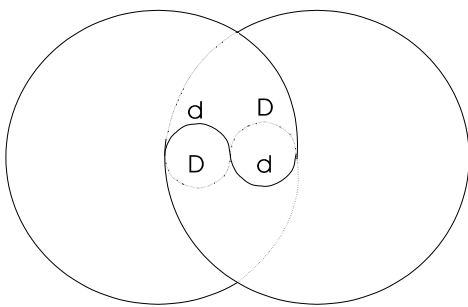
da linguagem, 1953, p.185

ula de 23 de maio de 1962, mimeo.



A demanda no que se repete, desenha o objeto faltoso e estrutural. Desta forma, o desejo esta “mais além” da demanda.

“É sobre a nodulação de dois toros que Lacan apoia a dialética neurótica do sujeito ao Outro.”

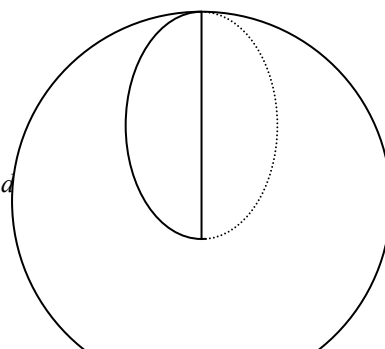


“Um objeto demandado pelo Outro, a mãe, o Outro primordial, se encontra em posição de objeto para o sujeito.”¹⁵⁴

Revela-se aqui uma relação de dependência, mais especificamente a dependência em relação ao desejo do Outro.

O percurso do sujeito sobre o toro demonstra a participação do mesmo de dois círculos (D e d) e possibilita uma terceira circularidade que integra os dois anteriores. Trata-se do oito-interior.

¹⁵⁴ GRANON-LAFONT, *A topologia da*



I d
 T D

“Oito-interior” assinalada por Lacan, no seminário “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, no intuito de correlacionar transferência e constituição do sujeito com referência ao Outro.

O circuito de cada demanda implica uma volta na cavidade central, ou seja, o objeto do desejo.

“Esta imagem nos permite figurar o desejo como lugar de injeção do campo da demanda, onde se presentificam as sínopes do inconsciente, com a realidade sexual.”¹⁵⁵

O que assinalamos com um d representa o desejo. E o esquema demonstra que T (ponto de transferência) é aquilo que permite conduzir D (demanda) à identificação (I, linha de interseção, “identificação”). Entretanto, o desejo está pontuado na própria demanda.

O analista é chamado a encarnar, através da demanda, o ideal referente à identificação. A demanda é conduzida pela transferência até a identificação, mas por trás permeia o desejo. Aí reside o manejo da analista: impedir que a transferência se conduza apenas para a identificação.

O que é o manejo transferencial senão suportar a demanda que se refere a identificação por parte do paciente para viabilizar o surgimento do desejo que permeia o processo de identificação. Freud não se deixou seduzir pelo ideal de ciência, mas pelo contrário ele suportou e abdicou de seus próprios ideais cientificistas para a sustentação do sujeito no centro de suas elaborações e a construção do discurso psicanalítico.

3.2.5 - O Banquete de Platão

O *Banquete* de Platão é o texto central, a ser abordado por Lacan no seminário A transferência (1960-61) com o intuito de colocar em cena o amor e sua função, no qual

¹⁵⁵ LACAN, *Seminário 11*, 1964, p.207.

Sócrates encarna o lugar do analista. Assim estabelecendo a fenomenologia e a estrutura da transferência:

“Esse diálogo de Platão situa, historicamente, na origem, não somente do que se pode chamar de uma explicação do amor em nossa era cultural, mas de um desenvolvimento dessa função, que é em suma, a mais profunda, a mais radical, a mais misteriosa das relações entre os sujeitos.”¹⁵⁶

Logo no início do *Banquete*, Agatão se dirige a Sócrates com uma suposição de saber, que este por sua vez despreza de maneira irônica e aponta o equívoco da transferência de saber que Agatão lhe faz.

Vejamos um trecho do texto original sublinhado por Lacan para identificar a suposição do saber por parte de Agatão a Sócrates.

Agatão: “Para cá, Sócrates, deita-te ao meu lado, pois quero saborear um pouco da sabedoria que adquiriste”

Sócrates o responde: “Ótimo seria, caro Agatão, se a sabedoria fosse uma coisa que pudesse passar, por simples contato, de quem a tem a quem não tem, ...”

O tema do banquete é anunciado por Fedro: “De que serve ser sábio no amor?” E o aspecto levantado por Fedro em seu discurso é o que Lacan ressaltará, como a metáfora do amor, articulando amor e desejo para compreensão da transferência nas figuras do amado (desejado) e do amante (desejante). Aquele que está na posição de amado substitui essa posição pela de amante. Assim, é isto que se produz na análise: O analista possibilita que o sujeito passe da posição de amado (erômenon) à de amante (erastes) posição fundamentalmente de falta, e que conduz o paciente à verdade de seu desejo.

Sócrates se situa como uma espécie de árbitro, ele não põe o amor em nível de tanta elevação, como coisa divina. Ao contrário dos discursos proferidos durante o banquete e sustentados antes do seu, ele separa o amor e o desejo, caracterizando-o por sua falta (O amor não é coisa divina).

O cerne da questão sobre a transferência se desenvolverá, portanto, com os três personagens: Agatão, Sócrates e Alcebiades. Pois, é necessário ter três para amar, e Sócrates desempenha o papel de mediador entre Alcebiades e Agatão, desviando a atenção de Alcebiades para o objeto de seu desejo. Assim, ao sustentar a posição de desejante Sócrates remete Alcebiades para além de sua demanda de amor.

¹⁵⁶ Idem, *Seminário 8*, 1960-61, p.169.

Na medida em que Alcebíades não sabe o que Sócrates deseja (desejo do Outro), é que ele mesmo é possuído, pelo que? Por um amor do qual se pode dizer que o maior mérito de Sócrates é designá-lo como amor de transferência, e remetê-lo ao seu verdadeiro desejo.¹⁵⁷

Sócrates tem conhecimento de que não é aquilo que Alcebíades procura em Agatão, na verdade ele ocupa apenas o lugar idealizado devido ao saber que Alcebíades supõe a ele. O discurso de Alcebíades nos revela a suposição de um saber, quando compara Sócrates a um sileno, atribuindo ao Outro da transferência o objeto precioso que causa o desejo: agalma, objeto de fascínio, com um brilho fálico.

É no registro do saber que há o estabelecimento da transferência, através de sua suposição. Para Lacan, existe uma identificação entre o algoritmo da transferência (no qual aparecem significantes) e a agalma do *Banquete* de Platão.

Lacan concluí no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* o que havia semeado no seminário “*A transferência* com:

“ (...) a transferência não é a atualização da ilusão que nos levaria a essa identificação alienante que constitui qualquer conformização, ainda que a um modelo ideal, de que o analista, em caso algum, poderia ser suporte - a transferência é a atualização da realidade do inconsciente.”¹⁵⁸

Portanto, esta atualização só é possível por causa desse objeto - a agalma. Por sua vez, Sócrates sabe que não tem esse objeto, ele apenas detém sua significação. Entretanto, em relação à posição do analista, ele deve assumir uma posição diferente da de Sócrates, pois deve encarnar a essência do desejo, fazendo *semblante do objeto a*. O analista deverá possibilitar ser reduzido a um significante qualquer.

Voltemos ao *Banquete* e aquilo que sua análise nos proporcionou, a partir do seminário *A transferência*. Vimos surgir como essencial não só o amor e o saber que dele deriva, mas, sobretudo, a suposição de saber. Entre Sócrates e seus ouvintes se aloja o enigma do sujeito suposto saber, enigma confundido com o objeto valioso da agalma. O que Sócrates revela a Alcebíades é o engano do amor. A via pela qual o analisando entra em análise é o amor de transferência e desse modo engana e se engana sobre a causa verdadeira.

O analista deverá suportar esse engano constitucional por parte do analisando, porque só através desse engano, no qual a transferência se sustenta, é que o sujeito poderá surgir pela via de seu desejo. Freud de certa forma supôs a ciência um saber e só a partir de seus métodos

¹⁵⁷ Idem, *ibidem* p.180.

¹⁵⁸ Idem, *Seminário 11*, 1964, p.139.

e critérios pode se desvencilhar do logro da demanda e da idealização desse mesmo saber e produzir um saber novo dela mesmo derivado. Uma torção, uma subversão.

3.2.6 - O sujeito suposto saber (SsS)

Já afirmamos, no presente trabalho, que o conceito de transferência sofreu uma transformação de Freud a Lacan. Tal transformação se fundamenta na função sujeito suposto saber, que só é possível a partir da regra fundamental da psicanálise: associação livre. O sujeito suposto saber é consequência direta de tal procedimento.

Lacan introduz a fórmula do sujeito suposto saber no seminário *A identificação*, imediatamente posterior ao seminário *A transferência*. Entretanto, ele não relaciona a transferência ao sujeito suposto saber. Isto só acontecerá mais tarde, no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Retomemos a afirmação feita por Lacan na Proposição de 9 de outubro de 1967: “o sujeito suposto saber é para nós pivô no qual se articula tudo o que se relaciona com a transferência.”¹⁵⁹

Jacques-Alain Miller em suas *Conferências Caraquenhas* (1979) aponta o significado da palavra pivô e sua utilização por parte de Lacan:

“‘Pivô’ é uma palavra interessante, que pode designar aquele pedaço de metal ou de madeira sobre o qual gira algo e, em sentido figurado, assinala a sustentação principal de algo, de uma coisa que gira em torno.”

As coisas que giram em torno do pivô, o sujeito suposto saber, são o que já denominamos, com o auxílio do próprio Miller, de os fenômenos da transferência, ou como Colette Soler designa como “as modalidades da transferência”¹⁶⁰ em uma conferência assim nomeada.

O que Lacan aponta com o sujeito suposto saber é o aspecto estrutural, não só da experiência analítica, bem como da transferência e consequentemente da constituição do sujeito.

Portanto, o paciente, ao entregar-se à livre associação, à busca de sua verdade, de seu desejo, ele se depara com o limite da palavra, tal limite presentificado no analista enquanto

¹⁵⁹ LACAN, *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista na Escola*, p 253.

¹⁶⁰ SOLLER, *Conferência em Estrasburgo em 15 de novembro de 1985*, p.7.

Outro (pivô), ouvinte fundamental, que possibilita o desdobrar da própria palavra e a produção de significantes. O sujeito não deve se concentrar, deve sim entregar o material significativo sem nenhuma preparação prévia.

Trata-se de uma suposição estrutural, um erro subjetivo, uma ilusão do paciente, a de que seu saber já está constituído no Outro, portanto uma ilusão fundamental, estrutural. O sujeito é suposto saber por ser sujeito do desejo.

É através da assunção do sujeito suposto saber, que o analisando pode percorrer suas cadeias significantes. O analista não deve utilizar essa função do lugar do Outro, não se identifica a posição de um Outro, mas sim investido dessa função opera de outra forma possibilitando a emergência do desejo do analisando:

“A transferência precisamente põe o analista nesse lugar de sujeito suposto saber. Ficção nascida, pode-se dizer, da ignorância da estrutura do desejo. Ignorância que faz com que o sujeito não apenas confunda desejo e demanda, ..., mas ainda imagine que sua verdade já existe sob a forma de um saber que o Outro a detém. De modo que podemos dizer que a análise toma fim com a descoberta da estrutura do desejo.”¹⁶¹

Lacan nos aponta uma dissimetria entre Freud e Descartes, mas ambos baseados numa perspectiva científica, pois estavam no encaminhamento inicial na certeza do sujeito¹⁶².

“Descartes não sabia, a não ser que fosse o sujeito de uma certeza e rejeição de todo saber anterior – mas nós, nós sabemos, graças a Freud, que o sujeito do inconsciente se manifesta, que isso pensa antes de entrar na certeza.”¹⁶³

Onde quer que haja sujeito suposto saber há transferência, pois o Outro é um lugar para o qual se transfere o saber do sujeito. Ao entrar na experiência analítica o analisando consente na posição do analista como Outro. A resistência, portanto, quando surge, é do analista na medida em que se identifica com este Outro. O analista intervém na experiência analítica legitimamente enquanto Outro, no que se refere a manter a relação analítica, afirmando de seu lugar, e não com significantes, que tudo tem uma causa, conseqüentemente o trabalho e a produção ficam do lado do paciente.

O *sujeito suposto saber* (SsS) e o *objeto a* se articulam na transferência, duas modalidades lógicas para compreender a transferência. O primeiro como imprescindível para

¹⁶¹ SAFOUAN, *A transferência e o desejo do analista*, 1991, p.209.

¹⁶² LACAN, *Seminário 11*, 1964, p.40.

¹⁶³ Idem, *ibidem*, p.40.

que haja transferência, e o segundo como possibilidade ao final da análise, que só pode ser testemunhada por um psicanalista que tenha fundado seu ato em sua própria análise.

O que Lacan aponta com o sujeito suposto saber é o aspecto estrutural, não só da experiência analítica, bem como da transferência e conseqüentemente da constituição do sujeito, elemento excluído da ciência.

Ao supor que a ciência possuía o saber, Freud de certa forma, coloca ela mesma no lugar de *sujeito suposto saber*. Ao encontrar a transferência através dos seus fenômenos ele se viu num impasse. Ou cedia aos desígnios da ciência ou a partir deles mesmos constituía outro saber. A transferência, sendo assim, mola propulsora das elaborações freudianas pode ser vista como pivô do deslocamento do discurso científico para o discurso psicanalítico.

O que foi demandado a Freud? Que ele fosse cientista, que explicasse os fenômenos psíquicos, visto que ele se encontrava incluído na comunidade científica de seu tempo. Entretanto, as investigações o levaram ao encontro com a histeria e conseqüentemente com os sintomas histéricos. E o que foi demandado a ele pelas histéricas? Que ele ocupasse o lugar de saber sobre seus sintomas, base da transferência, uma vez que supõem a ele, Freud, esse saber. E Freud o que faz? Convida-as a falar sobre seus sintomas. Assim, instala-se o sujeito suposto saber.

“O analista diz àquele que está para começar – Vamos lá, diga qualquer coisa, vai ser maravilhoso. É ele que o analista institui como sujeito suposto saber.

Afinal, isso se dá com tanta má fé, pois, no caso presente, o analista não pode se fiar em qualquer outro. E a transferência se funda nisto – há um cara que me diz, a mim, grande babaca, que me comporte como se soubesse de que se trata. Posso lhe dizer seja lá o que for, e isso sempre vai dar em alguma coisa. Isto não lhes acontece todos os dias. Há bons motivos para causar a transferência.”¹⁶⁴

Foi o encontro com a transferência, a instalação do *sujeito suposto saber*, por parte das histéricas à Freud, que impeliu ele mesmo a subverter o discurso que estava a se constituir. Vejamos, ele mesmo tinha colocado a Ciência no lugar desse saber, mas como a Ciência em si só se constituía pelo advento do sujeito que ela mesma expeliu, essa suposição freudiana esbarra no mesmo sujeito. E diferente da ciência ele não o expelle, o aceita e o escuta, sob transferência. Só a partir da transferência é que é possível o surgimento do sujeito.

3.2.7 - Transferência e repetição

¹⁶⁴ LACAN, *Seminário 17*, 1961-1969-70, p. 50.

Lacan destaca o termo/categoria repetição, introduzido por Freud em 1912¹⁶⁵, como um dos conceitos fundamentais¹⁶⁶, junto transferência, inconsciente, e pulsão.

Repetição não é reprodução do idêntico, mas uma repetição com diferença. Freud partiu de narrativas literárias e observações clínicas como o caso de uma mulher que casou três vezes, e todas as vezes seus companheiros adoeceram e esta teve que cuidar deles em seus leitos de morte. Na teoria freudiana o conceito de compulsão à repetição é essencial.

Há um paradoxo no que se refere à repetição, pois se ela é repetição de significantes também indica a repetição de um fracasso no que diz respeito a reencontrar, de fazer surgir o mesmo, de repetir o ato inaugural, o de Um, e de fazer ressurgir esse Um inaugural.

É através do significante que se pode fazer referência ao conceito de repetição. Entretanto, é este mesmo motivo que demonstra o fracasso de que o que se repete não é a mesma coisa, pois a essência do significante é a diferença. A compulsão à repetição é a insistência da cadeia significante. Se o sujeito surge como articulação entre dois significantes, ele mesmo se perde, e é esse o lugar central do surgimento do sujeito, aonde ele é efeito do significante. “Mas o sujeito está aí para ser encontrado, aí onde estava, - eu antecipo - o real.”¹⁶⁷

“Vejamus então como o *Wiederholen* (repetição) se introduz. *Wiederholen* tem relação com *Erinnerung*, rememoração. O sujeito em sua casa, a rememoração da biografia, tudo isso só marcha até um certo limite, que se chama o real.”¹⁶⁸

Lacan procura diferenciar a repetição da transferência não reduzindo esta à aquela. Para tanto se apóia em dois textos fundamentais de Freud: *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *Além do princípio do prazer* (1920). Quanto ao primeiro, relacionará a transferência, no sentido de elaborar *a posteriori*, e ao segundo se apoiará na introdução, por Freud, do conceito de pulsão de morte, e a compulsão à repetição.

A repetição tem uma estrutura de retorno, uma espécie de reprodução, porém Lacan diferencia rememoração de repetição.

“Nessa ocasião, eu lhes mostro que, nos textos de Freud, repetição não é reprodução. Jamais qualquer oscilação sobre este ponto - *Wiederholen* não é *Reproduzieren*. Reproduzir, é o que se acredita poder fazer no tempo das grandes esperanças da catarse.. A repetição aparece primeiro numa forma que

¹⁶⁵ FREUD, *Recordar, Repetir e Elaborar*, 1912, p. 197.

¹⁶⁶ LACAN, *Seminário 11*, 1964.

¹⁶⁷ Idem, *ibidem*, p.47.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*, p.51.

não é clara, que não é espontânea, como uma reprodução, ou uma presentificação, em ato. Aí está por quê coloquei O Ato (...) que esse ato ficará, enquanto falarmos das relações da repetição com o real, em nosso horizonte.”¹⁶⁹

A repetição na transferência não tem o sentido de retorno do passado. O sujeito suposto saber (SsS) é correlativo a uma nova definição da repetição, mas o passado do analisando é falado no presente a um Outro encarnado na analista. Aí reside a repetição e sua relação com a transferência numa dependência do significante. A transferência em sua face de resistência é repetitiva, porém também é a repetição motivada por aquilo que ela não consegue repetir – o seu resto.

3.2.8 - A transferência e o desejo do analista

O termo “*desejo do analista*” é usado por Lacan pela primeira vez em 1958 em *A direção da cura*: “Está se para formular uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo: para colocar no ápice a questão do desejo do analista”. Note-se que é desejo do analista e não desejo de ser analista, sendo o primeiro referido à função e o segundo ao sujeito psicanalista.

Lacan também se refere ao “desejo do analista” no seminário *O desejo e sua interpretação* (1958), como aquele que deve conduzir o sujeito a um Outro que não o analista, e que antecipa o triângulo Alcebiades, Sócrates e Agatão, que correspondem ao sujeito, ao sujeito suposto saber e ao objeto abordados no seminário *A transferência* (1960-61).

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e na *Proposição de 9 de outubro de 1967* a função do “desejo do analista” é formulada de maneira mais complexa e articulando-a com a transferência.

A transferência está articulada com o significante, com o amor, com a identificação, com o sujeito suposto saber, com um sujeito barrado pelo o efeito da castração, pelo *objeto a*, pela pulsão, pelo inconsciente como realidade sexual atualizado na transferência. O desejo do analista opera no interior desta estrutura remetendo o sujeito a metonímia de seu desejo e sua causa. Por trás do amor de transferência há, portanto, uma ligação entre o desejo do analista e

¹⁶⁹Idem, *ibidem*, p.52.

o desejo do paciente. Quanto ao desejo do analista apenas podemos “cercá-lo”, como nos diz Lacan.¹⁷⁰ É o desejo do paciente que está em jogo, porém referenciado ao desejo do analista:

“A mola fundamental da operação analítica é a manutenção da distância entre I e o *a*. Para lhes dar fórmulas-referência, direi - se a transferência é o que, da pulsão, desvia a demanda, o desejo do analista é aquilo que a traz ali de volta. E, por esta via, ele isola o *a*, o põe à maior distância possível do I que ele, o analista, é chamado a encarnar. É dessa idealização que o analista tem que tombar para ser suporte do *a* separador, na medida em que seu desejo lhe permite, numa hipótese às avessas, encarnar, ele, o hipnotizado.”¹⁷¹

O “desejo do analista” introduz um movimento na inércia imposta na transferência a um Outro encarnado pelo analista. É esta função de suporte do real que possibilita a divisão do sujeito. O analista deve encarnar objeto causa desejo – o *objeto a* – aqui se situa o desejo do analista, como uma função que opera, que a partir deste lugar é que se pode obter o fim da idealização imaginária do sujeito em relação ao analista.

Foi colocando o desejo do analista a funcionar que Freud pode construir a discurso psicanalítico. Mantendo um distanciamento entre o I e o *a*. Entre a idealização do saber produzido pela ciência na tentativa de apreensão total dos objetos. Abolindo o objeto *a*, causador de desejo, e o sujeito.

Em a *Proposição de 9 de outubro de 1967*, contemporânea ao *Ato analítico* encontramos a resolução da transferência como advento do *objeto a* - causa de desejo, e a dependência da caída do sujeito suposto saber (SsS). Assim, o final da análise é a passagem à posição do analista.

O “desejo do analista” é uma categoria ética, que implica na renúncia do poder que o sujeito lhe confere ao colocá-lo na posição de Outro, para ocupar o lugar de objeto. Assim, Lacan conclui o seminário *Os quatro conceitos da psicanálise* no que se refere ao “desejo do analista”:

“O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver.”¹⁷²

Vemos aqui outro ponto de rompimento da psicanálise com o discurso médico. Enquanto para a medicina, campo de aplicação de várias ciências, o desejo do cientista não é

¹⁷⁰ Idem, ibidem, p. 240.

¹⁷¹ Idem, ibidem, p. 258.

¹⁷² Idem, ibidem, p. 260.

levado em jogo, na psicanálise a coisa é bem diferente. É sim levado em consideração o desejo do cientista como sujeito, na tentativa de uma idealização do saber produzido por ele mesmo e pela ciência.

Não esqueçamos que a ciência também é motivada por um desejo que ela mesma desconhece. Fazendo com que ela tente desesperadamente responder a demanda de felicidade humana.

Não podemos pensar em psicanálise sem o conceito de “desejo do analista”. Mas o mais radical disso tudo é que o “desejo do analista” não é um desejo particular em que uma vontade, um valor será aplicado ao paciente. Muito pelo contrário.

3.2.9 - O real, o simbólico e o imaginário na transferência

Lacan estudou a transferência em seus seminários em função dos três registros, real, simbólico e imaginário. Mostrou um privilégio sucessivo ao imaginário, ao simbólico e ao real. Ao imaginário na organização do estádio do espelho, ao simbólico na importância da cadeia significante, e ao real quanto à impossibilidade do próprio significante em dizer tudo, bem como na impossibilidade da relação sexual. É importante ressaltar que essas categorias se sobrepõem umas às outras.

Tais categorias serão aqui apresentadas de forma sucinta com o sentido de correlacioná-las à transferência.

A partir de 1953 em seu seminário *Os escritos técnicos de Freud* a dimensão simbólica da transferência entra em cena. A noção de cadeia significante dá fundamento à categoria do simbólico, e sua relação com o inconsciente. Aonde “o inconsciente é estruturado com uma linguagem”. Porém, à medida que surge o significante, surge também a impossibilidade do significante. Portanto, a dimensão real está inscrita desde o início, mesmo que sendo feita a partir da realidade biológica.

O imaginário da transferência surge na medida em que o sujeito procura dar consistência (sentido) ao Outro, através de sua demanda. A transferência se passa, conforme vimos no *toro*, entre o Outro e o eu.

A análise revela ao sujeito uma significação que é função da palavra que vem do Outro simbólico. O imaginário tem um papel de filtro e de obstáculo, pois através da tapeação é que pode surgir a verdade.

A dimensão real se revela na transferência na medida em que a repetição nos remete ao que é impossível de tocar, ao impossível de se reencontrar: o objeto que desde sempre está perdido. Tal afirmação se deve à articulação indissociável entre o narcisismo e desejo, entre demanda e desejo. A constituição do sujeito se dá a partir das marcas significantes advindas do Outro, porque o sujeito da psicanálise, o mesmo sujeito da ciência, não é o orgânico e é por essa mesma razão que a Medicina não conseguiu dar conta dele.

Mas só a partir da dimensão do real é possível vislumbrar o surgimento do desejo, não o desejo de um objeto, mas o desejo enquanto movimento. É nesse sentido que o *objeto a* ganha seu estatuto como um propulsor, como função lógica.

O sujeito é sim efeito da linguagem, mas a incidência do simbólico se dá a partir do corpo e no corpo do sujeito, mesmo que esse só possa ser apreendido a *posteriori* a partir do simbólico como construção narcísica. Como isso se estabelece?

O sujeito se constitui enquanto tal a partir do Outro, ele é em primeira instância um “pedaço” do corpo do Outro, e nessa “separação” ele se dá como objeto perdido do campo do Outro, desde sempre perdido e na busca incessante de um reencontro. Desde sempre perdido porque sua constituição só é possível através da perda e no intuito de sempre reencontrar. É por isso que o objeto *a* é um operador lógico, por ele ser “o para sempre perdido” é que baliza (suporta) a possibilidade de buscar objetos na realidade objetiva. O real é o registro que permitiu a Lacan situar o objeto *a* em relação ao desejo, no lugar de sua causa, e não como objeto da realidade para o qual o desejo se dirige, o que pressupõe que o objeto *a* se faça revestir de atributos fálicos (ϕ) e se situe no registro do imaginário, constitutivo da realidade psíquica (a única que, para Freud, existe), e não mais no registro do real, no qual o objeto *a* revela-se em sua função lógica de causa de desejo.

Para tanto, o passo inaugural é a separação do objeto e posteriormente o revestimento da imagem do corpo, assim o narcisismo visa recobrir o vazio que se inscreveu a partir da operação de separação. É necessário ressaltar que não há uma seqüência temporal, um antes e um depois. Tal separação é lógica, pois na inauguração do sujeito tanto esse quanto o objeto se constituem simultaneamente, sob a mesma operação.

A problemática central para o sujeito encontra-se exatamente aí: em ser constituído como objeto do desejo do Outro e só assim poder constituir seu próprio desejo. Eis aqui a articulação que eu tencionava fazer com relação à transferência. É aqui, que se possibilita revelar a causa da constituição do sujeito, sob transferência. A causa do desejo é o objeto *a* enquanto mantido fora de possibilidade de revestimento e propulsor do movimento de

tentativa de revestimento dos diversos objetos que podem se constituir a partir do objeto perdido.

O trabalho analítico só é possível sob transferência, pois é a partir dela que é possível constatar o revestimento sintomático que o sujeito faz quanto aos objetos. É com a introdução de um real por parte da analista, enquanto agente, que se torna possível depreender o objeto função dos objetos objetiváveis.

O analista deixa o real aparecer, na verdade, ele o invoca, pois é o real que opera na psicanálise, no experimento. E ao invocá-lo traz com ele a transferência.

A distinção dos três planos é decisiva na direção do tratamento, do manejo da transferência calcado no desejo do analista de obter a diferença absoluta. Para manter distância entre I (idealização) e *a* (semblante) é que Lacan aponta.

3.3 – A transferência como ponto de rompimento com o saber científico

Como pudemos ver esses fenômenos, advindos da transferência, experienciados por Freud o tirou definitivamente dos trilhos de um discurso puramente científico, levando-o a tentar produzir um saber sobre a transferência que o levará, inevitavelmente, à estruturação do sujeito. Abordagem que será desenvolvida em sua real abrangência por Lacan, na formulação criteriosa do conceito de sujeito.

A partir da ignorância do saber médico para responder sobre as causas dos sintomas histéricos fez com que Freud se visse impelido a investigar outro tipo de saber. O encontro com a transferência leva o campo psicanalítico a sair dos trilhos do conhecimento científico e a constituir um novo campo da práxis e conseqüentemente de saber: a psicanálise. Tal perspectiva coaduna com a ligação intrínseca entre teoria e clínica no campo psicanalítico.

A transferência aparece a partir da associação livre, que traz a palavra e o Outro. A análise instala o Outro, o que viabiliza o exame da cadeia significante, e, portanto, traz também o furo da cadeia e do Outro - o real. Real esse revelado na resistência e na transferência. O campo psicanalítico se reconstitui a cada vez sob transferência.

O campo psicanalítico se reconstitui a cada vez sob transferência. Assim, pode-se inferir que o campo psicanalítico e o campo transferencial se estruturam analogamente, como se estrutura o sujeito. O campo transferencial, ao se estabelecer, refaz a cada vez a estruturação do sujeito, elemento excluído pela ciência.

Na introdução do seminário XI, supracitado, verificamos que a abordagem de Lacan, a propósito da excomunhão, inicia-se com o questionamento sobre o que é a psicanálise e que tal indagação desemboca na práxis psicanalítica. Em decorrência dessas interrogações Lacan chega à pergunta: a psicanálise é ciência?

Elucida que uma ciência tem um objeto, “Podemos sustentar que uma ciência é especificada por um objeto definido, pelo menos, por um certo nível de operação, reproduzível, que chamamos de experiência”.¹⁷³

Lacan nos convoca a ter atenção acerca do fato de que o objeto muda segundo a evolução de uma ciência e nos orienta a fazer um recuo tático para interrogar a delimitação de um determinado campo a partir de sua práxis. É no nível de um determinado campo que um cientista da ciência moderna se situa? Lembremo-nos de que o cientista moderno não é mais o homem medieval que sabe de tudo.

Uma ciência não pode ser definida apenas pela noção de experiência a partir do campo de uma práxis. Lacan ainda afirma que tanto “... Uma falsa ciência, assim como uma verdadeira, pode ser posta em fórmulas”.¹⁷⁴ Posto isto a formulação não é suficiente para delimitar um conhecimento e seu campo de ação.

“A que dizem respeito as fórmulas na psicanálise? O que é que motiva e modula esse deslizamento do objeto? Existem conceitos analíticos de uma vez por todas formados? A manutenção quase religiosa dos termos dados por Freud para estruturar a experiência analítica, a que se remete ela? Tratar-se-á de um fato muito surpreendente na história das ciências – o de que Freud seria o primeiro, e permaneceria o único, nessa suposta ciência, a ter introduzido conceitos fundamentais? Sem esse tronco, sem esse mastro, esse piloti, onde amarrar nossa prática? Podemos dizer mesmo que se trata, propriamente falando, de conceitos? Serão conceitos em formação? Serão conceitos em evolução, em movimento, a serem revistos?

Creio que aí esta uma questão sobre a qual podemos afirmar que algum avanço já foi feito, numa via que só pode ser de trabalho, de conquista, visando resolver a questão de *se a psicanálise é uma ciência*.”¹⁷⁵

A análise tem sua gênese no fazer falar, no escutar do discurso histórico o que levou à revelação da transferência. A retomada dessa origem é essencial para a sustentação do saber produzido pela Psicanálise e na delimitação de seu campo. Para tanto, no seminário em questão, Lacan estabelece os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise a partir de Freud. A transferência é um desses conceitos e só através dele e a partir dela que se pode viabilizar o surgimento do sujeito e de seu desejo.

¹⁷³ Idem, ibidem, p. 15

¹⁷⁴ Idem, ibidem, p. 17.

¹⁷⁵ Idem, ibidem, p. 18.

Neste capítulo percorremos as elaborações freudianas e lacanianas quanto à transferência no intuito de colocá-la no cerne da questão que impulsiona esta dissertação. A transferência, advento estrutural, possibilita o surgimento de alguns fenômenos constatados por Freud e motivadores da produção do saber psicanalítico. Tal produção aponta para uma subversão a partir do discurso científico.

Seja a transferência revelada através da repetição, da resistência ou de seu caráter de sugestão, sempre demonstra que só a partir dela é possível o acesso à constituição do sujeito, conceito elaborado por Lacan e base para a sua tese de correlação entre o sujeito da ciência e o sujeito da psicanálise.

A transferência em Lacan também assume um papel de importância no resgate da psicanálise e na interrogação constante de seus conceitos a partir da clínica, apenas possível com o estabelecimento da transferência. Por isso revisitamos as contribuições lacanianas que dizem respeito à diferenciação entre necessidade, desejo e demanda; alienação e separação; a figura topológica denominada toro; o *Banquete* de Platão; o Sujeito suposto Saber (SsS); a transferência e a repetição; a transferência e o desejo do analista; o real, o simbólico e o imaginário na transferência. Tal percurso visou destacar a transferência como mola fundamental - pivô para a construção do discurso psicanalítico a partir do discurso científico.

CONCLUSÃO

Para atingir nosso objetivo fez necessário, primeiramente, um primeiro passo de abordar a relação entre o discurso psicanalítico e o discurso da ciência e demonstrar como o primeiro é tributário, filiado ao segundo. Nele, abordamos os desenvolvimentos essenciais da história da ciência de forma a deixar claras suas bases e, assim, elucidar o passo epistemológico dado por Freud na construção da psicanálise.

Iniciamos demonstrando como a história da ciência está ancorada na cosmologia e seu início afetado pela religião. Toda visão do universo para o pensamento medieval estava de acordo com idéias baseadas em crenças católicas. Temendo perder poder e autoridade, a Igreja reprimia toda idéia que colocasse em cheque sua ciência, seu conhecimento e o livre desenvolvimento de outro caminho quaisquer que levasse a ciência. A filosofia grega foi muito utilizada nessa época, entretanto não de forma fidedigna. Assim sendo, o aristotelismo medieval não foi totalmente fiel a Aristóteles, pois estava contaminado com os valores cristãos da época, como, por exemplo, fez Santo Agostinho em sua *Suma Teológica*.

O ponto central no pensamento aristotélico medieval é o raciocínio causal que leva do ato ao agente e a impossibilidade de uma série causal infinita, principal em sua cristianização. Para Aristóteles, todo movimento pressupõe um motor e de motor em motor se chega à fonte de todo movimento, um motor imóvel e fim primeiro e último de todos os seres, porque não se pode prolongar indefinidamente uma série causal. É através desse pensamento que se prova a existência de Deus: a contingência dos seres não pode se prolongar indefinidamente, ou seja, em algum momento deve chegar a um ser não-contingente, imutável e necessário.

A consequência disso é um Cosmo finito que obedece a uma hierarquia perfeita, ordenada e harmônica, partindo do inferior em perfeição ao superior. Os seres são régios, em última instância, por seus graus de perfeição.

A matemática, como uma ciência abstrata, não pode tratar dos seres reais da física, para Aristóteles, sustentada a partir da percepção dos fenômenos. Aristóteles não se preocupa com a precisão ou quantificação dos fenômenos, mas com as qualidades sensíveis. Aristóteles diz que nem sempre é necessário recorrer à matemática para demonstrar coisas sobre a natureza e sobre os fenômenos sensíveis. O não uso da matemática é proposital. O mundo revelado pela lógica aristotélica revela a forma de pensamento do homem de seu tempo, que começa pela percepção das coisas materiais, pela percepção sensível.

Em resumo, o pensamento aristotélico é marcado pela noção de um universo ordenado e hierarquizado e pela não utilização da matemática no seu estudo.

Tudo isso, porém, começou a ser questionado na época que ficou conhecida como Renascimento. O Renascimento foi responsável por diversas transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas, caracterizando-se como um corte em relação à estrutura medieval.

Começou a haver um repúdio à concepção filosófico-teológica medieval, marcada por uma visão teocêntrica, dando lugar ao humanismo e a uma série de valores e ideais relacionados à celebração do ser humano, colocando a dignidade e as necessidades do ser humano em primeiro plano e utilizando um senso crítico mais elevado. Foi nesse período que surgiu a chamada Revolução Científica, movimento cujos grandes nomes são: Nicolau Copérnico, Galileu Galilei e René Descartes.

É, a partir dessa revolução que a Ciência se separa da Filosofia e passa a se preocupar com um conhecimento mais estruturado e prático. A difusão da matemática proporcionou um desenvolvimento científico mais rigoroso e crítico, modificando a forma de se fazer ciência.

Nicolau Copérnico foi o responsável pela teoria do Heliocentrismo, considerada uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos, e o ponto de partida da astronomia moderna. Criticando a idéia de Ptolomeu de que os astros estavam em movimento desigual, Copérnico defendeu que tudo no universo se movia a uma velocidade invariável. Isso poderia ser verificado se o Sol fosse colocado no centro do universo e a Terra, como mais um planeta, percorresse uma órbita em torno dele, tal como os outros planetas. A teoria coperniana permitiu a emancipação da cosmologia da teologia, com a destruição de parte da hierarquia cósmica.

Com isso, a humanidade sofre seu primeiro golpe narcísico: o homem caiu de seu trono central, do centro do universo, do lugar mais adequado a um ser feito à imagem e semelhança de Deus. Agora ele estava num planeta igual aos outros e isso promoveu profundas mudanças na visão do homem sobre si e sobre seu lugar na criação.

Se, por um lado, Galileu Galilei se interessava, como Aristóteles, pelas qualidades do mundo sensível, mas não pela variedade dos fenômenos. Ele pretende reduzir o real ao geométrico, ultrapassando a realidade sensível através da construção de leis matemáticas que forneçam uma inteligibilidade aos fenômenos. Assim, se Galileu quer colocar tudo de forma matemática, isso o leva a abandonar o mundo qualitativo. Trata-se de uma

“dessa substancialização” do objeto¹⁷⁶, através da qual a qualidade e o conhecimento através da percepção sensorial são banidos. Galileu introduz uma ruptura entre a tradição aristotélica de percepção do mundo pelos sentidos e o mundo real sem qualidades, entendido por leis matemáticas. Sua abordagem matemática foi tão eficaz, que se tornou a marca da nova física dos séculos XVII e XVIII, razão pela qual é chamado de “pai da física matemática.”

Assim como Galileu, Descartes vai se refugiar na matemática como a cadeira mais confiável e menos suscetível ao erro. Um das conseqüências do Renascimento foi a dúvida em relação à verdade. Essa crise culminou com o rompimento da ciência com a religião e com a descoberta do homem de que ele é capaz de decidir por si. O mundo deixou de ser sagrado e tornou-se um objeto de uso para o próprio homem. A resposta de René Descartes a toda essa situação foi a afirmação da certeza da razão. Descartes, então se desfaz de todas suas idéias anteriores, destrói todas suas crenças, todas suas opiniões e as submete à razão. Para Descartes, duvidamos de alguma idéia se ela é confusa e obscura. Para sabermos se ela é falsa, devemos testá-la através da dúvida. Esse é o método cartesiano. Toda idéia que não se sustentar na dúvida, trata-se de uma idéia falsa, ou, pelo menos, inferior, contaminada de qualidades.

É a partir da “dúvida” que Descartes coloca as idéias pré-estabelecidas sob o crivo do questionamento. A dúvida, que destitui todo saber produzido, imposta por Descartes, é que possibilitará um corte epistemológico e a criação de um campo científico no início do século XVII.

A partir de então, os cientistas modernos não mais consideram aquilo que é sensível na observação e no estudo dos objetos, mas aquilo que pode ser quantificado. É o abandono do privilégio aristotélico na avaliação dos fenômenos, promovido por Galileu e por Descartes. Se os órgãos do sentido eram partidários do senso comum que contaminavam a ciência matemática era o meio de escapar dos erros, garantir a fidedignidade dos resultados e a clareza das idéias. O senso comum não é ciência.

Sigmund Freud, no século XIX, fez um corte epistemológico com a ciência moderna, representada pela medicina, quando criou a psicanálise. Logo nos seus primeiros estudos sobre a histeria, ele começou a defender idéias que contrariavam as “crenças” médicas. Podemos dizer que, na medida em que os sintomas histéricos desafiavam as explicações anatomo-fisiológicas, eles interrogavam o saber médico. O corpo da histeria não era o mesmo que o corpo da medicina e ele operava e fazia padecer. Nos sintomas histéricos não se

¹⁷⁶ MILNER, *A obra clara*, 1995, p. 33.

tratava, portanto, e um corpo da medicina, mas de um corpo regido por um Outro saber, o saber do inconsciente, que se relaciona com o senso comum.

Mas, apesar dessa relação do saber inconsciente com o senso comum, Freud não deixa de ser cartesiano – como vimos Descartes desprivilegiava o saber do senso comum – porque é a partir da dúvida que ele afirma a certeza. Freud não rompe com o cientificismo de sua época, ao contrário, ele segue os ideais desse cientificismo. Para demonstrar isso Lacan faz alusão ao rompimento de Freud e Jung, uma vez que o último dota o sujeito de profundezas, de arquétipos. Enche o sujeito de qualidades. Diferente do primeiro que se atém à pontualidade e evanescência do aparecimento do sujeito, verificável através das formações do inconsciente. Desqualificação, se assim podemos dizer, do sujeito, imposta pelo cogito à ciência.

Freud, logo no princípio de suas elaborações, constatou a impossibilidade dessa correlação unívoca entre causa e efeito, tanto que abandonou sua *teoria da sedução*, substituindo-a pelas noções de *fantasia inconsciente*, *realidade psíquica* e *sexualidade infantil*. Se Freud permanecesse no caminho da teoria da sedução estaria respondendo com o mesmo discurso da ciência, pois estaria foracluindo o sujeito também. Se Freud tivesse insistido em trilhar, com antolhos, o discurso científico teria criado mais uma crença acerca do humano.

As teorias sexuais, desenvolvidas primordialmente no texto freudiano chamado *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), são decorrência da interpretação de cada sujeito sobre suas próprias teorias, tal fato se deve condicionalmente ao fato da não existência unívoca de uma explicação científica sobre a sexualidade humana, assim sendo fez-se necessário a construção do conceito de pulsão, surge nos trilhos do instinto.

Até este ponto pôde-se verificar que Freud empreendeu sua formulação teórica a partir da clínica, perseguindo com afincado o caráter científico de sua descoberta, porém, ele se depara com um saber que se constitui a partir de um furo.

Toda essa subversão, porém, só foi possível porque Freud se deparou com um fenômeno que veio a chamar de transferência. O percurso metodológico clínico freudiano, da hipnose, passando pela sugestão, e chegando à associação livre só foi possível por causa dos fenômenos advindos da transferência, surgidos no encontro com as questões da histeria. O encontro com a transferência leva o campo psicanalítico a sair dos trilhos do conhecimento científico e a constituir um novo campo de saber: a psicanálise.

Em última instância, podemos dizer que a transferência foi o pivô da mudança discursiva que possibilitou o surgimento da psicanálise. A transferência, se assim podemos

dizer, permite a subjetivação da ciência, uma vez que reinclui aquilo que ela expurgou.

Ao entregar-se a livre associação, na busca de sua verdade, de seu desejo, o paciente se depara com o limite da palavra, presentificado no analista enquanto Outro (pivô), ouvinte fundamental, que possibilita o desdobrar da própria palavra e a produção de significantes. Isso dá margem a um erro subjetivo, representado pelo lapso, pelo ato falho, pelo esquecimento, etc., que denuncia a existência de um saber Outro, o inconsciente.

Esse fenômeno experienciado por Freud o tirou definitivamente dos trilhos de um discurso puramente científico, levando-o a tentar produzir um saber sobre a transferência que o levará à estruturação do sujeito, que será desenvolvida em sua real abrangência por Lacan, na formulação criteriosa do conceito de sujeito.

Se, porém, a ciência expulsa o sujeito de seu campo, a psicanálise o faz retornar em sua importância. Essa subversão que a Psicanálise produz na Ciência se dá em função da introdução de um elemento que a própria Ciência inventou e que depois excluiu: o sujeito.

A transferência está articulada com o significante, com o amor, com a identificação, com o sujeito suposto saber, com um sujeito barrado pelo o efeito da castração, pelo *objeto a*, pela pulsão, pelo inconsciente como realidade sexual. O analista opera no interior desta estrutura remetendo o paciente a metonímia de seu desejo e sua causa. É exatamente aí, no que se refere ao desejo, constituído como desejo do desejo do Outro, o tesouro dos significantes, é que advém o sujeito.

Ao reintroduzir aquilo que a Ciência exclui, porém, a Psicanálise perde o seu lugar na Ciência e funda não somente uma novidade discursiva, uma outra ciência, mas um verdadeiro rompimento discursivo. O discurso da Psicanálise é Outro. O que a Psicanálise fez foi captar na Ciência o elemento excluído e colocá-lo como seu referente absoluto, fundando, assim, um novo campo de saber.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- ASSOUN, Paul Laurent. *Introdução a epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BAAZ, B. & ZALOSZYC, A. *Descartes y los fundamentos del psicoanálisis*, Buenos Aires, Atuel – Anáfora, 1994.
- BIRMAN, Joel. *Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- CLAVREUL, J., *A ordem médica : poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DICIONÁRIO Aurélio, 2ª ed, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.
- DOR, Joel. *A-cientificidade da psicanálise*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- ELIA, Luciano. “Ciência sem coração, Uma” in *Agora, Estudos em Teoria Psicanalítica*. Vol. II, número 1. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.
- _____. “Psicanálise: clínica & pesquisa” in ALBERTI, Sônia Alberti & ELIA, Luciano (orgs.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- _____. *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*, Rio de Janeiro, Uapê, 1995.
- FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas* (1893) in op. cit. vol. I.
- _____. *Dois verbetes de enciclopédia* in op. cit. vol. XVIII.
- _____. *Cinco lições de psicanálise* in op. cit. vol. XI.
- _____. *Conferência XXVII* (1917) in op. cit. vol. XV.
- _____. *Conferência XXVIII* (1917) in op. cit. vol. XV.
- _____. *Conferência XXXV* (1932) in op. cit. vol. XXII.
- _____. *Dificuldade no caminho da psicanálise, Uma* (1917) in op. cit. vol. XVII.
- _____. *Dinâmica da transferência* (1911) in op. cit. vol. XII.
- _____. *Estranho, O* in op. cit. vol. XVII.
- _____. *Estudos sobre a Histeria* (1895) in op. cit. vol. II.
- _____. *Fragmento de um caso de histeria* (1905) in op. cit. vol. II.
- _____. *Hereditariedade e a etiologia das neuroses, A* in op. cit. vol. III.
- _____. *Interpretação dos Sonhos, A* (1900) in op. cit. vol. IV-V.

- _____. *Método psicanalítico de Freud, O* in op. cit. vol.VII.
- _____. *Observações sobre o amor transferencial* (1915) in op. cit. vol. XII.
- _____. *Prefácio a De La suggestion et des applications à La thérapeutique* in op. cit. vol.I
- _____. *Projeto para uma psicologia científica* (1895) in op. cit. vol. I.
- _____. *Pulsão e suas vicissitudes* (1915) in op. cit. vol.XIV.
- _____. *Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise* in op. cit. vol.XII
- _____. *Recordar, Repetir e Elaborar* in op. cit. vol.XII
- _____. *Resenha de hipnotismo* in op. cit. vol.I
- _____. *Sobre a Psicanálise* in op. cit. vol.XII
- _____. *Sobre o início do tratamento* (1913) in op. cit. vol. XII.
- _____. *Tratamento psíquico* in op. cit. vol.VII
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. *Mal radical em Freud, O*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. *Palavra e verdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- GRANON-LAFONT, Jeanne Granon- *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- HARARI, Roberto. *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. São Paulo: Papirus, 1990.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução à epistemologia da psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- _____. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. *Psicanálise Ciência ou Contraciência?*, Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- _____. *Questões epistemológicas*, Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O Legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes* (1963), Lisboa, Editorial Presença, 1992.
- _____. *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, Rio de Janeiro: Ed Forense Universitária, 1957.
- _____. *Estudos de história do pensamento científico*, Rio de Janeiro: Ed Forense Universitária, 1991.

- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Ciência e a verdade, A* (1966) in op. cit.
- _____. *Função e campo da palavra e da linguagem* (1953) in op. cit.
- _____. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960) in op. cit.
- _____. *Variantes do tratamento-padrão* (1953) in op. cit.
- _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Proposição de 9 de outubro de 1967* in op. cit.
- _____. *Seminário, O - Livro 1: Os escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- _____. *Seminário, O - Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Seminário, O - Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. *Seminário, O - Livro 9: A identificação*. mimeo.
- _____. *Seminário, O - Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. *Seminário, O - Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. *Seminário, O - Livro 22: RSI*. mimeo.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARTINHO, MARIA HELENA COELHO. *A debilidade do pai*; Marraio, Revista de Psicanálise, Rio Ambiciosos, 1992.
- MARTINS, Ricardo Barbosa. *A clínica da histeria e caso Katharina de S. Freud*, Tese de mestrado Psicologia Clínica – USP, 1999.
- MILLER, Jacques-Allain. *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- MILNER, Jean-Claude. *Obra Clara, A*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- QUINET, Antonio. *4+1 condições da análise. As*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SAFOUAN, Moustapha. *Transferência e o desejo do analista, A*. Campinas: Papyrus, 1991.
- _____. *Angústia-Sintoma-Inibição*. Campinas: Papyrus, 1989.
- SOLLER, Colette. *Artigos Clínicos*, Salvador: Fator, 1991.

TRILLAT, Etienne. *História da Histeria*, São Paulo: Escuta, 1991.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)